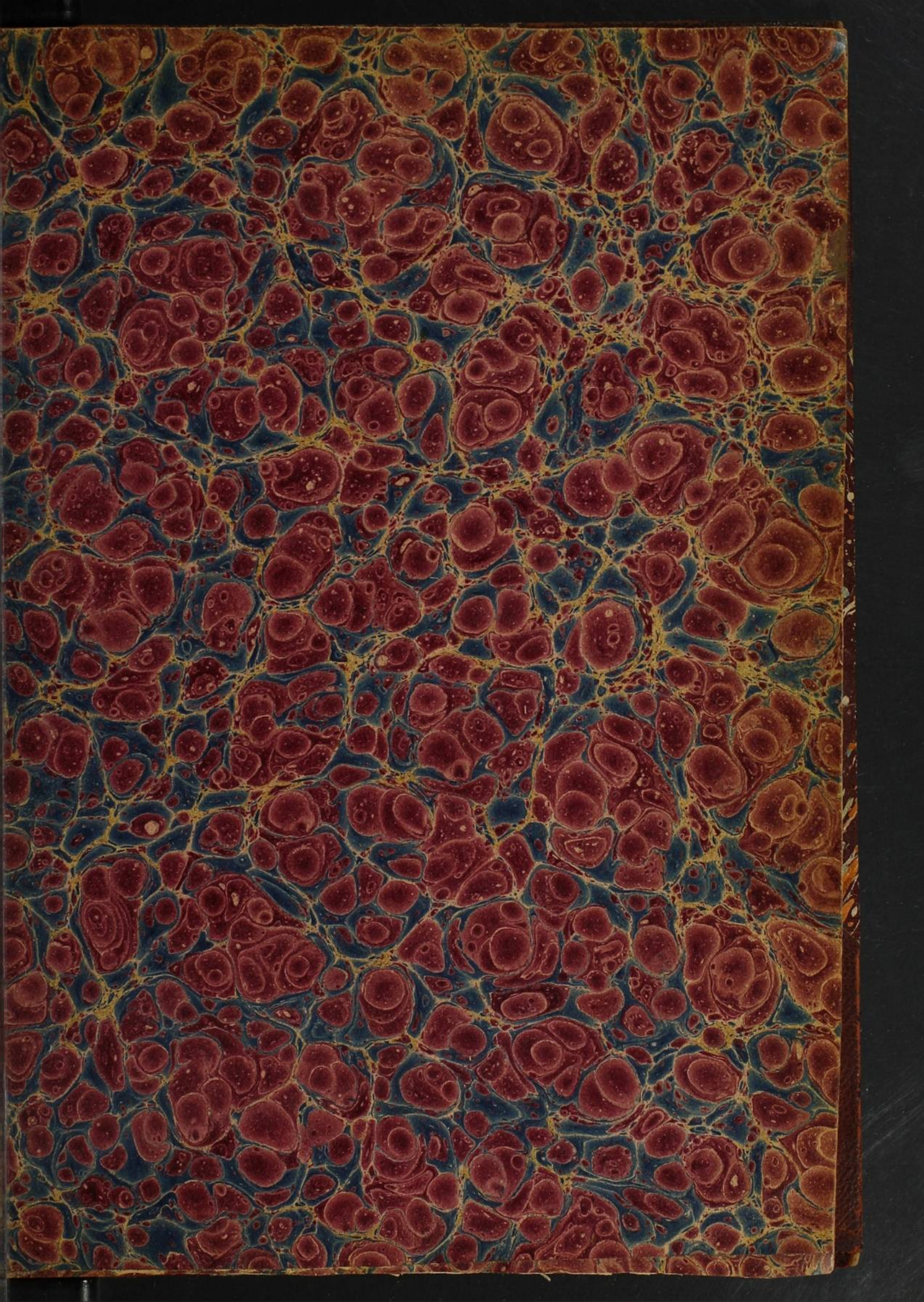
The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring large, irregular, cell-like shapes in shades of deep red and blue, with thin veins of gold or yellow. A central rectangular label with a thin double-line border is pasted onto the cover. The text on the label is centered and reads: "Le ne fay rien sans Gayeté (Montaigne, Des livres) Ex Libris José Mindlin".

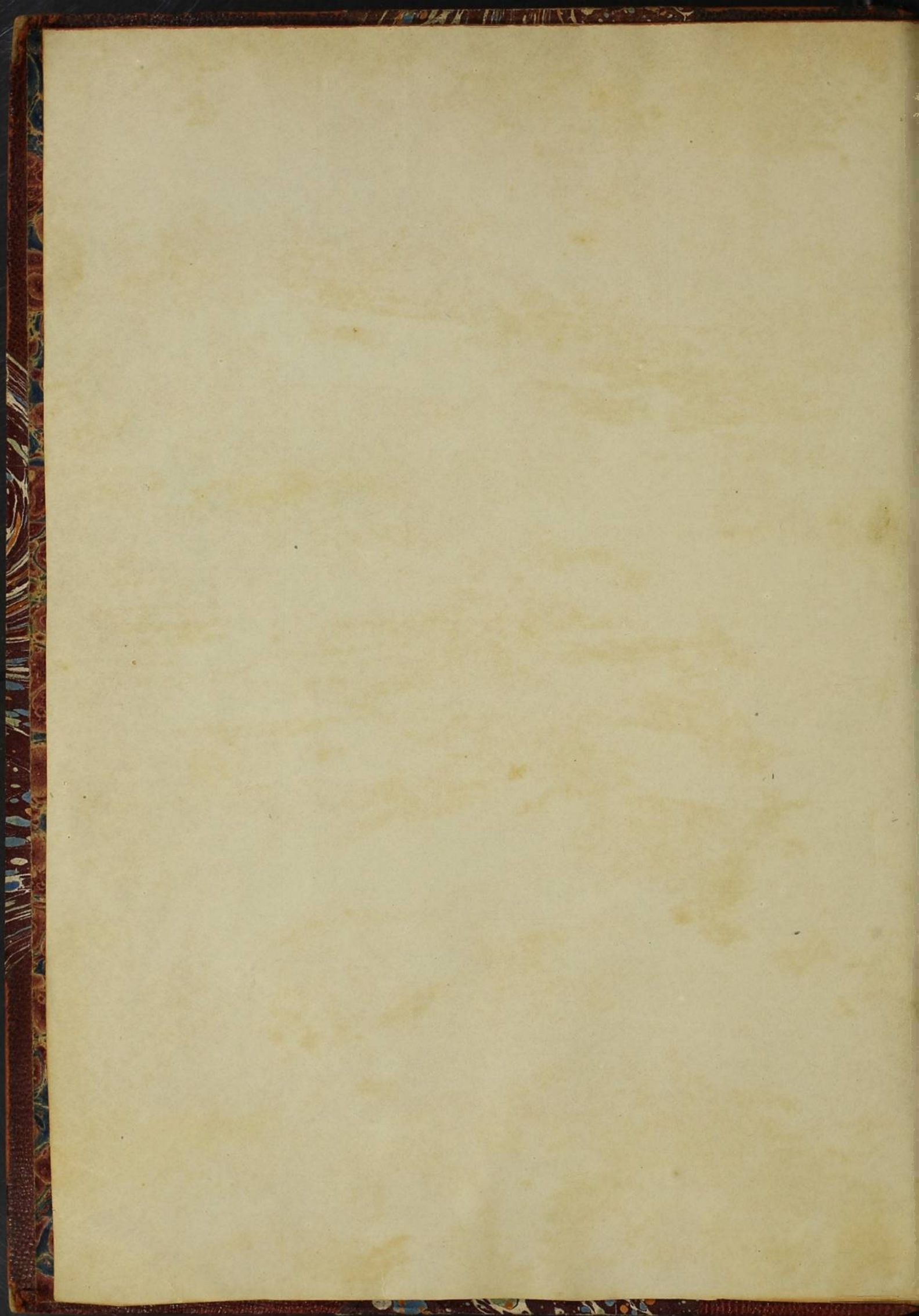
Le ne fay rien
sans

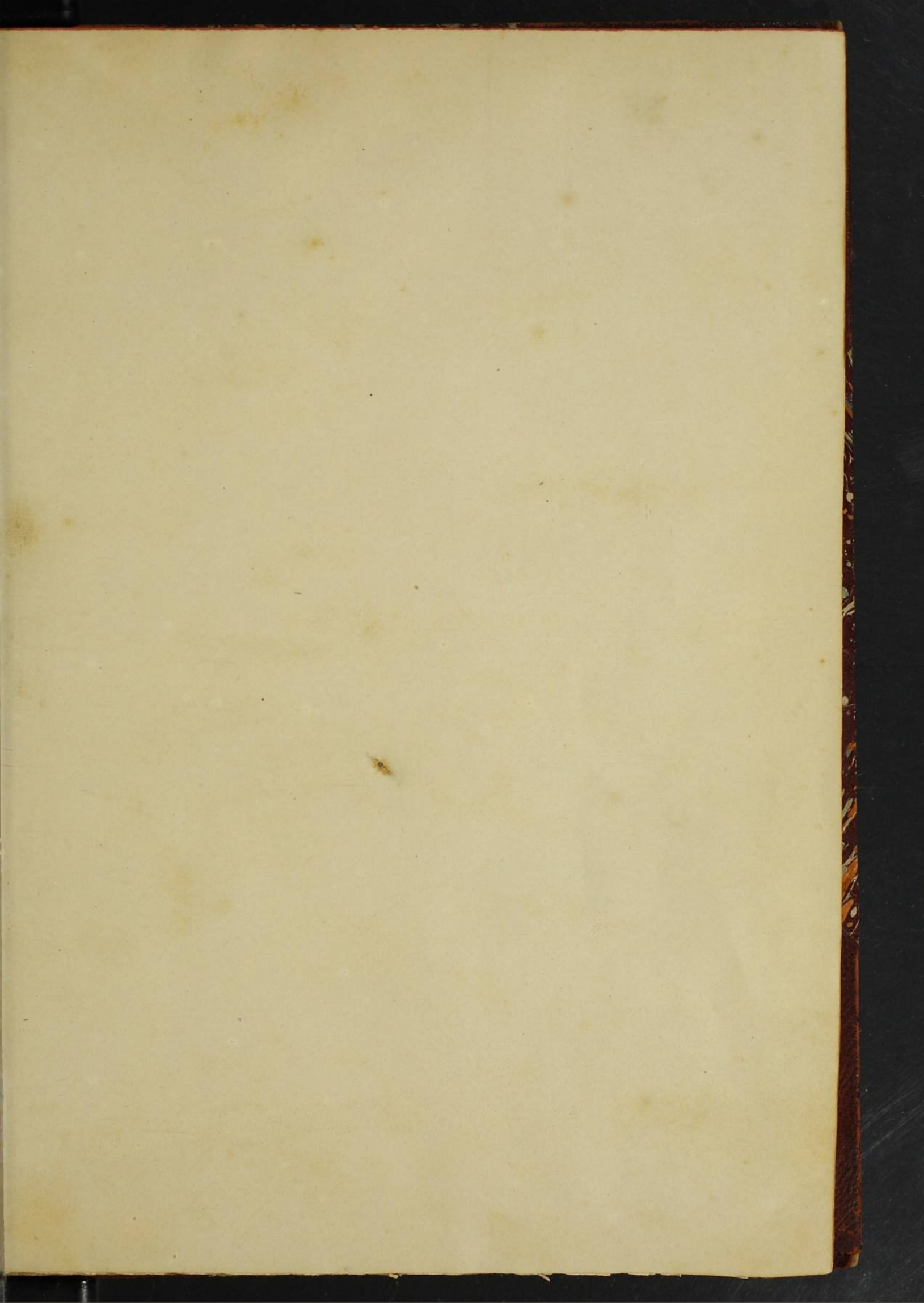
Gayeté

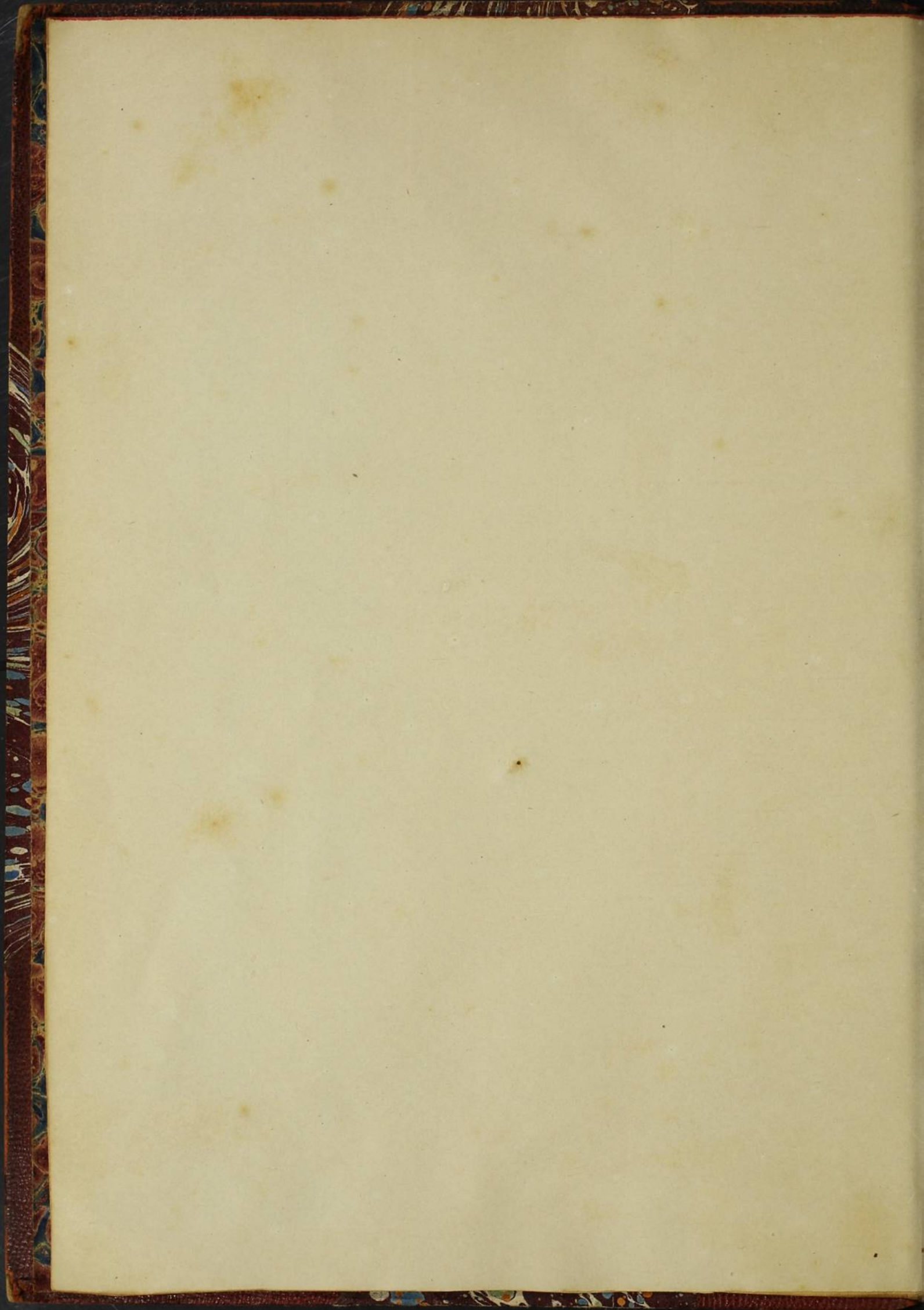
(Montaigne, Des livres)

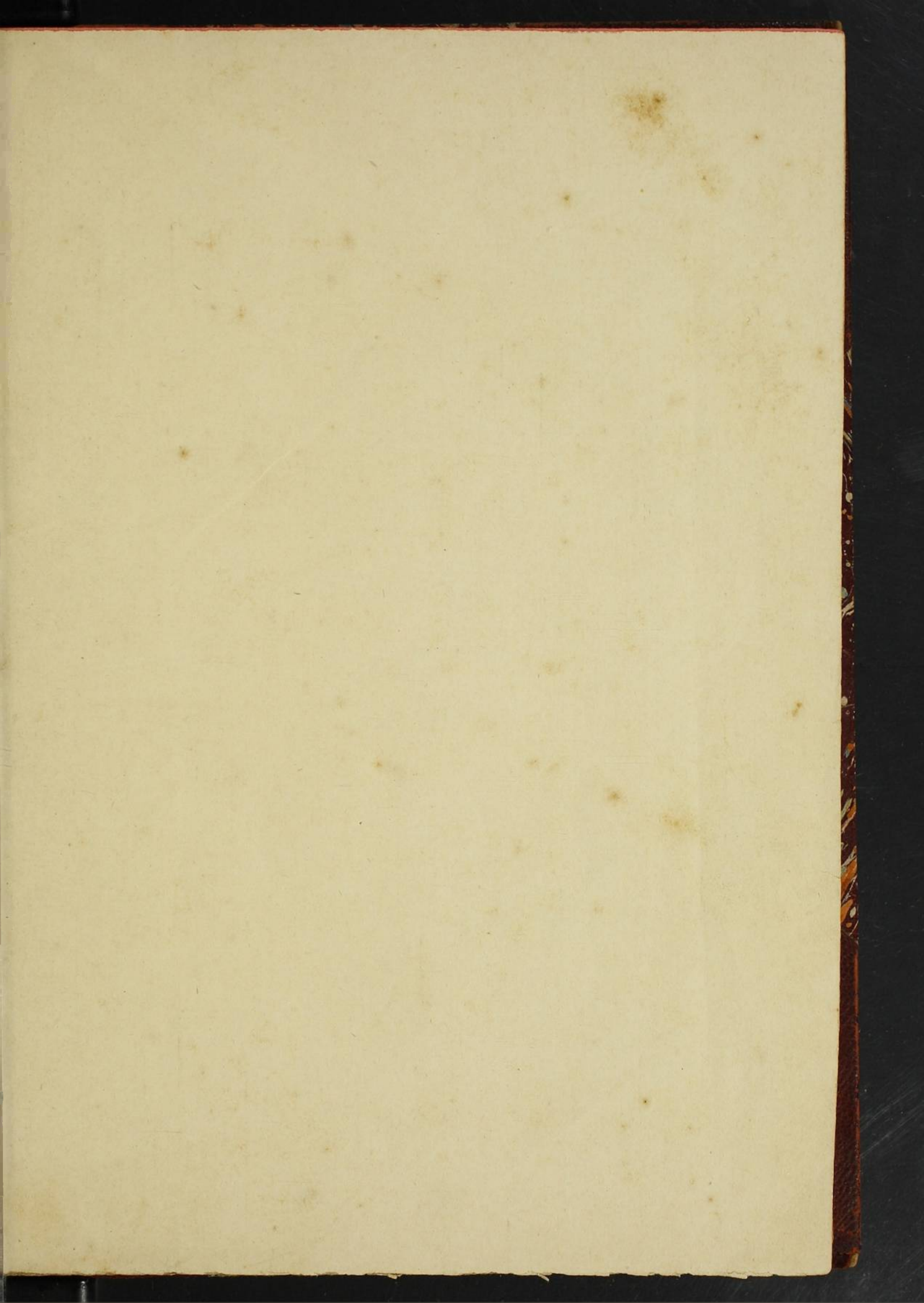
Ex Libris
José Mindlin

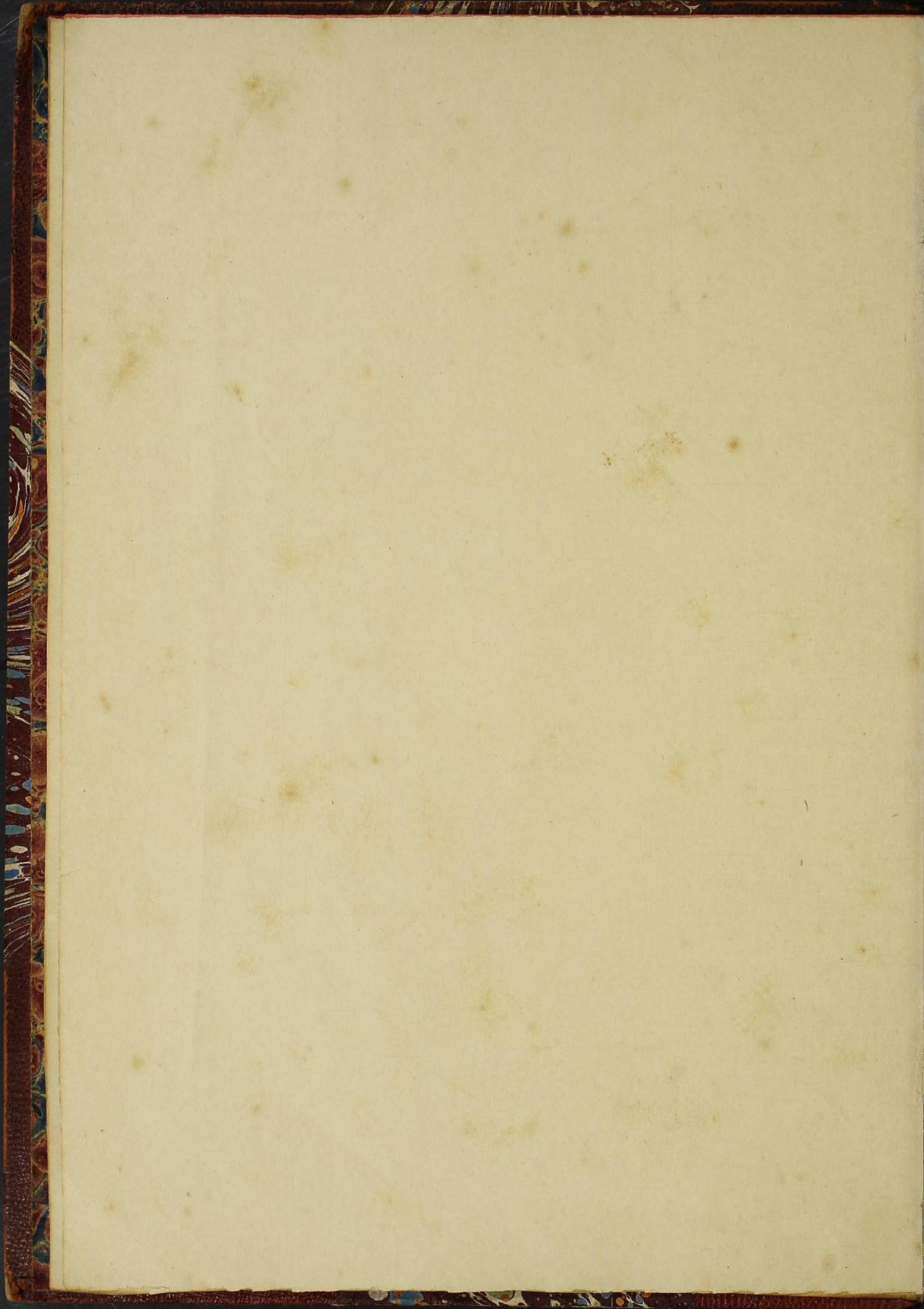








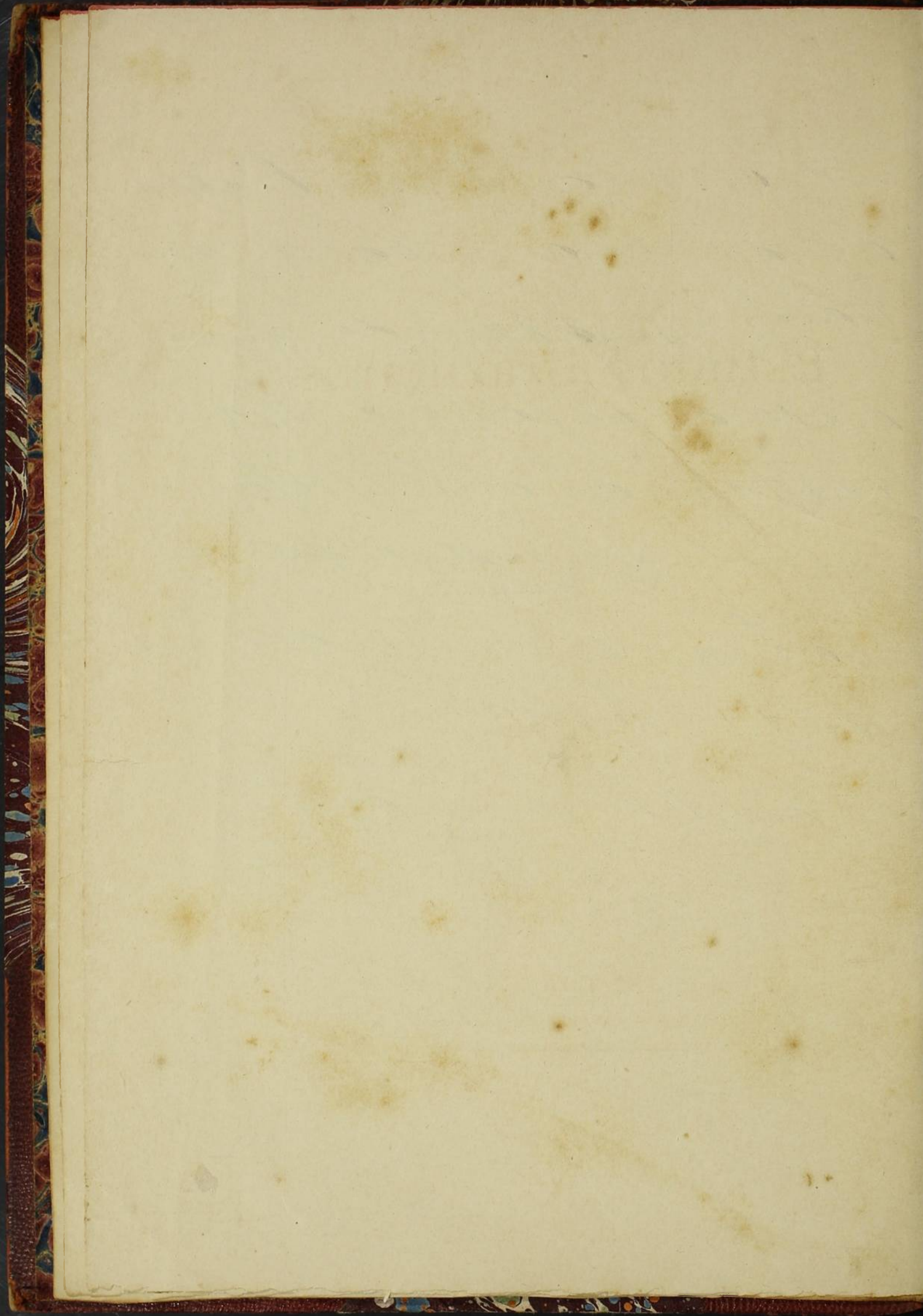




So venerando Sr Visconde
de de Beaupaire Ro-
han, homenagem de quem
desde a infancia se a-
costumou a despiritalo
pelos seus serviços á
Estudos Brasileiros
patria e culto ás
suas lettras.

Para, 11 de Junho de 89

Jose Luiz



JOSÉ VERISSIMO

Estudos Brasileiros

(1877-1885)

«*Pelo Nome*»



Pará

EDITORES — TAVARES CARDOSO & C.^ª

LIVRARIA UNIVERSAL

—
1889

Pará

TYP. DE TAVARES CARDOSO & C.^ª

29—Travessa de S. Matheus—31

1889



Nos paizes de alta cultura e consoante vida intellectual, como Allemanha, França ou Inglaterra, as collecções de artigos de gazetas ou estudos de revistas entram hoje consideravelmente na producção espiritual. Mais justificado, parece, deve ser semelhante maneira de publicação em paiz como o nosso onde embryonaria a vida intellectual não pode constituir profissão ou ao menos aturado emprego, condições materiaes ao meu vêr indispensaveis aos trabalhos de largo folego, e quando muito dá logar ás publicações de occasião que mais tarde o seu autor, em geral por uma innocente e desculpavel illusão, julga dignas de colligidas em livro.

Dadas as condições geraes da nossa sociedade apenas excepcionalmente poderemos tentar estudos de conjuncto e publicar volumes de uma vez feitos. Se a nossa historia litteraria quizesse descer a minuciosidades bio-bibliographicas, quiçá importantissimas, viria talvez a reconhecer que os poucos d'esses livros entre nós publicados, exceptuados os productos da appellidada litteratura amena ou didascalica, o foram por sujeitos abastados e dados ás letras, ou por funcionarios bem remunerados pelo Estado ou que, emfim, se viram em condição privilegiada para fazel-o. Em qualquer d'estes casos, estão os Srs. Visconde de Porto Seguro, Pereira da Silva, Norberto Silva, Candido Mendes, Raiol, Couto de Magalhães, Caetano da Silva e outros.

Não sendo a litteratura entre nós senão um passatempo, como para nossos avós era o dar e glozar mottes em escolhida assembléa, ou ainda hoje advinhar charadas de pós o chá de familia, não ha quem não direi possa d'ella exclusivamente viver mas siquer com ella ajudar a vida, conforme praticamente se diz.

A não serem os traductores, parodiadores ou que nome tenham dos *vaudevilles* francezes do Rio de Janeiro e ali tambem arranjadores de revistas do

anno, gente que não sei se é possível contar na litteratura nacional, ignoro que haja n'este paiz alguma pessoa para a qual as lettras sejam outra cousa que não um porventura consolador desenfado a occupa-ções accaso menos bem queridas, porém mais praticamente uteis.

Não é com taes elementos que se podem publicar livros, que não achariam ainda a mais parca remuneração do tempo e trabalho n'elles dispendidos. Ficamos, então, reduzidos a escrever nos jornaes diarios pois nem revistas ou periodicos litterarios temos, e aquelles crêem ainda favorecer-nos publicando gratis a nossa prosa que ao depois, quando se nos depara alguma rara facilidade—reparem que não digo felicidade—ajuntamos em um máo volume, previamente convencidos de irmos fazer um máo negocio.

Tal é a condição material da nossa litteratura, e me persuado que hoje em dia a condição material de uma litteratura affecta profundamente o seu desenvolvimento e os seus productos. Por isso a Critica quando houver de julgar-nos, a nós despremiados escriptores brasileiros, deveria ter sempre em vista este ponto de relatividade.

É batido este thema, sei-o, e sou forçado a vencer

algun pejo para volver a elle; mas que fazer sinão tomar por nossa conta o *clama, clama ne cesses?*...

Em um paiz de leguleios, ¹ na terra classica da ignorancia governamental, onde ministros de Estado, como o tem soberanamente provado em famosos episodios parlamentares, nem grammatica ao menos sabem, assoberbado pela preocupação exclusiva não da politica como arte séria de governo mas como meio exclusivo de poder, politica sem ideal, sem nobreza, sem moral, com sacrificio de quaesquer interesses nacionaes que não sejam os immediatos do partido — o que ha a esperar para a vida intellectual da nação?

A instrucção publica, seu alicerce natural, é apenas uma alinea obrigada da *falla do throno* ou um thema rhetorico dos programmas ministeriaes. A primaria acha-se na desorganisação mais completa, no estado mais lastimavel que é possivel conceber, e a metaphysica constitucional entregando-a, por um mal entendido espirito de descentralisação, ao cuidado das provincias cujas populações além de, em maioria

¹ A frase é do Sr. Sylvio Romero.

ao menos, carecerem de competencia, por via de regra indifferentes, condemnou-a a improficuidade. A secundaria a um tempo sobrecarregada e deficiente, apesar das successivas e multiplas reformas que parecem apenas visar o interesse de certos livreiros da *Côrte* e especuladores d'essa vergonha da nossa litteratura pedagogica chamada *os pontos*, com o estabelecimento dos exames nas provincias principalmente, caío em uma degradação tal que a menos de reformas radicaes e effectivas torna-se como está uma ameaça para o futuro intellectual do paiz. A superior, limitada ás especialidades praticas da medicina, da jurisprudencia e da engenharia e, de commum, feita sem bons estudos preparatorios, é, ainda assim, e não obstante a superabundancia de máos resultados comprovados pela copia de insignificativos diplomas que distribue, aquella que, não tendo em conta sinão as tres referidas especialidades, se acha em melhor situação.

A industrial não existe. A artistica envolve-se ainda para nós nas sombras do mytho. A professional escapa até agora á esphera da nossa actividade politica.

Não possuímos uma só escola superior de litteratura ou de sciencias. Parece incrivel que não tenha-

mos uma cadeira superior de lingua e litteratura nacional, nem tão pouco da nossa historia. ¹

Este paiz que vae caminho de 20 milhões de habitantes, de uma população homogenea, que tem a pretensão á hegemonia da America do Sul apenas possúe como estudos superiores os cursos especiaes apontados.

Ás sciencias naturaes em suas multiplas categorias e vasta complexidade, aos variadissimos ramos da actividade mental da humanidade hodierna, a anthropologia e a linguistica, a historia das religiões e a philologia, as linguas orientaes do grupo indoeuropeu ou do grupo semitico, as linguas romanicas, a ethnologia, a paleographia, a philosophia, as litteraturas antigas e modernas, emfim a todo esse formidavel trabalho intellectual que se faz á roda de nós, nós permanecemos praticamente extranhos. E n'este ponto não é só áquem da Europa que nos achamos, o que não seria talvez grande vergonha,

¹ No Collegio de Pedro II que parece ser a unica fundação séria de estudos secundarios do paiz, a cadeira de litteratura nacional, faz parte da de rhetorica e litteratura portugueza, e a historia do Brazil, é apenas elementarmente ensinada.

mas dos Estados Unidos, da Republica Argentina e do Chile, o que é triste.

No ultimo romance do Sr. Eça de Queiroz, *Os Maias*, ha um pequeno episodio de perfeita applicação ao Brazil. É aquelle em que o Ega obriga os seus interlocutores, entre os quaes está um ex e futuro ministro a reconhecerem que nada obstante os tão apregoados talentos de quantos se immiscuiam no governo portuguez eram todos concordes em affirmar que Portugal era, na frase petulante do *boulevardier* do Chiado, *uma choldra*.

No Brazil — bom filho de Portugal, pois não degenerou — reproduz-se o mesmo phenomeno de demopsychologia. A par de uma enorme tendencia á diffamação, tão caracteristica das sociedades mal educadas, floresce o opposto pendor ao encomio exagerado, ao excessivo e desmarcado elogio, julgamentos ambos superficiaes de gente preguiçosa e desleixada, sem a necessaria cultura ou o necessario senso moral para se impor a reflexão que exige qualquer especie de juizo.

Se houveramos de aceitar o que por ahi se afirma, creio não haveria no mundo paiz mais rico de capacidades de toda a sorte do que o nosso. Em se tratando de qualquer dos nossos homens publicos,

deputado, senador ou ministro, bacharel apenas saído das Academias, onde mal aprendeu a estudar, ou um dos numerosos doutores que estão quasi a formar a maioria da população, mofo fino verzejador ou fraco plumitivo, que, a menos que não acudam a detraçal-o, se não ouçam as frases consagradas: *é um talento, — é muito habil, — é uma capacidade, — intelligencia de primeira ordem.* — O jornalismo indigena perdeu já a noção do que significam os termos eminente, illustre, illustrado e quejandos qualificativos. Em vez de raciocinar-se, faz-se a critica dos individuos com exclamações e adjectivos, o que, certo, é infinitamente mais facil.

Pois apezar d'esta plethora de talentos, illustrações, capacidades de toda ordem e casta, concordamos todos em que este é um baixo-imperio, uma nação estragada antes de amadurecida, um povo precocemente decadente, *uma choldra* para resumir com o Ega.

Em meio do desalento geral e da funda descrença que lavra não só os espiritos que o vento de scepticismo que sopra n'este fim de seculo tinha preparados, mas ainda o povo extranho aos embates do pensamento moderno, surge apregoando-se capaz de regenerar o paiz a idéa republicana.

Problemas ha, politicos ou sociaes, sobre os quaes ninguem que tenha a honra de pegar uma penna, sinão distincta, honesta e convencida, póde evitar de dizer o que sente. D'esses era hontem a escravidão, é hoje o republicanismo.

Que republicano venha a ser o governo do Brazil, é coisa que me parece certa. A republica no Brazil, sobre encontrar a influencia poderosa do meio americano, tem, com Beckmann, no Maranhão, em 1684, com os pernambucanos em 1710, 1817 e 48, com os mineiros em 1789 e 842 antecedentes historicos. A obra da unidade e integridade da patria, que aos olhos de todo pensador sério tornará benemerita á historia a monarchia brazileira, dado o desigual desenvolvimento das provincias, a geographia do paiz e um certo espirito separatista que nos infiltrou a organização colonial portugueza, não sei si se poderá manter sem a federação. Pela geographia, pela historia, pela ethnographia, e ainda pelas tradições e sentimento intimo do povo, a federação parece ser a fórmula definitiva — se definitivo ha alguma coisa — da patria brazileira. Tal federação, porém, não póde ser a sonhada pelo Sr. Joaquim Nabuco com mais sentimento do que intelligencia politica. Essa federação monarchica com uma só monarchia, a fazer lem-

brar o anedoctico edital prohibindo reuniões de mais de um, não ha quem a comprehenda no paiz, e se viesse a realisar-se em vez de sobrestar o advento da republica, como se antolha ao generoso e brilhante paladino do terceiro reinado, ella viria antes preparar a genesis, em uma qualquer crise social impossivel de prever e dirigir, mas infallivel, de pequenos Estados que mais tarde nem a monarchia enfraquecida, nem talvez a republica quando viesse, poderia reunir sob a sua bandeira. Não sei si S. Paulo, por exemplo, com seu forte e aliás legitimo orgulho provinciano, seu grande sentimento individualista, tendo-se separado em qualquer momento da federação brasileira se resolveria a volver a ella, com sacrificio de sua hegemonia.

Assim dizendo, sem pretenções a sociologista, que m'as vedam a convicção da minha incompetencia e o reconhecimento da enormissima difficuldade de taes problemas, o meu sentir de brasileiro em um momento sem duvida critico da nossa evolução social, julgo haver sufficientemente indicado que nenhum preconceito politico offusca o meu juizo: de ser elle tosco resulta sómente o que de errado haja n'estes conceitos.

Pois bem, forçosamente republicano, não por que

acredite na efficacia e infallibilidade da republica na qual vejo apenas uma resultante e não um factor, uma formula na evolução governamental, mas não a fórma definitiva que ainda escapa ás nossas previsões, porém por julgal-a determinada pelas nossas circumstancias politicas e evolução historica, é, sinão com hostilidade, ao menos sem nenhuma sympathy que encaro o actual movimento republicano, fadado por ventura a não remoto triumpho.

Conforme dizia ha bem pouco em um dos seus opusculos o Centro Positivista Brasileiro, grupo escolhidissimo onde, o que é já raro, as mais austeras virtudes se alliam ao mais sério estudo — não são as leis sinão os costumes que fazem as republicas. Profundamente e justamente descrente dos nossos homens, eu vejo-os os mesmos n'este movimento. Elles ahi estão com a mesma educação e indole, representando, afóra o rotulo, os mesmos costumes publicos, possuindo as mesmas tendencias e aceitando d'aqui e d'acólá as mesmas allianças. Aqui entre nós um dos chefes escreveu que declarar-se republicano é como um baptismo que de tudo lava e o orgão officioso sinão official do partido ha dias convidava o chefe supremo do partido conservador, padre e senador do imperio, que por momentaneamente ven-

cido n'uma d'estas mesquinhas luctas de politica de aldêa se lhe prefigurava despeitado, a declarar-se republicano.

Lemos os seus escriptores e ouvimos os seus conferencistas e ao cabo sómente occorre a todos os educados pelos graves pensadores desenganados das illusões da politica rhetorico-metaphysica a estafada exclamação de Hamlet: *Words, words, words...*

Todas as safadas idéas e accessorios da eloquencia jacobina, todos os chavões, as frases feitas, as chapas, como ora dizemos, que desde a Convenção, por 1830 e 48 chegaram até nós mediante não os grandes e melhormente conceituados historiadores, mas os Lamartine, os Victor-Hugo ou os Luiz Blanc e seus repetidores portuguezes ou indigenas, exornam as arengas dos novos tribunos.

Nenhum sentimento real e pratico das necessidades nacionaes, nenhuma comprehensão mais elevada e justa da historia ou das tradições patrias, nenhum conhecimento da moderna evolução do pensamento politico. A balofa eloquencia de academicos em festas litterarias. Os grandes palavrões. A metaphysica mais atrazada ao serviço de idéas que ingenuamente acreditam ultrapassar o seu tempo.

Como criterio sociologico a republica qual uma

panacéa e o ideal dos governos, a soberania popular elevada, consoante a metaphysica democratica, a um principio tão infallivel como era para os monarchistas da velha escola o direito divino dos reis, o parlamentarismo como a fórmula viva e perfeita em que para a felicidade das nações se encarna essa pretensa soberania, a innerrancia da multidão, a superioridade brutal do numero, tudo em summa que não ha hoje um pensador digno d'este nome, seja qual fôr a escola a que pertença, chame-se elle Aug. Comte ou H. Spencer, Bluntschili ou Fouillé, Laffitte ou Littré, Holtzendorff ou Molinari, Stuart Mill ou Lastarria, Renan ou Taine, que não tenha ao principio combatido e destruido e ao depois refugado como uma traparia só propria da preocupação dos clubistas de Paris.

Tudo isto, ao meu parecer ao menos, não promette uma republica muito intelligente nem sensivelmente diversa da monarchia actual. Dar-nos-á ella a liberdade que ora gosamos? Respeitará, como a monarchia tem respeitado, a livre expansão do pensamento? Terá alguma consideração pelas cousas do espirito? O desordenado amor da igualdade que caracteriza as democracias latinas não augmentará ainda mais a supremacia das mediocridades?

O futuro, bem cedo talvez, solverá estas questões.

Obscuro cidadão d'este paiz, que prêso como os que mais o querem, e fiado no justo conceito do excelso poeta da democracia tive uma boa intenção e francamente a disse. Dispensem-me de outros meritos, reconhecendo este. O mais util hoje seria abraçar sem restrições e lisongear sem continencia a opinião que vae vingar.

Não obstante ser adverso a umas certas generalisações hoje em voga, creio firmemente que entre a vida intellectual e a vida politica de um povo ha estreitas relações.

No periodo que atravessa o Brazil — um estadio de formação que mais parece phase de decadencia — do qual procurei dar com sinceridade e boa fé a impressão pessoal que d'elle tenho, a litteratura, e emprego aqui esta expressão como synonymo do conjuncto de todas as manifestações de ordem intellectual traduzidas pela escripta, no dominio da sciencia, no dominio da arte ou no dominio das letras, apenas existe.

O movimento iniciado cerca de 73 e que procurei esboçar em trabalho que faz parte d'este li-

vro,¹ cessou de repente. Affigura-se-me que em toda a historia litteraria do Brazil, si exceptuarmos a época de formação, não ha periodo de estagnação mais completa do que este que vamos atravessando.

Não existe — e este facto é por si mesmo eloquente — uma unica revista litteraria no paiz! Si houvessemos uma estatistica bibliographica, certo, teriamos de pejar-nos d'ella. Supprimam-se da nossa producção intellectual os livros didacticos, aliás pessimos, os formularios e quejandas publicações de praxe juridica, raro compendio estreitamente inspirado do francez para uso das academias, as folhinhas de Laemmert e as insulsas parodias dos vaudevillistas nacionaes, e o que fica é uma quantidade que se aproxima desoladoramente de zéro.

O Rio de Janeiro, o nosso natural centro intellectual, se não vae peor do que as provincias é por que não é possivel ir peor. Relativamente a litteratura ali não se manifesta muito mais e sobretudo muito melhor do que aqui ou algures. O mesmo folhetim, a tão dilecta fórma de litterato indigena, faz

¹ V. n'este volume *O movimento intellectual brasileiro*.

tudo menos litteratura. Tres ou quatro grandes jornaes que ali ha revelam a mais profunda aversão ou indifferença, pois não é licito suppor incompetencia, por tudo o que diz respeito á nossa vida intellectual, e largos espaços de tempo se passam nos quaes o que de mais difficil ha de se encontrar n'elles é o minimo symptoma d'ella. Nenhum se occupa, accidentalmente que seja, de litteratura, de sciencia ou de arte, sobretudo no ponto de vista patrio. Nenhum consagra uma secção ás cousas do espirito, e o *recebemos e agradecemos* já hoje typico e caracteristico, constitue-lhes todo o arsenal bibliographico. E não fôra a necessidade de lisongear o paladar nostalgico da numerosa colonia portugueza, em cujas mãos está o commercio e portanto a sua melhor clientela, creio bem que se eximiriam d'essa unica e para o paiz inutil manifestação litteraria das chronicas dos Srs. Pinheiro Chagas, Ortigão, Cesar Machado e outros.

Este livro, si livro é permittido chamar a uma collecção de artigos apenas entre si ligados pela mesma intuição philosophica e pelo objecto querido do assumpto — a patria — não é producto do momento presente. Não tem, pois, a pretenção de ser uma excepção na geral e tristissima estagnação da nossa producção intellectual.

Si este longo prefacio, em que accaso mal avisado deixei-me ir a considerações indiscretas e extranhas á minha escassa competencia, diz mal e imperfeitamente o intimo sentimento do estudioso brasileiro ante o descalabro politico e a consequente especie de apathia mental em que caimos, o livro é ainda um producto, de resto falhado e peço, do movimento espiritual que, meteoro fugaz, surgio e rebrilhou rapido no nosso horisonte intellectual ha alguns annos, e que em um momento não é por ventura exagerado dizer se condensou na mallograda *Revista Brasileira*.

Essa publicação, que me traz a lembrança saudosissima de um dos seus mais valorosos directores e efficazes collaboradores, um dos raros que n'este paiz têm tido o santo e nobre enthusiasmo das letras — Franklin Tavora — marca por assim dizer o apogêo e o prompto declinio d'esse movimento. O recente e notavel livro do Sr. Sylvio Roméro, a *Historia da Litteratura Brasileira*, é, na sua maxima parte, feito com materiaes ali primeiro publicados.

D'essa época e de sua influencia são os escriptos que constituem esta recolta.

Parece-me não serem completamente desconnexos esses ensaios, e que, alludindo atraz á mesma intuição philosophica que os liga, não os quiz encarecer.

O estudo da patria brasileira em todos os aspectos que nol-a representem tal qual é, não como uma simples aggremação politica, mas como uma nacionalidade consciente, pareceu-me sempre dever ser o ponto de partida para onde deviam convergir os esforços de todos os seus escriptores, de todos os seus sabios e de todos os seus artistas, e a unica base positiva para assentarmos uma cultura, como dizem os allemães, verdadeiramente nacional.

É esta a inspiração principal da minha obscurissima vida litteraria, e o espirito que dirige todos os meus desvaliosos trabalhos feitos ou premeditados.

A idéa capital, cuido eu, que regula hoje a concepção do Brazil como grupo sociologico distincto é que somos a resultante ethnographica dos tres povos ou raças que aqui concorreram no conflicto da vida, affeiçoada para maior destaque pelo clima, circumstancias historicas, economicas, sociaes, e outras. Este criterio expungindo das preocupações não só artisticas, mas historicas, o indianismo romantico, ao mesmo tempo que alargou a idéa que nós mesmos de nossa patria faziamos, deu nova e mais justa e mais fecunda direcção á nossa actividade litteraria, e póde acontecer que quando a politica n'este paiz deixar de ser a farça caricata do nosso ôco parlamentarismo

para tornar-se a directora consciente das forças nacionaes na obra da evolução geral, elle, com todos os desenvolvimentos e corollarios que comporta, lhe dê a nitida comprehensão da nação que até hoje ignorou.

Não disputando primazias, acredito não exceder os limites das conveniencias reclamando (n'este paiz monta isso tão pouco que tira-me a vergonha de fazel-o) alguma parte n'este resultado da Critica applicada ás nossas coisas. O primeiro dos estudos ora reproduzidos, destaco-o, de industria, de um merecidamente olvidado livro escripto e publicado em 77.

A par de algumas opiniões accidentaes que eu hoje rejeitaria, se me affiguram ahi claramente indicadas não sómente a concepção sociologica do Brazil e a condemnação do indianismo, como a idéa geral que deva presidir a evolução brazileira.

De fundamento e de sobejo conheço a geral e contristadora indifferença do nosso publico legente pelos escriptos exclusiva ou essencialmente brazileiros. Esse desinteresse explico-o pela ausencia de sentimento patriotico e pela artificialidade da vida das nossas capitaes dominadas por elementos estrangeiros e, n'este ponto ao menos, hostis; causas ambas que por sua vez derivam da nossa desidia de mestiços e da falta absoluta de *educação nacional*, qual a com-

prehendem não só as nações tradicionalistas do velho mundo, mas também os Estados-Unidos.

Escusado é, pois, afirmar que não tenho a pretensão de esperar para este livro mais do que têm tido os seus irmãos. Pondo-lhe este longuissimo prefacio apenas quiz dizer, repito, os sentimentos de um brasileiro em um momento que se lhe figura critico na vida politica e intellectual da patria. Defendido pela minha obscuridade provinciana e occulto nos labores humildes pelo real e o necessario da vida, como diria Garret, ridicula fôra qualquer outra pretensão que se quizesse descobrir n'este estirado proemio.

Têm os livros os seus fados, me parece ainda hoje, vista a fallibilidade humana, a mais profunda coisa que jamais em *Critica* se escreveu. Eu entrego este aos que lhe estejam reservados.

Pará, Fevereiro de 1889.





ESTUDOS BRAZILEIROS

I

A LITTERATURA BRAZILEIRA

SUA FORMAÇÃO E DESTINO

(1877)



Brazil precisa romper as faxas de criança que ligam-n'o ainda á Europa. Não basta afirmar que somos um povo independente com a carta de alforria de 29 de Agosto de 1825 na mão. É preciso mais. Cumpre que as nossas letras, a nossa sciencia, as nossas idéas, os nossos costumes tenham uma feição propria. A imitação mata-nos. O illustre Darwin creio achar um poderoso argumento a favor de uma de suas theorias no genio imitativo do homem, igual ao do simio. Entre nós esse genio toca as raias, deixem-nos usar da palavra, da tolice.

Não é simplesmente a autonomia politica e a separação geographica que fazem uma nacionalidade; são as suas tradições, a sua lingua e o seu territorio em primeiro lugar e depois as suas crenças, as suas idéas, os seus costumes, as suas

leis, etc. A nós faltam-nos a tradição e a lingua. Nascidos hontem de um *pozo* civilisado e de uma *raça* selvagem, não temos nem tradições. nem lingua; o que temos é tudo portuguez, embora um pouco modificado pela influencia do elemento indigena ¹. Faltando-nos os principaes caracteristicos de uma nacionalidade, restava-nos esforçar-nos para que as nossas idéas, como todas as condições moraes que formam uma nacionalidade, tivessem alguma cousa da novidade grande e bella d'esta America, a quem seguramente está reservado o mais auspicioso futuro. Faltou-nos, porém, educação, principalmente scientifica; os juristas, por herança da velha tradição portugueza, foram sempre ~~senhores~~ do nosso movimento, a velha metaphysica constitucional, a rhetorica e o theologismo dominaram-nos dando em resultado o espectáculo de um paiz novo com todos os vicios das sociedades decadentes e onde a corrupção politica attingiu o mais alto gráo.

Foramos longe n'este assumpto se quizessemos estudar todas as feições da mania de imitação inconsciente que soffremos e esboçar aqui qual o nosso estado intellectual e moral que, digamos francamente, é máo, é pessimo, é detestavel.

Á litteratura cabia o papel de, pelo estudo profundo do passado, levantar o espirito nacional — tão precocemente abattido — por uma fórte reacção contra o presente. Ahi estava, porém, a ignorancia popular engendrando o nenhum amor á leitura e obrigando os nossos litteratos, a quem não faltava

¹ e do africano (1889).

talento, nem vontade talvez, a mentirem á sua vocação e a escreverem sómente de modo a poderem ser lidos e bemquis-tos de leitores ignorantes e sem gosto, para não verem seus livros comidos pelas traças nas estantes das livrarias; e a pseu-do-critica que lê primeiro o nome do autor do que o titulo da obra e indaga-lhe da posição official que occupa antes de estu-dar-lhe o livro.

Á critica, modelada ainda pelos estylos horacianos e quin-tilianescos, arrebicada, insciente, cheia de conveniencias e adu-lações, que tem dominado sempre o nosso pequeno movimento litterario, deve a nossa litteratura o vasar-se ainda hoje nos moldes acanhados das concepções sem idéas (falamos da poe-sia), dos versos, aliás brilhantes, de um lyrismo estafado e con-vencional, que só tem de notavel a exuberancia de fórmulas *sensuaes*, se assim podemos dizer, que lhe empresta o sangue do mestiço, a riqueza luxuriante da natureza e o sol do Equador.

Diz Theophilo Braga: «A par das grandes descobertas scientificas do nosso seculo, que pela via inductiva conduziram á demonstração integral dos phenomenos cosmicos pelo movi-mento etherodynamico, e bem assim da vasta synthese de to-dos estes factos verificaveis, que pela via deductiva levaram a estabelecer a philosophia positiva, a par d'estas profundas transformações da consciencia moderna, a poesia ainda tem um destino ligado ás necessidades sociaes.»¹

¹ *Parnazo Portuguez Moderno*, pag. VIII.

O lyrismo antigo não era capaz d'essa missão. Quando as circumstancias sociaes do seculo em que vivemos o não tivessem tornado impossivel, elle á força de repetir-se estava gasto. O attrito, essa lei do mundo physico que é tambem verdadeira no mundo intellectual, gastou-o. O subjectivismo do antigo lyrismo morreu condemnado pela critica, ou melhor, pela razão. A poesia é hoje objectiva, isto é, tem um fim, uma missão. O poeta deixou de ser um moço de frente pallida, ty-sico, anemico, a chorar um amor infeliz e maldizendo do mundo que o não comprehende; não, o poeta tem tambem um papel social a desempenhar: é um individuo, é um cidadão. Goethe dizia: «Não se merece o nome de poeta quando apenas se sabe exprimir alguns sentimentos pessoases, é poeta o que sabe assimilar o mundo e pintal-o. Então é inexgotavel, e póde sempre ser novo, mas uma natureza pessoal cedo expriu tudo que tem em si e cáe então na maneira.»¹ Parece-nos vêr n'estas palavras do grande poeta allemão uma condemnação do subjectivismo.

O nosso genio meridional, ajudado pelo clima e pelas nossas condições sociaes, não deixou que os poetas brasileiros tentassem com vantagem, um genero de poesia mais sevéro, e mais difficil tambem, do que o lyrismo todo pessoal que fórma a principal feição do character litterario dos nossos poetas.

Gonçalves Dias, o maior vulto talvez da nossa moderna litteratura, ensaiou uma revolução litteraria que não poude, in-

¹ Ekermann, *Conversations de Goethe*.

felizmente, levar ao cabo por que apesar do seu immenso talento não era elle o mais proprio para dirigir um movimento d'esses. A sua educação em Coimbra foi-lhe perniciososa e as aguas do Mondego afogaram o que aquelle talento tinha de nativo. D'essa educação veio-lhe o demasiado respeito pelos moldes classicos e a sua veneração por Filinto Elysio. Sente-se que a Arcadia ainda o impressiona. Pinheiro Chagas diz, muito bem: «Gonçalves Dias tem duas feições distinctas, a do poeta americano, e a do poeta europeu. A primeira adoptou-a, não porque a isso o chamassem as tendencias do seu genio, mas porque estava intimamente convencido que devia abrir o exemplo, e fundar ou procurar fundar a poesia nacional.»¹ Ha muita verdade no pensamento d'este escriptor.

Gonçalves Dias tambem não comprehendeu que a litteratura brasileira não estava no nosso selvagem, e despresando as raças cruzadas poz-se a cantar costumes e feitos tupis. Não desconhecemos a utilidade que esse erro trouxe chamando a attenção de todos para o estudo do nosso gentio e a dos nossos poetas para a nossa natureza. Mais. A prova de que o seu talento não se adaptava a assumptos verdadeiramente nacionaes, é que, quando tentou o drama romantico, foi buscar assumpto fóra d'aqui, na Hespanha (*Leonor de Mendonça*) e na Polonia (*Pattkul*), além das suas traducções de Schiller e outros. Depois d'elle começou a imitação. Maga-

¹ *Ensaio Critico*, Porto, 1866.

lhães acreditou também, como elle, que no selvagem estava o nossa poesia e escreveu os *Tamoyos*. E todo poeta, com excepção de Alvares de Azevedo e poucos mais, julgou-se obrigado a escrever algum canto do Piága, e a empregar tres ou quatro termos indigenas cuja verdadeira significação não comprehendia bem. A *Canção do Exilio* tão imitada também, ficou unica e é, sem duvida, uma das mais bellas e verdadeiras poesias de Gonçalves Dias.

Alvares de Azevedo, depois d'elle o principal nome de nossas lettras, engolphou-se no romantismo, na imitação de Byron e Musset e por isso, desviando pelo prestigio de seu genio e de uma nova escola a mocidade do caminho que Gonçalves Dias começára a abrir, a sua influencia foi antes má do que boa. Alvares é um genio. O genio sem hygiene, lemos ha pouco, é uma doença. É uma nevrose. D'ahi os desvairamentos da *Noite na Taberna*, do *Macario*, etc. Lamentamos profundamente que tão esperançoso talento se tenha desviado, porque a sua tão precoce illustração, o seu character revolucionario, o seu genio, tudo nos diz que, si a imitação de Byron e Musset não o occupassem e si elle fosse, por qualquer circumstancia, levado para os estudos da nossa historia e ethnologia, como Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo poderia ter sido o Garrett de nossa litteratura.

Não precisamos, nem é nosso fim, continuar a revista critica dos nossos poetas: grandes talentos hemos tido; mas, ou porque a morte os tenha pillhado ainda na mocidade, ou porque a vida em uma sociedade em nenhum ponto original os tenha corrompido, o certo é que a nossa poesia, apesar da

brilho de fôrmas que por vezes ostenta, não tem ainda elementos para constituir um ramo da litteratura nacional. ¹

No romance fomos mais felizes. Si bem que a maioria dos nossos romances copie ainda os moldes francezes sob nomes e lugares do Brazil, taes como *Luciola*, *Senhora*, *Pata da Gazella* (G. M. e Senio), *A Resurreição* (Machado de Assis), *Ouro sobre azul* (Sylvio Dinarte), nós temos já n'esse genero, sinão uma litteratura, ao menos bellos materiaes com que formal-a. Ha para isso uma causa externa que é do dever da critica estudar. A nossa sociedade ² é formada de elementos heterogeneos, não tem portanto originalidade e a nossa vida é toda artificial. Esta artificialidade toma no Rio de Janeiro, onde em geral vivem os nossos escriptores, enormes proporções. Ha ahi um immenso cosmopolitismo, onde a Europa é largamente representada, que dá a esse grande centro todas as apparencias de uma cidade européa. E a vida proverbialmente tranquillada do resto do povo brasileiro, toma ali um character de agitação inteiramente desconhecido nas nossas cidades da provincia. É por isso que o verdadeiro *romance brasileiro* precisa dos factos da vida do nosso sertão onde o genuino povo brasileiro, o resultado dos cruzamentos, vive com seus habitos, suas crenças e seu falar proprios. D'ahi a superioridade do *Sertanejo*, do *Gaucho*, do *Tronco do Ipé*, da *Mocidade de Trajano*, etc., os mais perfeitos dos nossos romances.

¹ Regeito hoje esta opinião (1889).

² Refiro-me a sociedade das principaes capitães maritimas (1889).

Macedo, por ter-se limitado á côrte, continúa com o seu eterno thema do namoro artificioso, engraçado e inconsequente.

O que se disse do romance, pôde-se dizer do theatro que com excepção de algumas obras de Macedo, o nosso primeiro autor dramatico, Alencar, Penna e P. Guimarães, copia o theatro francez.

No seculo em que vivemos a poesia não pôde ter um caracter *exclusivamente* nacional: as aspirações de um povo livre são as de todos os povos: a liberdade, o progresso, a civilisação, todos os direitos garantidos, todos os deveres confessados, tudo que é grande, tudo que é bello, tudo que é util — deve occupar o poeta.

O romance e o theatro, traduzindo ainda essas aspirações, pôdem ao mesmo tempo trazer impresso em si o cunho de uma nacionalidade vigorosa.

É o como d'isso que vamos, de relance, estudar.



«Eu estou convencido de que a grandeza futura de vosso paiz depende do espirito da raça bem comprehendido» — escrevia Ferdinand Denis ao Sr. Couto de Magalhães.

Estas palavras do illustre sabio a respeito do Brazil são para nós uma revelação e mais importante ainda porque essa idéa existia já, embora em embryão, no nosso espirito. Ellas vieram fazer assentar o nosso pensamento de que é do estudo

dos elementos ethnicos que concorreram para formar a nacionalidade brasileira que ha de nascer em nós o espirito de raça e com elle o sentimento do nosso *brazileirismo*.

Dous foram os principaes elementos de que nos formámos: o portuguez e o tupy. Do contacto d'estas duas raças, de seus costumes, crenças e tradições, saímos nós. Por isso não somos nem portuguezes, nem tupys — somos um povo novo, devemos ter outros costumes, outra indole, outro sentir, que não os d'elles. Foi por acreditarem o contrario que naufragaram na sua tentativa da criação de uma litteratura brasileira Gonçalves Dias e outros, como o sr. J. de Alencar escrevendo *Iracema* e *Ubirajara*.

Si devemos contar como nossos antepassados os gentios do Brazil, não devemos menos, e por ventura com maior razão, contar os portuguezes. Não desconhecemos, e pelo contrario affirmamos, a influencia sobre nosso povo exercida pelo selvagem, mas isso não basta. Dos portuguezes recebemos não só o sangue, como a lingua, a historia e a crença religiosa, emquanto que dos tupys tivemos, unicamente, as nossas primeiras tradições e alguns dos seus costumes e crenças, não policiados.

A energica raça portugueza mosarabe, ¹ atrophiada pela influencia da nobreza e do clero, estava moralmente decadente na occasião da descoberta do Brazil, mas cremos que si a colonisação do novo imperio houvesse merecido mais cuidados

¹ Rejeito hoje esta idéa de raça portugueza mosarabe. Os mosarabes eram apenas uma classe e, talvez, uma casta (1889).

ao governo da metropole do que mereceu, e que si em lugar das medidas vexatorias que tinham por fim afogar a vitalidade de um povo que podia, de um dia para outro, proclamar-se independente, tivéssemos tido uma educação social e politica melhor, o Brazil não estaria hoje em estado tão pouco lisongeiro como o em que está. Á influencia celtica e latina deveu Portugal o seu genio rhetorico que em tão larga escala herdamos. ¹

Os tupys. selvagens no primeiro periodo da civilização, raça energica na guerra, indolente na paz, vingativa, cheia de nobreza e hospitaleira, ² logo perseguida tornou-se desconfiada e aspera. D'estas nasceram as raças mestiças ou cruzadas, que fazem a grande maioria do nosso povo, energicas, dadas ao trabalho em algumas provincias, indolentes em outras, indifferentes em todas.

Um terceiro elemento ethnico veio, passados tempos, trazer-nos um fatal contingente. Falamos do elemento africano. Foi o peor dos que tivemos. ³ Raça de uma barbaria estúpida e feroz, as perseguições e as atrocidades que soffreu tornaram-n'a ainda peor do que era. Com esse elemento veio-nos essa terrivel cousa chamada escravidão, a que julgamos não errar

¹ Generalização que precisava baseada e sem maior valor (1889).

² N'esta apreciação fui, máo grado meu, romantico. Cumpre rejeital-a. (1889).

³ Fui profundamente injusto com a raça negra, na qual tenho antepassados. Ella é por ventura superior á indigena e prestou ao Brazil relevantes serviços (1889).

atribuindo em grande parte o lastimoso estado de nossa sociedade.

Áquella indolencia herdada do tupy, desenvolvida e favorecida por um clima quente e um sólo prodigamente fertil, veio juntar-se a influencia nefasta da escravidão que degradando o trabalho tornou-nos tólamente afdalgados. Não foi só. O trafico dos africanos fez apparecer repentinamente fortunas colossaes e com ellas desenvolveu-se o amor ao jogo e ao luxo, tão peculiares aos brasileiros. O elemento africano em contacto intimo com a nossa familia, e cruzando-se largamente em todo o paiz, fórma hoje com os dous outros, o tupy e o portuguez, a nacionalidade brasileira e, cumpre notar, foi elle que, pela escravidão, nos trouxe os unicos dos nossos costumes que se pódem chamar originaes. E como não havia de ser assim si desde o berço até o tumulo, bebendo-lhe o leite, ouvindo-lhe os contos ao serão, folgando com ella, recebendo d'ella suas crenças fetichistas — essa raça desgraçada e tornada má pela escravidão é a nossa companheira e auxiliar? Isto, no emtanto, escapou aos nossos litteratos que não viram que havia na nossa sociedade alguma cousa pittoresca a estudar, alguma cousa atroz a combater. E a excepção da *Mãe* (Alencar), das *Victimas e algozes* (Macedo), da *Historia de uma moça rica* (P. Guimarães), da *Escrava Isaura* (B. Guimarães), muito raros foram os livros que se occuparam d'esse importante problema. Faltou-nos uma alma, uma grande alma, para conceber e realisar a nossa Senzala do Pae Thomé.

Foi este estudo ethnologico que a nossa litteratura não soube ou não quiz fazer, não podendo estar por isso habili-

tada a comprehender o nosso espirito de raça. Depois d'este processo de erudição convém estudar a nossa historia, não porque pensemos que uma litteratura verdadeiramente nacional tenha de servir-se muito d'ella, mas porque esse estudo contribuirá para, pelo conhecimento do nosso triste passado, vermos o caminho que d'ora em diante devemos seguir. O estudo da nossa historia servirá tambem, cremos, para levantar o espirito nacional.

Assim como banimos os assumptos exclusivamente indigenas — si não é mal cabida a expressão — na poesia, no romance e no theatro, banimos os exclusivamente historicos. Os assumptos indigenas pertencem a um povo differente de nós — os tupys; os historicos, ao menos até a independencia, são pela maior parte portuguezes. Até essa época raro entrou o povo brasileiro no movimento politico. ¹ O romance historico ou pinta factos ou personagens historicos e põe em scena um movimento politico, ou desenha uma época historica, pinta-lhe o character, todas as feições, todas os costumes, e em lugar de dar-nos um movimento politico, dá-nos um movimento social. Pensamos que este ultimo genero podia ser tentado, com grande vantagem nossa, pelos nossos litteratos.

Como já n'este livro ² dissemos e provamos, a lingua por-

¹ Errada apreciação historica que a lucta com os hollandezes por si só desmentiria (1889).

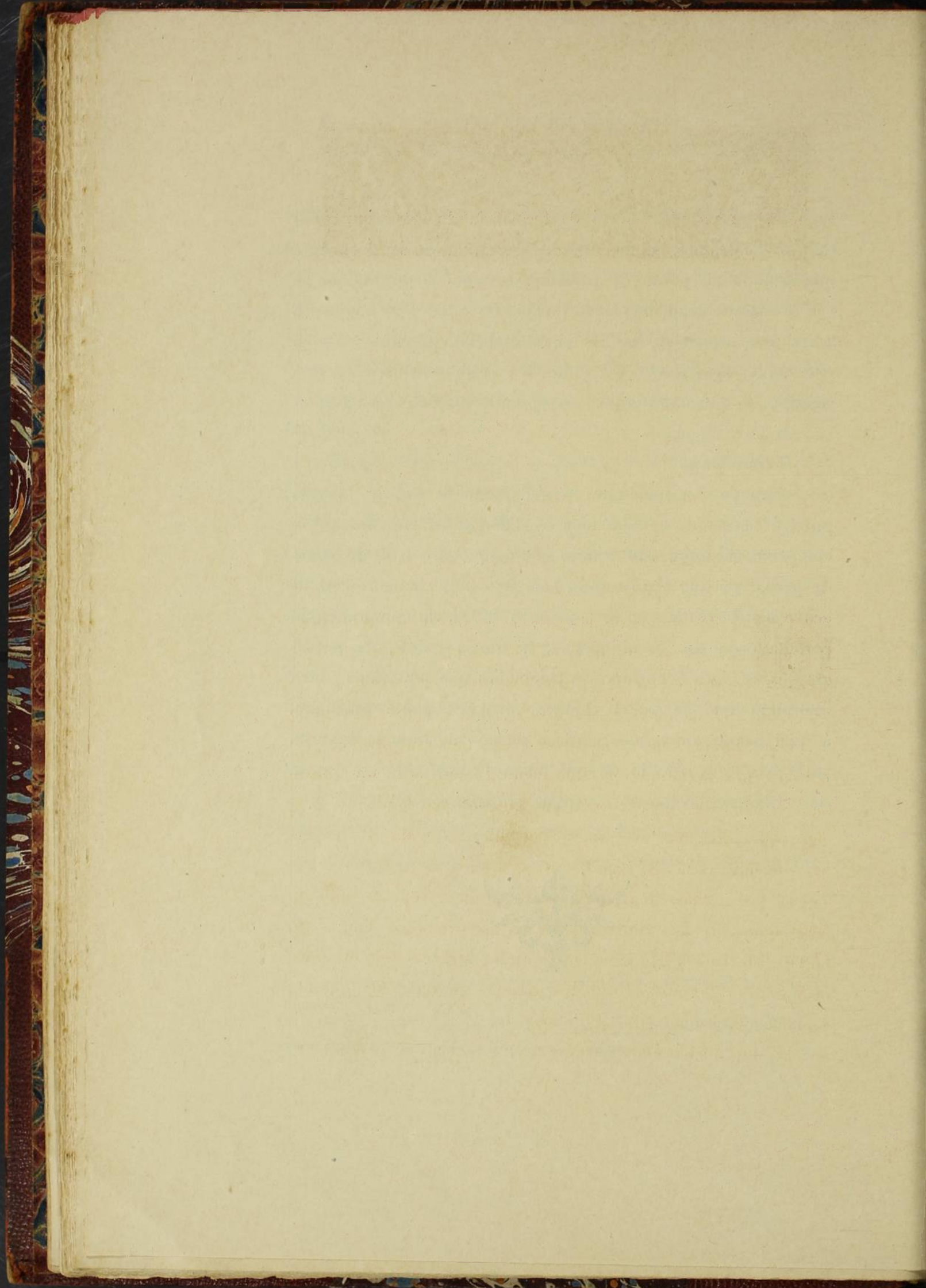
² *Primeiras Paginas*, no cap. sobre a linguagem popular no Pará. Vide do A. *Scenas da Vida Amazonica*, Introdução.

tugueza, em virtude não só da influencia do selvagem, como de novos costumes, habitos e necessidades, vae-se sensivelmente modificando ao ponto de parecer-nos, como a outros, que se está formando aqui uma nova lingua. Os estudos da linguistica americana tornam-se, n'estas circumstancias, precisos. Só com elles poderemos perceber e dirigir o trabalho inconsciente, mas gigante, do povo illitterato — o operario enorme — na formação da nova lingua.

Terminemos.

Para se comprehender perfeitamente o espirito de um povo é necessario estudar bem os differentes elementos que o compõem. É sobre este criterio que assentamos o nosso modo de pensar de que é do estudo bem feito dos elementos ethnicos e historicos de que se compõe o Brazil, da comprehensão perfeita do nosso estado actual, de nossa indole, de nossas crenças, de nossos costumes e aspirações que poderá saír uma litteratura que se possa chamar conscientemente brasileira, á qual ficará reservado o glorioso destino de fazer entrar este paiz, pela fórte reacção de que falámos atraz, n'uma nova via de verdadeira civilisação e verdadeiro progresso.







II

O CONTO POPULAR

(1879)

UMA das formas mais notáveis e mais importantes porque se manifesta a poesia popular, unica tambem porque se revela a arte primitiva—é o conto.

Mal sabiamos nós todos que quando crianças ouviamos das nossas amas, das *mães pretas*, como lhes chamavamos, ao serão, a nos acalentarem, essas historias que tanto nos divertiam, conhecidas por historias da *carocha*, mal sabiamos nós, digo, que ouviamos as primeiras manifestações da arte primitiva, de uma esthetica ante-historica, e mais, as tradições theologicas das velhas raças que, como acontece com o conto da *gata borralheira*, nos vinham desde os mais remotos tempos do berço historico da Humanidade, a India, atravessando innumeras gerações já mortas, até nós crianças perdidas na querida e meiga obscuridade do lar domestico!

É uma historia interessante a da formação do pensamento

primitivo, manifestando-se pelas diversas fórmulas de uma poesia ainda balbuciente. Uma poesia, dissemos, porque a prosa, modo analytic já da linguagem, não nasceu sinão depois de um certo progresso intellectual. É preciso, porém, não dar á palavra poesia aqui empregada a mesma significação que tem hoje. A linguagem dos primeiros povos, metaphorica, homonimica, polyonimica e anthropomorphica, devia ser rimada de um modo que nos escapa, mas que a faz differençar da prosa e approximar da poesia, não tomando esta palavra no sentido moderno. Si ao mytho, quiçá o primeiro producto da intelligencia humana não se póde assignalar uma dada fórmula, ao conto ao menos, a transformação do mytho através da tradição, póde-se sem grandes probabilidades de errar, dar como modelo isso que na idade média se chamava *vulgari eloquio* e que, segundo Littré, não era a prosa, mas poemas narrativos que não eram em estrophes regulares e rimas entrelaçadas.

Todas essas concepções primitivas são theologicas como o estado a que pertencem. São todas um trecho solto da theogonia ou antes da mythologia dos povos cujas filhas são. Já se vê por esta verdade, a alta importancia do mytho que nas suas manifestações diversas — conto, lenda, etc. — é o que de mais antigo resta da infancia da Humanidade. Antes de lascar a pedra, antes de lavrar os metaes, antes talvez de accender o fogo — a maior, a mais importante, a mais fecunda das descobertas do homem — a Humanidade *contou* alguns factos, verdade mal observadas e mal comprehendidas, revestidas de fórmulas extraordinarias e sobrenaturaes pela imaginação simples

e grosseira de povos ou raças que não tinham ainda nenhuma noções d'essa sciencia que por muito tempo se chamou physica e que abraçava o conjuncto de todos os conhecimentos humanos até Aristoteles.

D'esse periodo fetichista, em que os animaes representam um importante papel na vida do homem, em que foram successivamente o deus, o companheiro, o inimigo e o instrumento da Humanidade, ficaram no mytho e no conto popular as mais profundas impressões. N'esse tempo dos animaes falantes, época conhecida de todos os povos primitivos, o animal, qualquer que elle seja, conforme o meio em que vive, symbolisa a força, o poder, o valor, a astucia, — é quasi um deus, quando de facto não o é. A verdade d'esta theoria, que os mais severos e perfectos estudos de dia a dia mais reforçam, verifica-se tambem entre o nosso gentio nos mythos do *jabuti* e da *mu-cura* principalmente, e nas lendas que nos legaram os selvagens.

Não vemos, como o Sr. Couto de Magalhães, no nosso mytho as lições de uma moral elevada e por vezes subtil que não podia ser producto de épocas de tão atrasada civilização. Não nos parece justa a comparação que faz o illustre ethnologo d'esses productos litterarios (?) do selvagem brasileiro com as fabulas de Esopo e Phedro. Si é verdade que, em geral, essas fabulas têm origem nos primeiros contos populares, nos mythos primitivos não é menos certo, que só á philosophia hellenica, devem ellas isso que de boa mente eu chamarei os corollarios moraes que d'elles souberam tirar Esopo e Phedro, como o quer fazer agora o Sr. Couto de Magalhães, em-

prestando assim aos autores dos velhos mythos um pensamento que elles não tinham nem podiam ter, porque dadas manifestações da moral só pódem corresponder a certo avanço do estado intellectual.

Assim é que nós, na semelhança que o Sr. C. de Magalhães pretende enxergar, entre algumas lendas indigenas e certas fabulas de Phedro, julgamos antes ver dous éccos perdidos de um mesmo mytho primitivo ou melhor duas concepções parallelas, geradas por condições identicas, do que a mesma manifestação da moral no selvagem brasileiro e na civilisadissima sociedade romana.

Nem precisamos revesti-los de pretensões moralistas, que certamente não têm, para darmos importancia aos mythos do nosso gentio. Como ao illustre autor que de passagem criticamos parece-nos que esses mythos, si sob o ponto de vista litterario são inferiores e muito aos poemas de Homero, aos Niebelungen, e a outros poemas, debaixo do ponto de vista anthropologico são mais importantes, por serem um dos mais antigos vestigios que restam hoje do pensamento primitivo. Isto só basta para tornal-os notaveis e dignos do estudo dos mais illustres sabios.

Havia muito que conheciamos os mythos dos *jabutis*, da *mucura*, dos *macacos* e outros da nossa não pobre mythologia zoologica, sem comtudo ligar-lhes a menor importancia, como acontece a nós todos que ouvimos em criança essas historias, sem indagar das suas origens. Quando, começando a estudar um pouco a nossa ethnologia, vieram-nos ás mãos o livro do Sr. C. de Magalhães e um pequeno trabalho do professor Hartt,

foi com verdadeira surpresa que soubemos quão preciosos eram esses contos que de muito conhecíamos. Desde então temol-os lido e relido procurando encontrar n'elles um factó, um só, que provasse não serem esses mythos uma manifestação do pensar primeiro da Humanidade, mas um producto de épocas relativamente modernas, das que se succederam á conquista mesmo. Levava-nos a essa indagação a desconfiança, o medo de sermos illudidos por um enthusiasmo facil de explicar, apesar do alto conceito que nos merecem os autores citados. Entretanto, nada podemos descobrir, e quanto mais lemos esses mythos mais nos convencemos da sua originalidade. A côr local abundante e profundamente verdadeira, o realismo das scenas, das comparações e das figuras, o conhecimento perfeito das minimas particularidades da nossa natureza, como o tempo em que florescem e fructificam certas arvores ou os costumes dos animaes, tudo ahi é pintado com tão rigorosa exactidão que afasta qualquer idéa que se possa ter de julgar esses mythos filhos de outros homens que não os que habitavam já esta região antes de qualquer das conquistas conhecidas. Não ha negar, pois, são verdadeiros mythos indigenas, na rigorosa accepção etymologica d'esta palavra.

Estamos mesmo convencidos que muitos d'esses mythos, como o do *jabuti*, por exemplo, formaram já uma collecção de contos em que apparece uma certa unidade de pensamento e acção. Não são historias soltas, mas um conjuncto de historias reunindo-se em uma só em que o *jabuti*, a *mucura*, ou outro qualquer animal, figuram como protogonistas. Cremos pois, que si fôra possivel encontrar aqui elementos para o

nosso poema popular, não seria no canto popular, como já disse, que os acharemos, mas na reunião dos nossos mythos, digo mal, dos mythos do selvagem d'esta parte da America. Poder-se-hia assim compôr o *Kalevala* brasileiro, mais importante sem duvida do que o dos povos do norte pela sua fórma primitiva.

Foi d'esses mythos, ou melhor, da mythologia cuja parte eram, que nasceu o nosso conto popular. Os mythos, como diz o Sr. Lefèvre (*Relig et Myth. Comp.*) nasceram espontanea e fatalmente como as palavras e as frases; representaram e primeiramente as sensações e as impressões do homem em lucta com os phenomenos, as cousas e os sêres que o cercavam.

Transformando-se pela tradição e pela acção dos meios os mythos tornaram-se contos populares ou lendas. É por isso que segundo o Sr. R. Kœller, o conto popular é tão ou mais importante do que as inscripções, porque é depois do mytho a mais antiga traça do pensamento primitivo.

O conto popular brasileiro tem, pois, um antepassado indigena, ou antes é o mytho indigena transmittido através das gerações, ganhando no seu caminhar um ou outro episodio, uma ou outra frase, um ou outro pensamento. A mythologia da familia tupy-guarany, forneceu ricos e poderosos elementos para o nosso conto, na *Mãe d'agua*, no *Matin-taperê*, no *Saci-sererê*, no *Mboitatá*, no *Curupira* e em mil outras de suas figuras. Os mythos do *jabutí* e da *mucura* são vulgarissimos no Amazonas, onde todos os ouvem sem desconfiar da sua origem. As lendas, em algumas da quaes se mistura já o elemento colonial, fornecem tambem ricos elementos para a nossa collecção de contos nacionaes.

Todos os outros contos que ouvimos, o da *Borrallheira*, o do *Pequeno polegar*, o do *Príncipe Lagarto*, e outros mais, são-nos completamente estranhos. Essas composições vulgarizadas entre o publico europêo por Perrault e outros são, como a critica demonstra, éccos perdidos e degradados da mythologia aryaná ou indica e chegaram até nós por esse lento mas proficuo instrumento de transmissão de idéas e pensamentos — a tradição. Vieram com as emigrações aryanas, indo-germanicas, através da Europa, resistiram aos embates de todos os povos e de todas as crenças, atravessaram a idade média e sua confusão e por fim passaram com os conquistadores á America.

Os contos do *jabuti* e as outras lendas indigenas assimiladas pelo nosso povo constituem hoje um thesouro, cuja exploração não deve ser abandonada. N'este ramo de poesia popular não duvidamos affirmar que somos nós um dos povos mais ricos. Aqui o facto é positivo e verificavel. Póde-se ouvir uma noite inteíra um sertanejo *contando*, sem esgotar o assumpto.

Sem necessidade por ora, de applicar a esses contos os principios da critica que julga ver na maioria d'elles um trecho solto das primeiras explicações astrologicas, para o que, tambem, sabemo-nos inhabilitados, pedimos licença aos leitores para contar-lhes a lenda da *Velha gulosa* ou *Cinci*:

«Um dia estava um moço pescando de cima de um *mulã*,¹ a velha gulosa que vinha pescando pelo igarapé, avistou-lhe a

¹ Especie de palanque de sobre o qual esperam a caça no matto ou o peixe á beira d'agua.

sombra, cobriu-a com a rêde de pescar (puçá), mas não apanhou o moço, que quando viu aquillo riu-se de cima da *mutã*. A velha disse:— É ahí que estás? Desce para o chão, meu neto. O moço respondeu — Eu não. A velha disse:— Olha que eu mando lá as cabas (vespas). E mandou-as. O moço quebrou um ramo e matou as cabas. A velha tornou:— Desce meu neto, quando não mando as tocandêras (formigas). O moço não desceu e a velha mandou as tocandêras que o puzeram n'agua. A velha atirou a rêde e apanhou-o. Levou-o para casa, deixou-o no terreiro (ocára) e foi fazer lenha. Atraz d'ella veio a filha que estranhou que ella não contasse, como de costume, qual a caça que havia morto, e quiz ver o que era. Desembrulhando a rêde viu o moço que pediu-lhe que o escondesse. A moça assim o fez e untou um pilão com cêra, embrulhou-o com a rêde e deixou-o no mesmo lugar. A velha voltou do matto e acendeu fogo debaixo do *muquen* ¹. O pilão esquentou-se, a cêra derreteu-se e a velha aparou-a. O fogo queimou a tarrafa e appareceu o pilão. — Então a velha disse á moça: — Si não me mostrares a minha *embiára* (presa) eu te mato. A moça com medo mandou o moço cortar folhas de *assahy* para fazer *panacús* (paneiros), que viraram-se em animaes diversos quando a velha foi atraz do moço. A velha gulosa comeu todos os porcos, antas, veados em que se viraram os paneiros (cestos). O moço viu que ella não se contentava fugiu e fez um *matapi*, onde caío

¹ Assadouro ou grelha, geralmente de fôrma triangular, feita de madeira onde assam (moqueam) peixe ou carne.

muito peixe. A velha entrou no *matapi*. O moço apontou um páo de marajá em que a velha feriu-se quando comia o peixe. A velha ferida fugiu. Então a moça disse ao moço: Quando ouvires um passaro cantar *kankan, kankan* é minha mãe que anda perto para te pegar. Quando elle ouviu aquelle canto, correu para onde estavam uns macacos fazendo mel e pediu-lhes que o escondessem. — Os macacos metteram-no dentro de um pote vasio. A velha chegou, não encontrou o moço, passou adiante. — Os macacos mandaram o moço ir-se embora. — O moço andou, andou, andou. Ouvio o canto do passaro, chegou a casa do surucucú (*Crotalus mutus*) e pediu-lhe que o escondesse. O surucucú escondeu-o. — A velha chegou, não o encontrou, foi-se.— De tarde o moço ouviu o surucucú conversando com a mulher. Tratavam de fazer um *muquen*, assal-o e comel-o. Quando faziam o *muquen*, o moço ouviu cantar uma acauan (*Falco cuchinans*), foi ter com ella e contou-lhe onde estavam os dois surucucús. O acauan comeu os dois surucucús. O moço passou para a banda do campo, onde encontrou um tuyúyú pescando e pondo o peixe em um *naturá*¹. O moço pediu-lhe que o levasse comsigo. O tuyúyú quando acabou de pescar mandou-o entrar no *naturá* levantou o vôo e deixou-o sobre uma grande arvore. De cima o moço viu uma casa. Desceu da arvore e foi lá. Quando chegou á beira da roça viu uma mulher ralhando com as cotias que lhe comiam a mandioca. A mulher levou-o para casa e lá perguntou-lhe d'onde elle vinha. O moço

¹ Cesto indigena.

contou o que lhe acontecera desde que estava pescando á beira do igarapé quando veio a velha gulosa. Ainda era menino então, hoje estava velho. A mulher lembrou-se d'elle e conheceu que era seu filho. O moço entrou para sua casa.»

Simplicidade, abundancia e côr local, perfeito conhecimento dos habitos dos nossos animaes e dos costumes indigenas, e até um melancolico fim — são qualidades que não se pôdem negar a este conto, que os leitores poderão melhor apreciar na traducção litteral e minuciosa que d'elle dá o Sr. Couto de Magalhães.

Como esta lenda muitas outras abundam no nosso sertão, taes como a da *Yára*, a de *Mani*, que conta como appareceu a mandioca, a do *Muirakitan* e a bellissima do *Yacy Uruá*, onde se vê a virgem tapuia subir á lua pela corda formada das flexas do seu arco successivamente despedidas e presas umas nas outras.

É incontestavelmente um campo de explorações digno de occupar talentos mais robustos e mais esclarecidos do que o do obscuro escriptor d'estes ensaios.





III

O LYRISMO BRAZILEIRO

(1879)

AFASTANDO-NOS da opinião do illustre professor de litteraturas modernas no Curso superior de letras, de Lisboa, o Sr. Theophilo Braga, que deriva a comprehensão do lyrismo brasileiro do facto ethnico das tendencias lyricas da raça turaniana, da qual acredita elle descendem os nossos selvagens, nós fazemol-o simplesmente filho das raças cruzadas, producto importado, com os cantos populares, da peninsula e do archipelago açoriano rejeitando, por falta de dados positivos, acreditar na existencia do elemento lyrico entre a raça tupy-guarany.

Aqui prende-se a questão, que para o escriptor portuguez parece resolvida e que para nós é uma simples hypothese, da descendencia turaniana dos nossos indigenas. Por isso, nós não podemos aceitar a theoria do Sr. Theophilo Braga e continuamos a derivar a comprehensão do lyrismo brasileiro, não de um

facto ethnico, mas de um facto historico — a conservação das fórmulas tradicionaes da poesia popular portugueza entre nós, mesmo quando estavam já perdidas na metropole. Este facto, o mesmo Sr. T. Braga reconhece e a elle mais immediatamente attribue a formação da nossa poesia lyrica, que se revelou primeiramente na *modinha*, não obstante acreditar que havia aqui, no selvagem, um poderoso elemento lyrico herdado da raça turaniana.

Não duvidamos que o futuro converta em theoria o que reputamos hoje uma simples hypothese¹, mas, ainda assim, podemos acompanhar a marcha do nosso lyrismo, sem necessitarmos d'esse criterio, fornecido pelas descobertas ethnologicas.

Um povo que se fórma com tres elementos diversos, uma natureza esplendida, um canto popular em plena florescencia, são condições bastantes para produzir um genero de poesia que como a lyrica, é a mais espontanea das fórmulas da poesia, mesmo porque é a mais individual. A poesia épica é filha de determinadas circumstancias sociaes ou philosophicas, emquanto a fórmula lyrica, espontanea e pessoal, apparece em todos os tempos entre todos os povos sem precisar de outra condição externa, sinão a consciencia de um homem — o poeta — impressionado por qualquer sentimento mais profundo provocado, ou por manifestações sensualistas, como o amor; ou por manifestações physicas, como o bello; ou psychicas como o bom, a gloria, ou o grande. Em geral, nos pri-

¹ Hoje abandonada completamente (1889).

meiros periodos de civilisação, sómente as impressões sensua-
listas — profundamente individuaes ou subjectivas — actuan
sobre os poetas. Com o progredir dos povos, o poeta entra
como um elemento da vida popular, recebe a influencia do seu
meio, traduz-lhe as aspirações, e o lyrismo despe-se das fórmãs
estritamente individuaes como que primitivamente se reveste
para, não deixando de ser pessoal, tornar-se objectivo.

E no Brazil esta lei, si não se verificou com tanta preci-
são, por causas que diremos, não deixa comtudo de ser ver-
dadeira, como se póde ver comparando o lyrismo antigo de
Gonzaga e seus contemporaneos, ao lyrismo moderno de Gon-
çalves Dias para cá. A *Marilia de Dirceu*, a mais notavel pro-
ducção do nosso lyrismo, é eminentemente subjectiva, comple-
tamente individual, como são as composições de Claudio Ma-
noel da Costa, Alvarenga, e de todos os vates da Arcadia
brazileira.

Porto Alegre, com Gonçalves Dias, com Magalhães come-
çaram a revolução, melhor disseramos o motim, que abriu mais
largos horisontes ao nosso lyrismo. Mas por uma lei de ata-
vismo, o velho defeito que a critica nota estudando a historia
da litteratura portugueza, appareceu no Brazil — o poeta estava
separado do povo. Por isso, esse movimento de que falamos
não teve as consequencias que eram para desejar. Afastados
do elemento popular pelo elemento official, a cuja custa viviam,
a inspiração saíra-lhes sempre atrophiada pelo convenciona-
lismo classico, tão do gosto dos litteratos portuguezes, que a
elle não escapou Garrett na sua tentativa do *Cancioneiro Nacio-
nal*. A historia litteraria reconhece que nenhuma época de ver-

dadeiro renascimento artistico pôde provir da protecção official e constata o facto de que essa protecção é fatal sempre, desde que é directamente feita. Foi isso que afastou a litteratura portugueza do movimento das idéas, como fez que, entre nós, os reformadores ficassem em meio do caminho encetado.

Gonçalves Dias tão bem estreado com a *Canção do exilio* e outras composições, menos tupyys, mas com certeza mais brasileiras, que revelavam um poeta verdadeiramente nacional, abandonou cedo esse caminho para cair na maneira, como diria Goethe, ou para cantar o tupy, sem ver que cantava uma raça que era para nós menos ainda do que os portuguezes. Ficou e foi sempre estranho á nossa poesia popular, cuja importancia desconheceu porque, como já dissemos,¹ a sua educação em Coimbra foi-lhe perniciosa e as aguas do Mondego afogaram o que aquelle talento tinha de nativo. D'essa educação veio-lhe o demasiado respeito pelos moldes classicos e a sua veneração por Filinto Elysio. Sente-se que a Arcadia ainda o impressiona. Pinheiro Chagas diz, muito bem. Gonçalves Dias tem duas feições distinctas, a do poeta americano, e a do poeta europeu. A primeira adoptou-a, não porque a isso o chamassem as tendencias do seu genio, mas porque estava intimamente convencido que devia abrir o exemplo e fundar ou procurar fundar a poesia nacional.

A primeira manifestação do romantismo no Brazil, tambem pela causa apontada acima, falseou completamente os prin-

¹ *Primeiras Paginas*. V. esse estudo reproduzido n'este livro.

cipios originaes d'essa escola. Ao contrario do que aconteceu na Europa, elle foi aqui convencional e classicamente erudito, e antes um esforço de vontade, uma questão de imitação, do que um movimento espontaneo da inspiração poetica impressionada pela nova evolução das idéas, contra os moldes acanhados e convencionaes de um classicismo em completo antagonismo com o progresso do gosto, da arte, da esthetica, na humanidade.

Foi das nossas academias, ou d'entre meços que a ella se filiam pelo estudo e aspirações — meio cheio de vida, de ruido, facil de impressionar e ávido de cousas novas, foi d'ahi que o romantismo saíu, já solto das pêas tradicionaes. Foi ahi que elle foi recebido com soffrega sympathia, nos livros de Hugo, Byron, Dumas, Musset, Gautier e outros. É d'este meio que saem successivamente Alvares de Azevedo, Dutra e Mello, Junqueira Freire, *o monge*, Varella, Laurindo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, e outros quasi todos mortos cedo pela illusão em que estavam de que não se podia ser poeta sem fronte empalidecida nas noites de insomnia, passadas entre o amor, o vinho e os prazeres. Levaram a imitação, de Byron e Musset principalmente, até a copia da personalidade, estragavam-se em uma descrença sem fundo, em um desgosto da vida que nada motivára e fanaram-se, sem coragem para lutar, de uma verdadeira nostalgia de dôres, que não conheciam, mas que tinham vontade de conhecer.

Essa tendencia morbida dos nossos poetas, até agora elegiacamente chorada pela critica, deve ser combatida e ridicularizada como fatal ás lettras, aos costumes e á moral.

No nosso estudo sobre a *formação e destino da litteratura brasileira*, dissemos: O nosso genio meridional, ajudado pelo clima e pelas nossas condições sociaes, não deixou que os poetas brasileiros tentassem com vantagem, um genero de poesia mais sevéro, e mais difficil tambem, do que o lyrismo todo pessoal que fórma a principal feição do character litterario dos nossos poetas. Hoje podemos acrescentar.

Recebendo inconscientemente da *modinha* o deleixo da fórma e a lascivia do sentimento, alheio á alma popular, o lyrismo brasileiro, brilhante embora, não tem a importancia de um elemento constitutivo da nossa nacionalidade. As feições que caracterizam o nosso canto popular bem como a *modinha*, que se pódem descobrir na *serranilha galleziana*, d'onde descende a nossa poesia popular, encontram-se no nosso lyrismo, não que elle as estudasse e comprehendesse, mas por um processo inconsciente de assimilação, a que foram estranhos os poetas.

Essa tendencia para a paixão, para a volupia, para a *sensiblerie* emfim, vae felizmente desaparecendo. Entretanto não vemos, no momento presente, um poeta que traduza perfeitamente o nosso sentimento nacional. Falta-nos esse sentimento ou falta-nos o poeta?

Tinhamos isto escripto, quando lemos o livro de um intelligente moço brasileiro, que vive em Portugal, sobre este assumpto.

O Sr. José Antonio de Freitas, no seu livro *O Lyrismo Brasileiro*, chega quasi ás mesmas conclusões que nós. Estudando o nosso lyrismo desde suas primeiras manifestações no

canto popular, na *modinha*, o Sr. Freitas, aceita a opinião do Sr. Theophilo Braga, da origem turaniana do nosso selvagem, da existencia entre elle da tendencia lyrica peculiar áquella raça e serve-se d'este principio para explicar a florescencia lyrica do Brazil.

Entretanto, reconhece a grande influencia da *Serranilha* sobre o nosso lyrismo e, servindo-se de um processo de critica recommendado por nomes illustres que o tem usado, faz um interessante confronto de varios trechos tirados do *Cancioncivo da Vaticana* com outros não só das nossas *modinhas*, como dos nossos lyricos.

O trabalho do Sr. Freitas revela-nos a existencia de mais um bello talento, que se applica, o que entre nós é raro, ao estudo critico das nossas cousas, inspirando-se nos novos methodos d'essa nobre sciencia.





IV

A RELIGIÃO DOS TUPY-GUARANY'S

(1881)

REJEITANDO o famoso principio de que o homem é um animal religioso, a sciencia moderna recusou aceitar a religiosidade como uma de suas características. O homem póde viver e existe sem religião, si dermos a esta palavra o sentido estreito, mas historicamente verdadeiro, de culto prestado á divindade, com ou sem um certo apparatus de orações, templos, sacerdotes e todo o ceremonial das diferentes liturgias. Esse sentimento não nasce com elle, vem-lhe com a educação. «O autor de uma concepção religiosa, diz o eminente anthropologista Sr. Broca, põe em jogo faculdades activas entre as quaes representa principal papel a imaginação. Eis uma primeira especie de religiosidade activa, que entretanto apenas manifesta-se em pequeno numero de individuos. A maior parte, a immensa maioria dos homens, tem apenas uma religiosidade passiva, que consiste pura e simplesmente

em crer o que se lhe diz sem mostrar necessidade de comprehender, e esta religiosidade, as mais das vezes, não é sinão o resultado da educação. Desde a mais tenra idade a criança é educada no meio de certas crenças a que o seu espirito se afaz, sem que ella esteja em estado de discutir e raciocinar. Nenhuma intelligencia pôde resistir á acção d'este ensino combinado e aperfeiçoado ha seculos. A criança submete-se sempre, e muitas vezes de um modo definitivo. Crê sem exame, porque não é ainda capaz de examinar, e porque, para todas as noções, religiosas ou não, se dirige cegamente pela autoridade de seus educadores. Nada ha n'isto que possa revelar-nos a existencia de uma faculdade, de uma aptidão ou de uma aspiração particular. Mas com a idade, com a experiencia e sobretudo com o estudo, este estado passivo do espirito dá, quasi sempre, lugar a um certo gráo de scepticismo. Aprende-se a desconfiar mais ou menos da palavra de outrem. Não basta mais ouvir dizer uma cousa para acreditar-a: exigem-se provas, e quando um individuo aceita sem exame tudo o que lhe contam, diz-se que elle é credulo como uma criança. Este espirito de critica, cujo desenvolvimento marcha de par com o da propria intelligencia, applica-se primeiro ás noções materiaes, aos factos da vida ordinaria, e muitas vezes não estende-se além d'esta ordem de phenomenos; mas não poucas vezes tambem, e sem mudar de natureza, abrange as concepções metaphysicas e religiosas, de sorte que em todos os paizes, sobretudo n'aquelles em que o homem cultiva sua intelligencia, vê-se um crescido numero de individuos abandonar pouco e pouco uma parte ou todas as suas crenças. Esse pretendido character hu-

mano, a que chamaes religiosidade, desapareceu então n'elles? Poreis na ordem dos brutos esses homens que muitas vezes tornam-se notaveis pela estensão do seu saber e força do seu espirito? Assim, pois, de qualquer maneira que encaremos a religiosidade, é impossivel consideral-a como um facto geral e inseparavel da natureza humana. A religiosidade activa, creadora das concepções religiosas, essa existe sómente em raros individuos. A religiosidade passiva, que é apenas uma fórmula de submissão á autoridade, da adhesão de uma intelligencia ao meio em que se desenvolve, está incomparavelmente mais espalhada, mas ainda longe de ser universal; si o fosse, os adeptos de todas as religiões não esbravejariam tanto contra os incredulos.»¹ O primeiro e mais activo gerador das crenças religiosas foi o medo, que, segundo Tiele, domina de preferencia a outros sentimentos nas religiões animistas. *Primus in orbe Deus fecit timor.* Si houvermos, pois, de tomar a palavra religião na accepção estreita de um complexo de crenças, que ligam n'uma comunidade de fé, por meio de um maior ou menor numero de dogmas positivos, dominados por um dogma principal — o da crença em Deus, uma certa porção de consciencias humanas, teremos de limitar muito o sentimento que ella traduz, pois conhecem-se hoje innumerous povos que não a tem, e a mais numerosa das seitas do mundo, o Budhismo, começou por ser uma religião sem Deus. Concebida a religião assim, da familia tupy-guarany se poderia dizer que não a tinha.

¹ Apud A. Hovelacque, *La Linguistique*, p. 25, Paris, 1877.

Mas esta concepção é, não ha negar, demasiado acanhada, e si foi boa nos tempos das religiões exclusivistas, em que, mais ou menos, cada pensador julgava a sua melhor, não deve perdurar hoje quando perante a sciencia, que estuda este *phenomeno proprio ao conjuncto da humanidade*, ellas não encontram sympathias nem preferencias, sendo julgadas antes pela maneira por que cumpriram a sua missão historica, do que pelos resultados d'isso que cada uma podia chamar a sua theologia. Preferimos, por isso, as definições de Tylor e do sabio professor hollandez Tiele: para o primeiro a religião é a crença em seres espirituaes ¹, e para o segundo a relação entre os homens e as potencias sobrehumanas, em que elle crê. ² De ambos aceitamos tambem a designação de animismo para o conjuncto de crenças, que abrem para o homem, em religião, o periodo fetichista.

I

Nos selvagens do Brazil, entre os tupy-guarany, ao menos, que melhor conhecemos, a religiosidade era um sentimento vago, mal definido, difficil de comprehender, nascido, como na regra geral, da necessidade de explicação para os phenomenos natu-

¹ *La Civilisation Primitive*, trad. Barbier, Paris, 1, 491.

² *Manuel de L'Histoire des Religions*, trad. Vernes, Paris, 1880, 1.

raes, do medo do desconhecido, de factos mal observados, e vivendo pela utilidade e pelo terror uma vida ingloria, sem jámais elevar-se a uma concepção idealista mais perfeita, nem á manifestação qualquer de um culto. O Deus, si existia, nascera do pavor que inspira ao selvagem o relampago e o trovão, os mais espantosos phenomenos da natureza, para aquellas grosseiras intelligencias. Todos os primeiros chronistas, portuguezes ou não, escrevendo livres da acção uns dos outros e interessados todos pela prova do consenso unanime dos povos a favor da existencia de Deus, são concordes em affirmar, de uma maneira por demais absoluta, que o gentio do Brazil não tinha nenhuma noção da divindade e nenhuma fórma de religião.

O padre Claudio de Abeville, da expedição franceza que em 1612 veio ao Maranhão, *acredita que só os tupinambás não tinham especie alguma de religião, pois não adoravam um Deus, celeste ou terrestre, nem o ouro e a prata, nem a madeira e pedras preciosas ou outra qualquer cousa.*¹ Os indios do Brazil, diz Simão de Vasconcellos, de tempos immemoriaes a esta parte não adoram expressamente Deus algum, nem tem templo, nem sacerdotes, nem sacrificio, nem fé, nem lei alguma.² André Thevet escreve que elles eram sem fé, sem lei e sem religião.³

¹ *Hist. das Miss. dos pad. Capuchinhos na ilha do Maranhão*, p. 371, trad. do Dr. C. A. Marques, 1874.

² *Noticias cur. e nec. das cous. do Brazil*, p. 291, Lisboa, 1668.

³ *Les Singularités de la France Antarctique*, p. 134, ed. Gaffarel, Paris, 1878.

Gabriel Soares diz também que *os tupinambás não adoravam nenhuma cousa*.¹ Lery, havido como um dos mais conscienciosos escriptores de cousas do Brazil, afirma que elles não tinham nenhuma religião, não confessavam nem adoravam nenhuns deuses celestes nem terrestres², e Montoya dá esta preciosa definição da palavra *tupã*: *nombre qui aplicaron a Dios*³, que nos revela que o nome já existia mesmo antes de ser applicado á divindade.⁴ Como? Entre todos os povos, ou pelo menos na maioria d'elles, os nomes que significam luz, céo, brilhante, fulgurante, etc., foram dados á divindade, cujo nome, em regra geral, procede de raizes com aquella significação. Assim a palavra — deus — nas linguas aryanas foi ligada por um processo philologico de inteiro valor ás raizes sanscritas *Dio* e *Dyu*, cujo primeiro sentido é brilhar, scintillar, e d'estas nasceram mil outras fórmãs, como *Divya*, celeste, e *déva*, brilhante, no grego *dios*, no latim *dies*, dia, no germanico *tívos*, em grego *zeus*, em latim *jovis* e assim em todas as linguas do grande grupo indo-germanico. Entre os chinezes também o nome da divindade *Thien* significou primeiramente o céo, bem como entre os filan-

¹ *Not. do Braz.*, p. 275, na *Collecção de not. para a hist. e geog. das nações ultr.*, tomo 3.º, Lisboa, 1825.

² *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, p. 59, II, ed. Gaffarel, Paris, 1880.

³ *Tesoro de la lengua guarany*, ed. V. de Porto Seguro, Paris e Vienna, 1876, verbo *tupã*.

⁴ Poderamos acrescentar a esta lista Anchieta (*Cartas*), Nobrega (*Ibid.*), F. Cardim (*Dos Ind. do Brazil*) e outros (1889).

dezes, onde o nome de Deus é *Jumala*, o céu, o lugar do trovão, de *juma*, trovão, *la*, lugar. ¹

O mesmo facto se observa estudando o homem brasileiro, em cuja lingua a palavra *tupã* significou primeiramente trovão, como dizem Montoya, Lery, e quantos nos dão noticias d'elle até o Sr. Couto de Magalhães, que traduz *tupá*, raio. ² E Lery diz positivamente que os tupinambás, entre os quaes se achou, ainda n'aquelle tempo (1557-58) não davam áquella expressão, que então traduzia apenas um facto natural, nenhuma significação religiosa. Si lhes diziam que os francezes criam n'um Deus unico, creador do céu e da terra, elles, entre-olhando-se, soltavam uma de suas exclamativas — *Tch!* muito admirados d'aquillo; do mesmo modo, quando, ouvindo o trovão (*Tupan*), faziam-lhes ver que elle exprimia a voz de Deus, respondiam *que visto que os espantava assim, Deus não valia nada.* ³ Entretanto, o Sr. Couto de Magalhães, que é de lastimar não tenha tido um verdadeiro principio de critica scientifica que o dirigisse na concepção do seu precioso livro, imbuido ainda das idéas que forçosamente todo o povo ou raça, não importa em que periodo de seu desenvolvimento moral, ha de ter uma religião com um Deus Supremo, admite, sem mais provas, para o selvagem brasileiro *um principio superior qualificado com o nome*

¹ A. Lefèvre, *Relig. et Myth. Comp.*, Paris, 1878. Max-Müller, *Essais de Myth. Comp.*, et *la Science des Rel.*, trad. Perrot e Dias, Paris, 1874 e 1873.

² *O Selvagem*, II, p. 56, Rio, 1876.

³ Lery, *Obr. cit.*, II. V. todo o cap. XVI.

de Tupan, a quem parece que attribuiam maior poder do que aos outros, apesar de haver antes, no mesmo periodo, escripto que a idéa de um Deus todo poderoso e unico não foi possuida pelo mesmo selvagem. ¹ Este principio superior, de que fala o illustre ethnographo, e a quem parece elles attribuiam maior poder, é o proprio trovão, que, como observou o intelligente e honesto Lery, elles não podiam ouvir sem tremer, sendo estranho que o Sr. Couto de Magalhães faça uma distincção, que não podemos aceitar sinão como meramente synonymica, entre *Tupã* e *Tupá*. Nada mais facil de comprehender do que a razão do phenomeno assignalado. D'aquelle facto meteorologico nascia o raio, a obra do trovão (*tupã mberaba*), que, fendendo a suas vistas pasmas as mais alterosas arvores, incendiando-lhes as cabanas e matando as creaturas fulminadas com a rapidez enorme, espantosa, inconcebivel, da electricidade, no meio dos medonhos estrondos do trovão das regiões equatoriaes, devia encher aquelles espiritos na infancia de supersticiosos terrores, d'esse horrivel e pesado terror do desconhecido, que faz ainda hoje, após todas as descobertas da physica n'esse campo, acender vellas bentas e rezar orações proprias a santos advogados contra as tempestades, a Santa Barbara ou a S. Jeronymo.

O Sr. professor Hartt, espirito eminente e muito versado na ethnographia brazileira, deriva a palavra *tupã*, Deus, como se tem geralmente traduzido de *tuba*, pae, etymologia ethnographicamente falsa, porque no supernaturalismo tupy a noção de

¹ *Obr. cit.*, II, p. 122.

gerador, creador, productor, é expressa pela palavra mãe (*ci*), e nunca pela palavra pae (*tuba*). Acerca d'este vocabulo escreve Montoya, na *Conquista Espiritual*: «*Tupã*, quando elles dizem, realmente ajuntam duas palavras suas — *tu* e *pã*; *tutu*, diz o homem quando pergunta sobre alguma cousa. D'essa maneira considerando elles sobre o ser incomparavel de Deus e sobre as suas obras, que nunca podem ser igualadas, comsigo mesmo pensando, chamam-n'o *Tupã*, isto é, *oh! o que é isto?!* e falando d'esta maneira dão o nome de *tupã* a Nosso Senhor com uma admiração produzindo o seu nome.»¹ Esta etymologia, cuja veracidade estamos, por ora, longe de admitir, serviria sem duvida para o vocabulo *tupã*, significando apenas trovão, porque se comprehende que diante de um tal phenomeno a primeira impressão do selvagem, toda de curiosidade, se traduzisse por aquella exclamação interrogativa; mas d'ahi a tomal-o como a expressão de um ente superior, um Deus, havia um grande passo a dar, e que só veio a realisar-se depois da conquista, sob o influxo das idéas theistas dos primeiros colonisadores, como é nossa opinião.

Já vimos, pelas citações atrás feitas, que não tinham ne-

¹ Vid. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. 6.º, fasc. 1.º a traducção do Sr. Dr. Baptista Caetano do manuscripto guarany, da *Conquista Espiritual*, p. 107. No preciosissimo vocabulario da lingua guarany, publicado no vol. 7.º dos mesmos *Annaes*, o sabio linguista americano aventa outras etymologias, das quaes sentimos discordar, tanto mais quanto é grande o apreço que votamos aos trabalhos *hors ligne* do Sr. Baptista Caetano. Acreditamos, porém, que o illustre autor do *Vocabulario* não teve em vista aquillo que nós supomos ser a verdade: que o nome *tupã* primitivamente significou sómente trovão, e como tal é que se devera indagar da sua etymologia.

nhum culto, nenhuma d'essas mil manifestações exteriores, que servem para revelar em quem as usa a crença em uma entidade sobrenatural superior.

As palavras oração, orar, igreja e todo o vocabulário que se póde chamar liturgico, são compostas pelos catechistas. Oração é *nemboé Tupã mongetá*, aprender a falar com Deus; igreja é *Tupã roca*, casa de Deus, expressões nas quaes, por assim dizer, se está vendo o processo por que se formaram, pela necessidade que tinham os missionarios de usar d'ellas nas suas prédicas, o que obrigava-os a circumloquios improprios do genio da lingua e nem sempre felizes.

O *pagé*, tão adulterado em *piága*, pela irreflexão sinão ignorancia de romancistas e poetas, por elles transformado em sacerdote, era simplesmente o feiticeiro, o medico. Como tal o dão Lery e a maior parte dos chronistas, e em Montoya acha-se este unico significado *héchisero*. O Sr. Baptista Caetano traduz este nome *por aquella que diz o fim*, etymologia inteiramente de accordo com os factos ethnographicos. É, porém, de notar que elles não deram este nome aos padres christãos, a quem chamaram *abama*, homem preto, por causa das vestes d'esta côr, *pae abaré*, homem bom, verdadeiro homem, ou simplesmente *pae*, usando d'esta palavra portugueza, talvez porque a sua lingua se recusasse á pronuncia do [r forte, de padre, e do termo *abaré*, que entre elles designava o varão *bom*, forte, differente dos outros (*abá-r-ctê*).¹

¹ Vide *Annaes cit.*, vol. 6.º, fasc. II, p. 177. O Sr. Dr. Baptista Caetano tem duvidas sobre a origem d'esta palavra *pae* encontrada no guarany: será, como cremos nós, portugueza, ou de origem americana?

Era a estes mesmos *pagés* que davam tambem o nome de *caray* ou *caraiba*, que significa habil, astuto, qualificativos perfeitamente applicaveis aos feiticeiros.

Idolo — a archeologia ainda não encontrou nem um que se possa aceitar não só como pertencente a qualquer das innumerables tribus, em que se dividia a grande familia tupy-guarany, como que fosse n'ella objecto de culto, e todos os chronistas e mais escriptores, sem excepção, são concordes em affirmar que não os tinham.

O Sr. Barbosa Rodrigues foi o primeiro, entre antigos e modernos, que teve a felicidade de encontrar um grupo de pedra de duas figuras, uma onça (*felix*) e uma tartaruga ou jabuti (*testudo*), a que, baseado n'um periodo de Christovão da Cunha ¹, chamou idolo amazonico da pescaria. Incontestavelmente, como o demonstra o illustre botanico ², aquelle idolo (chamemol-o assim) era d'aquelles de que fala o chronista da viagem de Pedro Teixeira; mas ainda assim não prova que o gentio do Brazil, o tupy-guarany ao menos, tivesse idolos, ou

¹ adoran idolos, que fabrican con sus manos, atribuyendo a unos el poder sobre las aguas, y assi les ponen por divisa un pescado en la mano, a otros escogen por dueños de las sementeras, y a otros por valedores en sus batallas. . . y quando salen a hazer sus pesquerias, echan mano de aquel a quien tienen entregado el dominio de las aguas. . . *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas* — in *Mem. para a Hist. do Extincto Estado do Maranhão*, publicadas pelo Sr. Candido Mendes de Almeida, 2.^o vol., p. 98. Rio, 1874.

² *Idolo Amazonico* achado no rio Amazonas, 1 folh., Rio de Janeiro, 1875.

representações materiaes da divindade, mesmo admittindo que os indios, a que se refere o padre Cunha, podessem ser filiados áquella familia de selvagens brasileiros, porque elles viviam no Alto-Amazonas, nos actuaes limites do Brazil com o Perú, com cujo gentio tinham forte contacto, partilhando até os seus costumes como prova o uso da *estolica*, a arma dos antigos peruvia- nos. Além d'isso parece-nos ver na figura achada pelo Sr. Barbosa Rodrigues algumas semelhanças características com outros especimens da arte transandina, sob cuja influencia ella poderia ter sido feita. ¹

É, pois, para nós fóra de duvida que a familia tupy-guarany, como todas as outras familias de indigenas brasileiros, já estudadas, antes do seculo XVI não tinha nenhuma noção, sinão positiva, ao menos verificavel, da divindade, isto é, de um ente sobrenatural, dominando não só os homens e as cousas, mas ainda os espiritos secundarios. Essa noção veio-lhes com os primeiros exploradores da sua terra n'aquelle seculo, e sem difficuldade, porque, segundo a justa observação de Lery atrás citada, elles não podiam furtar-se a tremer ouvindo o trovão. No seu espirito debuxava-se vagamente uma entidade sobrenatural, que se manifestava d'aquella maneira estrondosa e algumas vezes horrivel; os recémchegados falaram-lhes em um deus creador, que se revelava por aquella voz formidavel, apontaram-no, deram, por assim dizer, corpo á vaga e indecisa figura que elles tinham na sua imaginação infantil e exaltada: *tupá*,

¹ V. adiante *Os Idolos Amazonicos*.

tupã, nomem, numem. Podeis vós, que chegais depois, perguntar-lhes si elles acreditam em um ente supremo; si o céu trovejar raios por ali, elles vos responderão tremulos de medo: *Tupã.*

No periodo fetichista muito atrazado, a nova criação não podia, porém, receber nem ao menos um culto polytheista, quanto mais uma veneração monotheista; d'ahi as continuas queixas dos missionarios á vista da frieza, da pouca devoção dos neophytos e de suas continuas deserções de um culto, cujo sentido não podiam comprehender.

A sua pobre mythologia era composta de algumas entidades sobrenaturaes, geradas pelo medo e sob a influencia da curiosidade para a explicação de certos phenomenos naturaes, como os sonhos, ás quaes não prestavam outro culto que não o do terror supersticioso, o mesmo que ainda hoje prestam os espiritos crendeiros ás *almas do outro mundo*. Para o meio d'estes espiritos foi lançado *Tupã*, sendo para notar que, ao envez do que se poderia esperar, ficou representando no seu supernaturalismo um papel secundario, de verdadeiro intruso, máo grado todos os esforços dos jesuitas para collocar-o no lugar que lhe competia. É que na religião tupy-guarany *Tupã* é uma criação recente, devida antes á influencia christã, do que ao sentimento espontaneo do selvagem que adoptou-a.

II

O homem primitivo, como é natural, teve a curiosidade de tudo conhecer e o desejo de tudo explicar, e, na procura das causas e dos porques, chegou a crear um grande numero de idéas ou noções, que pelo processo do anthropomorphismo tornaram-se em outros tantos deuses.

A esta lei não se furtou a mais numerosa das raças, que povoavam o Brazil na época da descoberta, e, como vamos ver, ella tambem creou o seu não pequeno numero de entes sobrenaturaes. A estes entes não prestava nenhum culto sinão o já dito, o qual, parece-nos, não póde ser qualificado como culto, sendo que este facto, que temos por perfeitamente verificado, vem destruir o que possa ter de absoluto a proposição de Tylor, considerando o animismo uma philosophia antiga e largamente espalhada, que tem por theoria— a fé, e por pratica— a adoração.¹ No animismo, ou, particularizando, no polydemonismo tupy-guarany, falta completamente caracteristica da adoração: ha a crença, mas não ha o culto, principalmente o culto interno; quanto ao externo, manifestava-se ás vezes por poucas praticas exorcistas, como veremos, nas quaes nada indica adoração.

Na familia selvagem, cujo sentimento religioso estudamos,

¹ *Obr. cit.*, II, 495.

como em todas aquellas, onde a familia ainda se não constituiu sobre bases positivas, a mãe é a origem unica do filho, ou pelo menos a mais immediata, e, como o homem faz o seu deus á sua semelhança, os tupy-guaranys basearam a sua mythologia sobre a crença de que tudo tem uma mãe, *ci*.¹

Por isso o sol foi considerado a mãe do dia e chamado *Uaraci*², como a lua a mãe dos vegetaes, ou *yaci*. De facto é o sol que faz o dia (*ára*), ou antes que o divide da noite (*pituna*), como é o orvalho da noite, que, regando as plantas (*yá*), dá-lhes o aspecto viçoso da manhã; ou tambem, e esta interpretação não tem menos visos de verdadeira, como a lua servia-lhes para marcar o que nós chamamos mezes, nos quaes mais ou menos abundava dada especie de fructos, que sazonavam n'um d'aquelles periodos, era ella a mãe dos fructos (*ya*). Sente-se bem o fetichismo que nasce de uma observação exacta, é verdade, mas mal comprehendida, o que faz desviar um phenomeno natural para o supernaturalismo, e, passe-se-nos a expressão, o primeiro vagido da concepção theologica do mundo. Aqui não havia ainda sentimento nenhum, a que possamos chamar religioso. O sol apparecia no horisonte, este nosso sol tão cheio de luz, e dissipava as trevas da noite com sua claridade vivida; era, pois, elle que fazia o dia, que o gerava, como uma

¹ A palavra *ci*, vel-o-êmos adiante, não significa sómente mãe, mas n'este caso é como deve ser traduzida, é como a traduzem os tapuios do Pará e Amazonas, onde a mesma crença ainda existe, e sem duvida n'esta accepção é que era empregada.

² *Guaraci* e tambem *araci*.

mãe gera o filho. De manhã as plantas appareciam mais viçosas e rociadas das gotas frescas e brilhantes do orvalho da noite, a vegetação toda acordava verde, forte, trescalando aromas puros de matta, humida de sereno produzido sem duvida pela lua; era, pois, ella que vivificava as plantas, como a mãe com o leite de seus seios vivifica os filhos. N'aquelle mez, n'aquella lua, como elles diziam, ¹ os maracujás derramavam-se em pencas amarellas por sobre a copa das arvores que circumdam a *taba*, o abacaxi elevava com graça a sua corôa no meio symetrico de suas franças; foi ella, a lua, que os trouxe, como de outra vez que brilhar á noite no alto céu estrellado, trará outras e depois outras, e assim successivamente. Nós poderiamos ainda hoje usar das mesmas expressões, n'um sentido figurado, por uma metaphora, elles não; para elles os dois astros eram verdadeiramente os geradores immediatos d'estes dois filhos, o dia e a planta, como a mãe o é da sua prole. Dava-se apenas o anthropomorphismo, como em todas as crenças dos selvagens, em que qualidades humanas são attribuidas a causas impessoaes e até imaginarias, por uma metaphora inconsciente.

O Sr. Couto de Magalhães, entretanto, não o entendeu assim, e dá-nos um systema geral de theogonia tupy, em que o sol, a lua e um outro ente, *Rudá*, de que falaremos adiante (além do duvidoso Tupan), são os tres deuses superiores, a cujas ordens serve a multidão de pequenos deuses, como *Cu-*

¹ *Yaci* é lua e mez em tupy-guarany. Na maioria das linguas dá-se o mesmo facto.

rupira, *Jurupari*, etc., tal qual como na mythologia grega. Mas não é assim, e o proprio autor não tem perfeita convicção do que escreve, porque n'esta parte do seu notavel livro o verbo *parece* repete-se á saciedade, revelando uma hesitação que prova que o autor não tem inteira confiança ou nas noções que colleheu entre os selvagens, ou na sua opinião. Organizada, como elle quer a theogonia tupy-guarany, esta raça deixaria de ser fetichista para ser polytheista, o que é um absurdo, não só porque tudo prova que elles eram fetichistas, do que não discorda o Sr. C. de Magalhães, e até estavam no fetichismo primordial, monosyllabico, como diria Max-Müller, não tinham deuses e apenas creações sobrenaturaes, nascidas do anthropomorphismo, a quem não prestavam outro culto sinão o do medo; mas tambem porque no periodo da civilisação, em que se achavam, periodo essencialmente animista da idade de pedra, os povos são todos fetichistas.

Para provar que os tupy-guaranys tributavam ao sol ou *Uaraci* um sentimento de veneração igual ao que tributamos ás nossas mães, serve-se o Sr. Couto de Magalhães de um argumento *a priori*, de nenhum valor, principalmente quando applicado a estes assumptos. «Qual o sentimento natural, pergunta elle ¹, para aquelle que nos creou a nós pela mesma fórma por que nossa mãe nos cria? Não é necessaria outra prova para concluir que o sentimento que os tupys tributavam ao sol devia ser até certo ponto identico ao que tributavam a

¹ *Obr. cit.*, II parte, p. 124.

sua mãe natural.» Infelizmente nós não sabemos exactamente qual era o gráo de sentimento, de respeito que a sua mãe votavam elles; sabendo, porém, que a moral varia conforme o estado da civilisação do homem, e que ha equilibrio mais ou menos constante entre as manifestações psychologicas e aquelle estado, podemos concluir que o tupy-guarany não tinha por sua mãe esse amor, em que vae uma porção de veneração que o homem mais civilisado consagra á sua, e quando o tivesse, não é justo tomal-o por termo de comparação para conhecer do sentimento que elle podia votar áquelle astro; primeiro, porque o amor filial não nasce do simples facto de ser gerado, e sim da vida extra-uterina, da alimentação, educação, da vida, emfim, que se deve aos carinhosos cuidados e á terna e previdente solitudine d'aquella que nos deu o ser; e segundo, porque o sol ou a lua não eram considerados como *mães* d'elles, tupy-guaranys, e por isso não podiam tributar-lhes sentimentos filiaes. Devemos tambem notar que a palavra *ci*, comquanto n'este caso deva ser traduzida em portuguez por *mãe*, pois assim a traduzem tupys, falando esta lingua, não tem sómente a significação de animal femea que concebe e gera o filho, mas ainda a de fonte, manancial, cousa geradora, o productor. Para elles era verdadeiramente o sol que gerava o dia, como a mãe gera o filho, mas d'ahi ao aproximarem da mulher a quem elles chamavam *ché ci* (minha mãe), ia ainda um grande passo, que elles não deram.

A concepção de *Rudá* ou *Perudá*, o deus da reproducção ou do amor, tal como está, é evidentemente falsa ou não pertence ao grupo tupy-guarany, em cuja lingua não se nos offe-

rece meio de traduzir este nome. Este deus é uma invenção polytheista, e muito adiantada; não podia, pois, viver em um meio fetichista. O Sr. Couto de Magalhães é o primeiro, do nosso conhecimento ao menos, que fala n'essa entidade da mythologia tupy-guarany, e por isso não temos d'ella sinão a noticia, que elle nos dá, de um guerreiro que reside nas nuvens, e cuja missão é crear o amor no coração dos homens, despertar-lhes saudades e fazel-os voltar para a tribu, de suas longas e repetidas peregrinações.¹ Depois cita a estrophe de uma invocação, que a virgem opprimida de saudades do amante devia cantar ao pôr do sol ou ao nascer da lua:

Rudá, Rudá
Iauaca pinaié
Amãna reçaïçu
Etc., etc.

da qual elle não entende a palavra *pinaié*, a qual, sem duvida por uma reminiscencia da oração catholica do *Padre Nosso*, traduz por *que estacs*, que junto á palavra *iauaca* (céo) fórma a phrase inteira d'aquella oração. Si não soubessemos quão melindrosas são estas questões e quão espinhosas são as interpretações etymologicas, nos atreveriamos a traduzir assim:

Rudá, Rudá, gavião do céo que gostas da chuva, etc.,

porque o gavião (*inaié*) vôa muito alto e parece aprazer-se em fender os ares quando chove. Este mesmo deus tinha ás suas

¹ *Obr. cit.*, II parte, p. 139.

ordens uma serpente que reconhecia as moças que se conservavam virgens, devorando as que houvessem perdido a virgindade. Julgamos de bom aviso pôr de quarentena este mytho até novas informações.

Áquelles dois primeiros mythos do sol e da lua juntam-se outros que constituem a crença fetichista da familia tupy-guarany. *Añanga*, ou *Anhangá*, como se tem escripto, era o que o nosso povo chama *alma penada*, pois compõe-se de duas palavras *aña*, correr, e *anga*, espirito, sombra, que traduzem aquella expressão popular. Segundo a versão do Sr. Couto de Magalhães, seria um veado branco, de olhos de fogo, que enlonquece ou torna doente o que, perseguindo um animal que amamenta, o encontra no seu caminho. ¹ *Caápóra*, o morador do matto, era representado (e aqui todas as representações são subjectivas) por um homem grande, pelludo, triste e taciturno, montado em um enorme porco, gritando de vez em quando para impellir a vara, e tornando para sempre infeliz quem o visse, d'onde procedem os termos, já com direitos de cidade em portuguez, de *caipora*, *caiporismo*, *encaiporar*, no sentido de

¹ As versões que aqui damos sobre estes diferentes typos do animismo tupy, sempre que não citarmos outro autor, devem-se ter como extraídas da *Obra cit.*, do Sr. Couto de Magalhães. Devemos declarar que, embora não duvidando da veracidade d'ellas, estamos longe de crer na constancia dos moldes, em que a imaginação do selvagem vasava as suas creações. É mais provavel que esses typos variassem infinitamente, não só de tribu a tribu, mas até entre os proprios individuos de uma mesma *taba*, como aliás se nota em todas as concepções animistas, desde as mais grosseiras até o demonismo catholico.

infeliz, infelicidade, e tornar desditoso. Em um mytho selvagem elle apparece simplesmente como um ente muito grande e de muita força, um gigante, mas que se deixa ludibriar pela astucia de um jabuti.

N'essa lenda nada justifica aceital-o como uma divindade, e o seu papel é ridiculo, evidentemente sacrificado. A floresta tinha ainda um outro espirito, o *Curupira*, pequeno tapuio de pés virados para trás, sem orificios para as secreções indispensaveis á vida, que castigava os que estragavam inutilmente as arvores, fazendo-os errar pelos mattos, sem atinar com o caminho da casa. Segundo Anchieta, este nome era geralmente dado aos *spectros nocturnos ou antes demonios*. Elles, refere o mesmo Padre, atacavam muitas vezes os indios no matto, batiam-lhes, maltratavam-nos e matavam-nos. Para livral-os dos seus sortilegios costumavam os selvagens deixar nos invios caminhos que percorriam, pennas de passaros, abanadores, flexas, á guisa de oblação propiciatoria. ¹

¹ *Cartas inéditas do Padre José de Anchieta*, in *Annaes cit. da Bib. Nac.*, vol. I, fasc. 2.º. Esta crença existe ainda viva no Pará e Amazonas, entre as raças oriundas da indigena, ao lado da crença catholica. Não ha muito tempo que um amigo nosso, moço branco e intelligente, mas que esteve na infancia em contacto com famulos mamelucos, nos contou o seguinte: estando em um seringal a passeio, saiu um dia á caça, e perdeu-se ou julgou-se perdido na floresta cortada por um verdadeiro labyrintho d'essas estreitas picadas chamadas *estradas de seringa*, que mais o confundiam do que auxiliavam. Por fim fazia-se tarde, a fadiga prostrou-lhe o physico e atacou-lhe o espirito, e elle não se pôde furtar a uma impressão de medo, logo acompanhada pela reminiscencia das historias do *Curupira*, a ponto que, quasi sem consciencia do que fazia, fabricou uma cruz com dois galhitos de

O *Jurupari*, ou pesadelo ¹, era o espirito que perseguia, á noite, durante o somno, apertando a garganta a quem dormia, suffocando-o; foi assim que o selvagem, ignorando que os sonhos são um phenomeno physiologico, os attribuiu a um máo espirito. Uma avezinha de um cantar melancolico, que faz ouvir durante uma noite inteira, com uma monotonia desesperadora, o seu fino assobio triste, foi tambem tomada por um espirito nocturno, que se chamou entre os guaranys *Saci-cererê*, e entre os tupys *Mati-taperê*, sons que ella parece repetir no seu lugubre canto, e representada por um pequeno tapuio de um pé só, que a invasão de outras raças transformou em um negrinho, e deu-lhe um barrete vermelho. O *Mboi-tatá*, cobra de fogo, segundo o Sr. Couto de Magalhães, protegia os campos contra os que os incendiam, e era figurado como uma pequena cobra de fogo que vivia n'agua, e que transformava-se em uma arvore em brasas (*méuan*) para queimar os incendiarios. A gente dos nossos sertões conhece o facto vulgarissimo das jararacas atirarem-se ao fogo que lavra nos campos e mor-

matto e collocou-a no chão como um esconjuro ao demonio tupy. Parece que lhe valeu, porque o nosso amigo ganhou com pouco a barraca onde se alojava.

Anchieta acreditava no *Curupira* e nos seus maleficios, dos quaes foram testemunhas, segundo refere, Padres da Companhia, que viram algumas vezes os mortos por aquelle *demonio*. Um annotador da carta citada desculpa esta crença do Padre, mas censura-a fortemente no selvagem!

¹ O Sr. Couto de Magalhães traduz esta palavra por *tirar da bocca*, ou *mão sobre a bocca*; e o Sr. Bap. Caetano por *ser que vem á nossa rede*. V. *O selvagem*, II part., p. 126, nota 16.

rerem ali em contorsões violentas, cercadas das chammas, a que talvez queriam fugir, procurando o buraco que lhes serve de escondrijo: d'este facto podia ter nascido aquelle nome e com elle aquella crença. Anchieta dá uma versão differente da do autor do *Selvagem*. Segundo elle, o *Mboi-tatá*, vivia a maior parte do tempo junto do mar e dos rios; apresentava-se como um facho scintillante correndo d'aqui para ali, accommettendo de subito os indios e matando-os. Chamando a isto demonio, confessa que não se sabia o que fosse. Cumpre notar que póde bem ser que o espirito, de que fala Anchieta, não seja o mesmo *Mboi-tatá*. Elle escreve *Bae-tatá*, e o traduz por *res ignis, o que é todo fogo*, o que faz suppor que o nome, adulterado por elle, seria *Mbae-tatá*, *mbae*, cousa, *tatá*, fogo. N'este caso seria mais um espirito a inscrever entre as creações do animismo tupy-guarany. ¹ *Urutau* ou *Uirá-tau*, passaro phantasma, era uma ave nocturna, que ainda hoje o nosso povo tem por agoureira. Outro passaro tambem, o *Uirapurú*, nome que o Sr. C. de Magalhães traduz por *passaro que não é passaro, passaro emprestado*, e Montoya por *ave que se sustenta de caça*, era considerado como um talisman para attraír a felicidade a quem o possuísse, crença que passou ás raças mestiças descendentes dos tupy-guarany. ² A *Uyára*, *Yára*, *Uauyára* ou *Oyára*, que de todas estas maneiras se têm escripto ³, é a mãe d'agua, especie de

¹ Carta cit.

² A maioria d'estes espiritos fazem parte ainda das crenças do povo do Pará e Amazonas. V. *Scenas da Vida Amazonica*, Introdução.

³ *Uyára* temos sempre ouvido dos tapuios do Amazonas.

nympha dos igarapés, representada pelo bôto que amava as mulheres no banho, ou vinha dormir com ellas, transformado em um rapaz. Cremos que este espirito é o mesmo de que trata Anchieta sob o nome de *Igpupiára*, que mora n'agua, e eram *demonios* que afogavam os indios quando estes atravessavam um rio nas suas pequenas canôas. A differença da versão não importa dissemelhança do objecto, porque o character do animismo é justamente esta fluctuação constante das crenças, enquanto ellas não são definidas por isso que podemos chamar o dogma. A *Bói-açú*, cobra grande, residia no fundo dos lagos, tinha olhos de fogo com que se mostrava á flôr d'agua, e era objecto de supersticioso terror. ¹ Em uma das lendas recolhidas pelo Sr. Couto de Magalhães, *Bói-açú* apparece como o autor do genesis tupy. Esse mytho, que tem o titulo de *como a noite appareceu*, resume-se assim: Uma filha de *Bói-açú* casara-se, mas não queria dormir com o marido por não haver noite, pelo que este, a conselho d'ella, mandou ter com *Bói-açú* a buscar noite, que este (na lenda é masculino) lhe enviou fechada em um caroço de tucuman (*Astrocarium tucuman*), recommendando aos portadores que o não abrissem. Elles, não podendo resistir á curiosidade, abriram-no, e a noite logo appareceu, sendo elles, por castigo, transformados em macacos. ²

Eram estes typos vagos, superstições mal cridas, como disse Gonçalves Dias, que constituíam o fundo das crenças do

¹ Comparar este *Bói-açú* com o *Mbac-tatá* de Anchieta, citado acima.

² *Obr. cit.*, I parte, p. 162.

supernaturalismo tupy-guarany. Como vemos, a crença religiosa apenas balbucia, não é ainda uma religião que ligue os espiritos entre si em uma concepção do mundo, homogenea e logica.

Estas mesmas noções que acabamos de resumir não merecem inteira fé. O Sr. Couto de Magalhães, em cujo livro as fomos beber, não as recolheu de tribus virgens de qualquer contacto com gente de outra raça, européa ou africana; mas achou-as até confundidas com crenças christãs, ou em grupos, dominados por ellas. Como já notámos, esta parte do seu livro está cheia da expressão *parece*, o que revela hesitação em affirmar, ou falta de confiança no que se affirma. Os antigos chronistas, o Padre Abeville, Gabriel Soares, o Padre Cunha, que escreveram do gentio *d'après nature*, nada dizem das pretendidas divindades citadas. André Thevet fala apenas no *Anhanga*, que elle escreve acertadamente *Agnan*, e tambem em outro *Houioulsira* (*Uiusira*), que seria uma profunda corrupção de *Curupira*. Lery cita tambem o *Anhanga* ou *Aygnan*, como elle escreve, que tomava fórmias diversas para perseguir encarniçadamente os indios, e que, diz elle, era tambem chamado *Ihaagerre* (*Cá-póra?*).

Ainda uma opinião do Sr. Couto de Magalhães, que não nos parece justificada, é que os espiritos do supernaturalismo tupy-guarany eram todos bemfazejos, ao envez do que se tem observado no mesmo periodo religioso, por toda a parte.

O escriptor, esquecendo-se que o unico terreno seguro, principalmente n'estes estudos, é o relativo, e que *a primeira qualidade do naturalista, do homem de sciencia, quer elle estude a*

*pedra inerte ou o animal cheio de vida, a planta ou organismo social, é a calma da indiferença*¹, julgou o character d'estes mythos como homem civilisado (e o que peor é, interessado em realçar a raça que estudava) capaz das subtilezas e argucias das distincções metaphysicas, e procurou provar que da necessidade, que tinha um povo que vivia da caça de protegê-la contra os abusos dos caçadores pela intervenção de uma divindade, nasceu o *Caápóra*, e assim para os demais objectos, os peixes, o campo, etc., que todos tinham sua mãe ou divindade protectora.

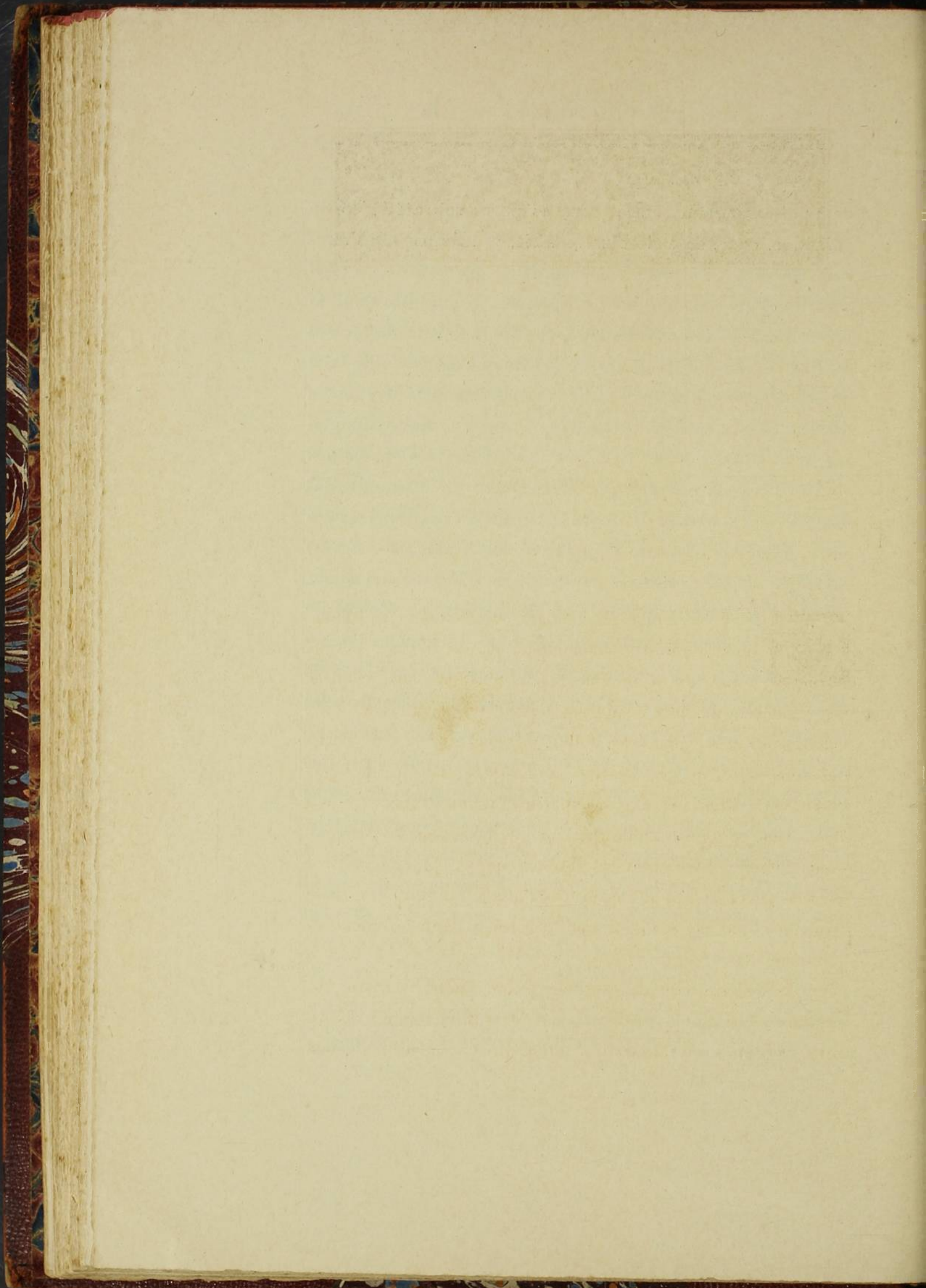
Não negamos que o homem civilisado, hoje, possa considerar aquelles typos *mythicos* como divindades protectoras, o selvagem, porém, era incapaz de semelhantes distincções. Para elle o que o impedia de caçar era um mal, o espirito protector de qualquer cousa era máo, um inimigo que tinha. Vimos acima n'um mytho do *Jabuti e o gigante*, o papel ridiculo distribuido ao *Caápóra*. Aqui, sim, cremos poder ver uma intenção: a de deprimir o espirito que os perseguia no matto, o qual elles, com justos motivos, consideravam seu inimigo. O proprio demonio biblico,— e o Sr. Couto de Magalhães gosta de citar a Biblia,— o proprio demonio, si interpretarmos assim as suas acções, é, no fim de contas, um ente bemfasejo, porque o medo de cair nas suas garras não concorre pouco para afastar o crente do peccado. Mas o facto apontado como uma descoberta pelo autor do *Selvagem*, vae ainda de encontro á theoria resultante

¹ E. Lesigne; *Du rôle de l'expérience dans les anciennes conceptions du monde*, in *Rev. de la Philos. Positive*, t. 22, p. 189.

da pratica constante entre todos os povos sob a religião do animismo, onde, segundo escreve Tiele, os máos espiritos recebem em regra geral mais homenagens de que os bons, os espiritos inferiores mais do que os superiores, os espiritos de localidade mais do que os afastados, os espiritos particulares mais do que os geraes. ¹ Esta regra, o estudo que acabamos de fazer parece dar-nos o direito de assim concluir, esta regra tem inteira applicação no animismo tupy-guarany, que era, ainda para empregar a expressão de Tiele, um verdadeiro polydemonismo.

O selvagem não raciocina como quer o Sr. Couto de Magalhães, e si o fizesse, os seus deuses seriam creações conscientes a proposito d'isto ou d'aquillo, o que é inexacto. É verdade que o homem crêa os seus deuses mais inconscientemente, porque é justamente quando está na infancia, no seu estado selvagem, influenciado pelo terror de todos os grandes phenomenos naturaes que o cercam, e, portanto, incapaz ainda de empregar um methodo positivo qualquer na critica de suas concepções, que elle os crêa, ou melhor, que elles nascem no seu espirito; e é por isso que Vico teve razão de dizer que os deuses nascem da credulidade e não da impostura, o que seria falso no caso presente, si fosse real a observação do Sr. Couto de Magalhães.

¹ *Obr. cit.*, pag. 14.





V

NAS MALOCAS

CARTA

(1882)

QRAÇAS á muita amabilidade do distincto cavalheiro que administra actualmente na provincia do Amazonas, fiz no mez de Setembro ultimo uma excursão por aquella riquissima e futura terra e tive a occasião, apreciabilissima para mim, de visitar algumas malocas de indios aldeados, visita de que vou dar conta, quebrando assim o proposito que fizera de não occupar-me, durante a licença que tive, e em cujo gozo ainda me acho, de cousa que se parecesse com trabalho intellectual. É verdade que o que ahi vae, não merece talvez esse nome e em nada altera, portanto, o regimen hygienico que me tracei e que, a falar a verdade, começa a pezar-me.

As malocas visitadas por mim foram Andirá, Uariarú, Moca-jatuba, Paricatuba e Abacaxis; as duas primeiras no rio Andirá, as outras no Maués e a ultima no Canuman, onde tam-

bem estivemos na aldea d'este nome, que já não merece aquella qualificação comquanto todos os seus habitantes sejam indios puros ou descendentes immediatos.

Antes de proseguir, direi da impressão que me causou a grandeza, para mim inesperada, dos dois rios Andirá e Maués, que, na ignorancia em que nós todos mais ou menos vivemos da geographia da nossa patria, eu tinha por pouco importantes cursos d'agua, sem nenhuma benemerencia de menção em compendio de geographia. Pois não é assim. Qualquer d'esses dois rios é um grande rio que ainda n'aquella época, de plena vassante, apresentava um enorme volume d'agua cuja profundidade não foi jámais de menos de 3 braças, attingindo algumas vezes a 12 e mais.

Era a segunda vez que a quilha de um navio cortava, além de certas paragens conhecidas, as aguas crystalinas e limpidas d'esses dois rios, de formosissimas margens, onde alvejavam extensas e bellissimas praias, destacando-se entre a verdura da luxuriosa matta e as aguas negro-uzues.

O *Moema* era o segundo vapor que visitava aquellas malocas; o primeiro levava tambem um dos presidentes da provincia, ha já alguns annos.

Quando o escaler, que nos levou para terra, embicou na areia finissima da bella praia sobre a qual se ergue em um terreno que se vae insensivelmente elevando a maloca do Andirá, já estavam ali á espera de quem quer que fosse e presumiriam que fosse alguma autoridade á vista do navio, do escaler de bandeira erguida e marinhagem fardada, o tucháua ou capitão e seu ajudante ou alferes, como é tratado.

Eu confesso que não pude conter o primeiro movimento de riso ante aquellas duas figuras. O tucháua, um indio baixo, gordo, de côr escura carregada, com uns pequenos olhinhos horisontaes, a pêra curta, e bigodes asperos, grisalhos, o cabello duro espetado, muito negro, apesar de dever ter os seus setenta annos, segundo os calculos que fizemos, o pescoço curto e o corpo grosso attarracado, tinha um aspecto de anta, a quem houvessem posto de pé, vestido uma farda de capitão da guarda nacional em grande gala, encasquetado um chapéo armado de pluma verde, apertado uma banda encarnada á cintura e calçado uns grosseiros sapatos grandes e grossos, por cujos canos se prendessem as calças de ganga amarella.

Este capitão Antonio Joaquim — que tal é o seu nome — não falava uma palavra de portuguez, mas respondia ás nossas saudações por intermedio do seu alferes, fardado como elle com uma farda de guarda nacional da respectiva graduação.

Já vêm os meus amigos que, ao menos nas malocas, a guarda nacional está em pleno florescimento: que esta noticia, que eu tenho a felicidade de transmittir, console aquelles que lhe choram a decadencia.

Feitas as apresentações do *murucháua* (presidente) e do *tucháua* pozemo-nos a visitar a maloca composta de umas 23 miseraveis barracas de palha e uma pequena capella tambem de palha e bastante arruinada.

Nada encontramos ali de mais notavel, sinão uma velha india rodeada de filhos quasi tão velhos como ella, netos e bisnetos, e cabello *quasi* todo branco, a pelle enrugada, emfim um typo de velha guariba. Calculando-lhe a idade pela qual

tinha na época da *revolta* (1835) que é o marco milliaro para o computo do tempo entre a gente velha d'estas paragens, e pela dos filhos e netos, vimos que não devia ter menos de 100 a 110 annos.

Guardando mais para adiante as impressões geraes que me ficaram d'esta visita ás malocas, sigo com a viagem do *Mocma*.

A segunda maloca visitada foi a de Uariaú, aldea de indios Maués, á margem esquerda do rio Uariaú, affluente do Andirá, em boa posição.

Compõe-se de 18 miserabilissimas palhoças, algumas das quaes bastante compridas e, para habitação de diversas familias, divididas por paredes tambem de palha. Em cada uma d'aquellas casas vivem promiscuamente individuos de ambos os sexos. Um esteio fincado no centro basta para amarrar n'uma sala geralmente quadrada seis, oito e mais redes. É incrível a miseria em que vive esta gente, a quem faltam até os objectos mais indispensaveis á sua vida: as proprias armas de pesca e os mais necessarios utensilios domesticos.

Visitei, uma por uma, todas as barracas e observei attentamente que em quasi nenhuma havia o que comer e nem sequer fogo feito entre as tres pedras que lhes servem de fogão.¹

Como os do Andirá, os indios do Uariaú têm um aspecto fraco e amolentado. São uma raça que degenera ao contacto de uma civilisação que não comprehendem e que lhes é ma-

¹ *Tacurua* é o nome indigena d'esta trempe-fogão.

drasta. São baixos, de corpo grosso, de physionomia inexpressiva, têm alguma barba, pouca, no bigode e no mento sómente; os olhos são pequenos com a palpebra superior caída. É rarissimo encontrar entre elles um individuo com dentes sãos; em quasi todos, sinão em todos, faltam os dentes da frente da maxilla superior, o que concorre muito para afeial-os, principalmente ás mulheres, entre as quaes foi-nos impossivel encontrar uma belleza, ainda relativa.

Contrariamente ao que se nota entre as populações ribeirinhas do Amazonas — descendentes da mesma raça — as quaes são, geralmente, aceiadas, os Maués, quer d'aqui quer do Andirá, são muito pouco dados a limpeza, havendo nós notado em muitas moças uma grande falta de aceio, que as torna repugnantes e dá-lhes o odor especial de certas aves, como o japiim ou chechéo (*Cassicus icteronotus*). Trazem os negros cabelos, que lhes crescem com abundancia invejavel, muito maltratados e cheios de piolhos, que mutuamente se catam, com uma faca de ponta, trincando-os depois nos dentes, como vimos.

São quasi todas agradaveis e affaveis e facilmente se familiarisaram connosco, o que não aconteceu logo com os homens, os quaes, não só n'estas como nas demais aldeas que visitámos, fugiram todos para o matto, á noticia, adrede espalhada pelos regatões, de que o presidente da provincia vinha recrutar-os.

(Eis mais um documento para juntar aos dois compadres que se mataram depois de beberem juntos aguardente do regatão — consoante a historia contada ahi na Assembléa Provincial.)

É verdade que ás nossas affirmações de que não ha-

via receio de recrutamento e aos chamados dos capitães vinham pouco a pouco apparecendo, e mostrando-se mais confiantes.

Em honra do presidente da provincia foi organizado um *poracê* ou baile n'uma sala pessimamente illuminada por duas lamparinas de folha, de fórma conica, servidas com kerosene, que lhes vendem os regatões, unicos homens civilizados com quem têm contacto.

As danças constaram do *gambá*, umas cousas que se pareciam polkas e walsas, e lundús, dançado tudo ao som da mesma musica, o que para nós civilizados fôra talvez impossivel.

O *gambá* tira o nome do instrumento que n'elle serve: um cylindro de 1^m de comprimento, feito de madeira ôca, em geral de molongó ou jutahy, com uma pelle de boi esticada em uma das extremidades á guisa de tambor, ficando a outra aberta. Tocam-no assentados em cima, batendo com as mãos abertas sobre a pelle. A orchestra compunha-se de dois d'estes instrumentos e mais duas caixas a que chamam tamborins, fazia um grande barulho pouco melodico que parecia ser muito apreciado por elles.

Esta musica que merecera o conceito de Talleyrand, de que a musica é apenas um barulho supportavel—era invariavelmente acompanhada de cantos não menos monotonos do que ella.

A parte dançante do *gambá* consiste em uma especie de lundú em que o cavalheiro estallando castanholas com os dedos e *sapateando* com os pés gira em retorcidas posições em torno da dama que pelo seu lado roda tambem, como a fugir-

lhe a um amplexo, enquanto os musicos tocam e cantam, repetindo-se enfadonhamente:

Capitão barateiro,
Zonda do má ¹
Prometteu mas não deu,
Zonda do má
Sete saia de chita,
Zonda do má
Para dia de anno,
Zonda do má.
Etc., etc.

ou então esta incorrecta, incompleta e estropeadissima versão do celebre romance popular portuguez *A náó Cathrineta*:

Arriba, arriba gageiro,
A aquelle tope reá
Avista terra de Hespanha
Areia em Portugá.

Marinheiro vieram de longe,
No grande navio de guerra.
P'ra starem hoje encalhado
No caná da Ingraterra.

Avistaram terra de Hespanha
Areia em Portugá

¹ Ondas do mar.

Não avistei terra de Hespanha,
Nem areia em Portugá,
Avistei tres menina
Em baixo do laranjá
Mostrava ser filha
Do capitão generá
A mais pequena d'ella,
Para contigo casá
Não quero a vossa filha
Que lhe custou a creá
Quero o meu anáu (*sic*) Cathrineta
Para no mar navegá
Nem isso te posso dá,
Te darei em dinheiro,
Não quero vosso dinheiro,
Que vos custou a ganhá.

De accordo com os mestres da sciencia que estudam as manifestações estheticas do sentimento popular, transcrevo exactamente tal qual lhes ouvi a elles pronunciar, os versos que ahi ficam, e de cuja significação no meu entender elles não têm consciencia repetindo-os apenas como indispensavel acompanhamento á musica e á dança, com as quaes não têm aliás a menor relação. E mais me confirma n'esta idéa, que quando lhes pedi que m'os dictassem, foi preciso que cantassem para se lembrarem, não sendo capazes de os recitarem de cór. E si eu, estranhando a desconnexão que não só n'estes transcriptos, mas em outros que lhes ouvi se nota, procurava fazel-os supprir as evidentes lacunas, jámais o consegui, provando

as suas respostas constantes de *ser assim que cantavam*, que não os comprehendiam.

Ao som da mesma musica e com os seguintes versos, cantados n'uma toada molle, dançam a *tyranna*, que não passa de uma especie de polka com passos meneiados como os do lundú.

Eis os versos:

Eu vi, eu vi, tyranna,
Ninguem me contou, tyranna,
Meu amor, ingrata, tyranna,
Não sei como não morri, tyranna.

Bisados os dois ultimos versos, voltam a repetir a quadra toda o que podem fazer cem vezes sem dar mostras de enfado.

O *jacundá*¹ consta de um circulo formado por homens e mulheres alternadamente de mãos dadas. Para o meio do circulo vae um homem ou uma mulher em torno do qual gira todo elle, sempre ao som da mesma musica e da seguinte cantiga:

Vamos gapuiá,²
Jacundá,
Debaixo do páo,
Jacundá,

¹ O *jacundá* é um peixe, e a dança descripta parece ser uma representação da sua pesca.

² *Gapuiar*, verbo de origem tupy-guarany, pescar nos baixios um pouco ao acaso lançando o harpão ou a flexa aqui e ali, caçar pequenos peixes á aventura nos lugares baixos.

Gapuia, gapuia,
Jacundá,
Vamos gapuiá,
Jacundá,
No buraco da pedra,
Jacundá,
Ai! não deixa fugi,
Jacundá,
O peixinho é gostoso,
Jacundá,
Jacundá pintadinho,
Jacundá,
No meio da roda,
Jacundá,
Pelos garapé, ¹
Jacundá,
Ai! segura, segura,
Jacundá.

O *jacundá*, isto é, o sujeito ou sujeita de dentro procura escapar-se do circulo para o meio do qual é empurrado pelos que o formam, até que por fim escapa-se indo aquelle ou aquella que o deixou safar-se, substituil-o na roda, continuando assim o jogo por muito tempo ao som monotono da cantiga repetida interminavelmente.

Nos intervallos d'estas danças distribuia-se *cachiry* e *guaraná*. Provei de ambas estas bebidas, que acharia perfeitamente potaveis, si não fosse a consideração do desaceio que vi reinar

¹ Por *igarapé*, riacho, ribeiro.

entre elles e ainda mais que, segundo se diz, a primeira leva, para acelerar-lhe a fermentação, milho mastigado.

Em seguida visitámos as malocas de Mucajatuba e de Paricatuba, ambas situadas ás margens do rio Maués, ambas e principalmente a primeira em lindissima posição. Aquella é, como a de Abacaxis, no rio Canuman, á qual fomos em seguida, de indios Mondurucús e esta de Maués.

A observação superficial que fizemos d'estes individuos, mostrou-nos os primeiros de um typo differente do segundo, de angulo facial mais agudo, o queixo fino e physionomia denotando menor intelligencia, e de genio mais desconfiado.

Depois de Abacaxis, fomos a Canuman, cujos habitantes são tambem mondurucús, sendo o tucháua e sua mulher ainda pintados ou *mondurucú pinima*. De curioso ali encontrámos um velho indio ex-tucháua de uma maloca já extincta e que de envolta com a sua patente de capitão, passada creio que ainda por Tenreiro Aranha, mostrou-nos o seu titulo de antigo simples votante. Este *cidadão* fala apenas a lingua geral e só a custo comprehende o que se lhe diz em portuguez!

A impressão que deixa no espirito do observador attento e de boa fé o estudo d'este meio, é má. Vem-nos, por mais que contra ella luctemos a convicção de que o indio é um individuo com quem a civilisação não deve contar. Nada mais desolador do que estas malocas, em ruínas, sem cultura, sem progresso, sem trabalho, sem vida, onde vegeta, que não vive, uma população mesquinha e mofina de gente fraca, sem nenhum vigor moral, nem selvagem, nem civilisada, miseravel, indolente, pauperrima, no meio das maximas riquezas naturaes.

Não ha ali nenhuma ligação de familia, nenhum sentimento de patria, de raça ou de religião que os eleve. A prostituição é geral e precoce. Não vimos uma virgem de mais de 14 annos. D'essa idade já todas tinham a apparencia de mulheres gastas. Perdem de tal modo a noção da raça que quando se pergunta a um si é mondurucú, por exemplo, elle, si já fala portuguez, responde: Sou ladino. — Ser ladino é para elles falar portuguez e ser um pouco mais esperto do que os que o não falam.

A um d'estes ladinos, perguntando-lhe o Dr. Paranaguá que idade tinha, o que elle só comprehendeu depois de repetidas explicações, respondeu:

— Um anno, *parcsque...*

Este cidadão de um anno tinha junto de si um filho de quatro ou cinco.

Outro que pediu seis tostões por outros tantos ovos de tracajá (*Emys tracaja*), venderia tres taquáras (frechas) por tres vintens, si a pessoa que as comprou não tivesse mais consciencia do que os regatões que os exploram.

E, diante de toda esta degradação, a gente não póde deixar de sorrir das theorias sentimentalistas dos românticos da politica ou da arte, e perguntar si estes sujeitos darão jámais cidadãos aproveitaveis e indagar onde estão, entre estas mulheres feias e desgraciosas as Iracemas e entre estes homens rudes e grosseiros, os Ubirajáras.



VI

GONÇALVES CRESPO

(1882)

ENTRE quantos poetas actuaes conheço, poetando em lingua portugueza, este é, no meu entender, um dos mais distinctos.

E si as encantadoras *Miniaturas* não bastassem para confirmar o meu juizo, ali estão os luminosos *Nocturnos*, ha pouco saídos do prélo em nitida e elegante edição, para comproval-o.

Estou mesmo na crença de que Gonçalves Crespo merece

NOTA.— Talvez não tivessem estas notas sobre Gonçalves Crespo o direito de figurar em um livro exclusivamente consagrado ao Brazil. Não discutirei as razões com que poderia justificar-me de reunil-as aos meus outros trabalhos, basta-me pessoalmente consideral-o, pelas tendencias do seu espirito e pelo caracter de sua poesia mais genuinamente brasileiro do que muitos dos nossos poetas nacionaes.

um estudo critico, que nos revelasse todos os segredos e todas as variações do seu peregrino talento.

Esse estudo, não é talvez possível fazel-o já: a litteratura portugueza tem o direito de esperar d'elle muito mais, não só pelas amostras dadas, mas ainda por que elle é um verdadeiro poeta, a quem o poetar é tão necessario, direi mesmo, tão fatal, como é ás aves o cantar. Para empregar uma figura sedicã, mas que exprime bem o meu conceito, direi que só emudecerá quando a mão se lhe gelar sobre as cordas da lyra.

É um temperamento profundamente poetico e uma alma profundamente sensivel, para versejar por desfastio; não, n'elle a poesia é a propria vida que lhe corre com o sangue nas veias.

Quem teve a gloria de vê-lo e tratá-lo, na intimidade do seu lar, no seu microscopico gabinete de trabalho, cheio de livros de sciencia, d'arte e de litteratura, enfeitado e *coquette*, com as paredes cobertas de photographias de artistas e poetas, e o escutou nas palestras litterarias franco, singelo, entusiasta sem *pose*, quasi ingenuo apesar do sorriso levemente ironico que lhe brinca continuamente nos labios grossos, comprehende que está diante de um poeta fatalmente votado ao perpetuo sacerdocio da arte: que ella, e só ella, é o seu amor, o seu culto, o seu destino, direi.

E, francamente, é só d'esta fórma que eu posso comprehender os poetas, esses entes privilegiados, meios homens meios deuses, que passam falando em lingua que não nos é dado falar, e que nem sempre comprehendemos, mas que nos delicia e refresca a alma.

Segundo a concepção romantica, desmentida embora na pratica pelo chefe da escola em França, o poeta devia ser um ente á parte, uma especie de bohemio de cabellos crescidos e menos cuidados, pallido, um pouco tysico, devorado por uma grande paixão, estragado pelas noitadas das orgias, pobre, proscripto, odiado da sociedade que o não podia comprehender. Byron, Musset, Vigny, foram, entre outros, os principaes typos em que a ignorancia romantica encarnou o seu ideal de poeta.

Semelhante concepção de todo o ponto falsa e immoral, muito damno nos fez a nós brazileiros, que, graças a ella, perdemos Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Junqueira Freire e outros e por fim Castro Alves — a mais promettedora esperanza da nossa p'oesia — que todos morreram da nostalgia de desgraça.

É talvez logico, mas em todo o caso fatal, que depois da chateza tranquilla dos ultimos tempos do clacissismo, surdisse a desordem romantica com todos os seus enthusiasmos theatraes, mas sinceros, cujo excesso viria a dar no facto apontado: na exageração do sentimento que punha o poeta fóra da verdade e do mundo, fazendo d'elle, quasi que um ente á parte, eternamente atormentado por aspirações impossiveis.

A essas chimeras romanticas não escapou Gonçalves Crespo, mas é preciso não lhe conhecer o genio para ver que o levavam para ellas mais a inevitavel influencia dos meios do que o seu gosto artistico.

Com a sinceridade que, segundo creio, é um dos mais bellos ornamentos do seu nobre character, elle confessa o seu

romantismo, n'estes bellissimos versos para cuja cinzeladura chamo a attenção do leitor:

O mar já me tentou: aspirações fogosas
Fizeram-me idear phantasticas viagens;
Eu sonhava trazer de incognitas paragens
Noticias immortaes ás gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fabulosas,
Um palacio escondido em múrmuras folhagens,
Onde eu fosse occultar as candidas imagens
Das virgens que evoquei por noites silenciosas.

Mas tudo isso passou: agora só me resta
Das chimeras que tive, uma visão modesta,
Um sonho encantador, de paz e de ventura.

É simples: uma alcôva, um berço, um innocente,
E uma esposa adorada, envolta, a negligente!
De um longo penteador na immaculada alvura...

Apresso-me a dizer que estes versos são da segunda collecção, os *Nocturnos*, publicada em Março, isto é, pertencem a nova maneira, exprimem os sentimentos do poeta actualmente.

Qual seria o romantico descabellado, odiando por systema a burguezia, que não riria do final d'aquelle soneto: um filho, uma esposa adorada, um viver de paz e de ventura... *Fi donc...*

Parece-me que já ficou dito que Gonçalves Crespo é um artista, na mais nobre, na mais elevada accepção d'este termo: o ultimo terceto do soneto transcripto é uma prova. Como

poeta moderno, que elle é, os seus desejos são humanos e realisaveis, como artista elle os refina até o ideal, sem comtudo saír da realidade.

II

É uma questão que divide os criticos, principalmente aquelles que não são dirigidos por um methodo positivo no estudo das creações artisticas, a de saber o que se deve entender por poesia moderna.

Eu chamei acima Gonçalves Crespo um poeta moderno. Esta designação, para não ser tomada por gratuita, carece de explicações.

O artista é tanto maior quanto menos indifferente fica ao seu meio, cujos sentimentos deve reproduzir com a maxima exacção, si pretende ser perfeito. Isto quer dizer que elle depende inteiramente das circumstancias, ou por outra, que a sua perfeição está na razão directa da maneira por que traduz o estado social do seu tempo. Ora, desde que, segundo esta concepção, que cremos legitima, o artista está subordinado ao seu meio, é claro que antes de classificar um artista deve-se indagar do estado social, cujo é filho.

Com a sua costumada profundez, Augusto Comte submete o desenvolvimento das faculdades estheticas ao regimen intellectual, do qual tambem depende todo o progresso humano. O momento que actualmente atravessam todas as sociedades do occidente, profundamente divididas por crenças philosophi-

cas de todo o genero, que geram ellas tambem os mais disparatados problemas, pondo em lucta todas as forças sociaes, e por assim dizer, embaraçando todas as soluções, não tem, nem póde ter, um só caracter que se defina em frase curta e precisa. Entretanto, é facil de ver, no meio d'esta confusão, um ponto para o qual convergem todas as aspirações e para cujo alcance a humanidade, representada pelo que ella tem de mais eminente (e aqui a qualidade sobreleva a quantidade) trabalha com todas as suas forças.

Esse ponto, esse problema de cuja solução depende a unidade intellectual do futuro, é a concepção positiva do universo. Assentada ella, a nova philosophia — e para nós as diversas religiões não são mais do que varias philosophias — a nova philosophia, digo, se imporá a todos os espiritos, e d'esta vez, a crença universal não se baseará na revelação extra-humana, mas na demonstração experimental. É curioso observar que actualmente os philosophos que emancipados do jugo theologico conservaram-se deistas admittindo um creador sobrenatural para o universo, sujeitam-o á fatalidade das leis que elle proprio estabeleceu, isto é, fazem o Omnipotente theologico tão impotente para alterar as leis que regem os factos cosmologicos como qualquer de nós. Parece-me que a contradicção não póde ser mais clara.

Volto, porém, á questão que me obrigou a esta digressão.

É evidente que emquanto a humanidade não tiver uma crença principal, que embora admittindo divergencias de detalhe, unifique quanto á concepção do mundo, todas as intelligencias, e por conseguinte todas as consciencias, o sentimento

esthetico fluctuará á mercê das crenças individuaes, e a critica não poderá estabelecer regras fixas para julgar as suas manifestações. Ser-me-ia facil provar, citando os nomes dos grandes artistas da Grecia no periodo do seu florescimento, de Roma, nos aureos tempos da Republica e nos primeiros do Imperio, de toda a Europa occidental, na época brilhante da Renascença, que da homogeneidade do estado social depende a homogeneidade d'aquelle sentimento, e ninguem, creio, negará que o estado social depende inteiramente do estado intellectual.

Isto tudo vem para dizer que quaesquer classificações que a critica estabeleça entre as obras d'arte são relativas. Si é verdade, como não se poderá contestar, que o periodo theologico, com todas as concepções e modos de sentir que elle acarréta e comporta, passou completamente, não ha negar tambem que a época positiva—e não tomem esta palavra sinão no seu mais largo sentido—ainda se não assenhoreou do campo, onde a metaphysica, envergonhada e renegando-se a si mesma, continúa a sua obra negativa.

Chamando eu a Gonçalves Crespo um poeta moderno, quiz dizer que a sua consciencia e a sua esthetica, livres ambas das pêas theologicas, nem por isso o estão das fluctuações da consciencia moderna, batida entre o dogma positivo e o sentimento religioso, tão arraizado e tão forte, principalmente nas almas, como as dos poetas, em que as faculdades affectivas predominam sobre as outras. Ora, si o estado social, não só em Portugal, onde Crespo escreve, mas em todo o occidente, é este, Crespo, cuja consciencia é uma reproducção microscopica d'este estado, é um poeta moderno.

Estou vendo que me objectarão que em Portugal mesmo ha poetas, como o Sr. Teixeira Bastos, que, completamente emancipados, estão em plena positividade de espirito, e que portanto são mais merecedores do epitheto de modernos. Assim seria com effeito, si o estado social contemporaneo fosse o mesmo do espirito d'esses poetas, que estão portanto além do seu tempo; agora, si na verdade, é que não nos é dado affirmar, porque seria arriscada qualquer inducção sobre a arte do futuro, e eu, mais do que ninguém, não me atrevo a fazel-a.

III

O primeiro livro de versos de Gonçalves Crespo traz este titulo: *MINIATURAS, por Antonio Candido Gonçalves Crespo, natural do Rio de Janeiro*; e a data de 1871.

Esse livro quasi desconhecido n'esta parte do Brazil, onde geralmente se pensa que a borracha é por si só bastante para a vida de um povo, foi recebido no Sul com o gráo de enthusiasmo compativel com o nosso amor pelas boas lettras. De facto, era um livro delicioso, uma pequena mas esplendida galeria de quadrinhos, de miniaturas onde sentia-se o pincel delicadissimo de um artista da Renascença, ou de um d'esses mestres que levaram consigo o segredo de pintar n'uma concha toda uma scena, cheia de expressão e de vida. Accrescia ainda em favor do livro a idéa de que o poeta era um filho d'esta terra, um brasileiro, que pouca gente conhecia, e que de Coim-

bra, onde estudava, nos mandava um livro que, si não rasgava novos horisontes á poesia patria, apresentava-se ao menos como quem podia tomar n'ella um dos primeiros lugares. Para os criticos o livro tinha, sobretudo, um character brasileiro, que lhe formava o maior merecimento. Abundavam n'elle os pequenos quadros da nossa vida, admiravelmente descriptos, impregnados da saudade do poeta. *Na Roça, Ao meio dia, Canção*, e até a formosissima miniatura que traz por titulo *A bordo*, o diziam altamente, na sua nota sentida e saudosa, que, como acontece em geral com os versos d'este poeta, nos deixavam uma scisma vaga e deleitosa. Ainda nos mesmos versos puramente lyricos, sentia-se, na ardentia do sentimento e da expressão amorosa, o sangue do mestiço, elevando a nota apaixonada, já de si aguda, que é um dos caracteristicos da poesia subjectiva brasileira. Vejam, para exemplo, os versos intitulados *Sara*. Este ar brasileiro, desvanece-se, sem desaparecer, no outro livro do poeta. Portugal fel-o deputado, e consagrou-o seu filho. Elle lá ficou, e nós o perdemos. Entretanto na sua obra poetica ficaram sempre visiveis as duas feições do seu estro: a feição brasileira e a feição portugueza; aquella por ventura mais intensa, mais caracteristica do que esta.

O poeta disse-me de uma vez que, apesar de ter ido d'aqui criança ainda, tinha a visão perfeita do Brazil, e confessou-me ter saudades dos lugares por onde lhe correu a meninice. Taes sentimentos, que resaltam nas *Miniaturas*, apenas se lobrigam nos *Nocturnos*. O amor de uma mulher illustre e distincta, que é hoje sua esposa, a influencia do meio artistico em que vive, o tempo que tudo faz esquecer, apagaram do seu

espírito as fortes impressões de infancia. Isto quanto aos versos em que a intenção de brazilianismo é evidente, mas si estudarmos profundamente o seu sentimento poetico, acharemos na sua predilecção pelas cousas amorosas, na volupia doce e languida que, talvez máo grado seu, lhes mistura, no tom voluptuoso dos seus versos, um indicio de que a sua primeira patria deixou no seu talento uma impressão que ainda dura. E o poeta, que á pagina 141 dos *Nocturnos*, escreveu este verso:

Ah! quem pôde esquecer o seu paiz natal!

o sente talvez melhor do que eu não sei exprimir.

IV

O livro de versos que deu motivo a estas apreciações, que não critica, de um artista por quem tenho toda a sympathia, já os leitores sabem que se intitula *Nocturnos*. É um elegante in-8.º, primorosamente impresso em magnifido papel, e encadernado em panno, com muito luxo e esmero. Um verdadeiro *bijou*, um escriptorio como convinha que tivessem as perolas que encerra. O poeta pensa, eu o sei, e pensa bem, que um livro de versos deve ter a elegancia e o mimo que podem faltar em um livro de prosa. Elle não publicaria os seus, estou certo, si não achasse um editor que o quizesse fazer com luxo. Isto, que parecerá uma puerilidade aquelles que não compre-

hendem as finas delicadezas de uma alma de artista, serve para desenhar melhor o caracter de Gonçalves Crespo, o poeta delicado por excellencia.

Entre a publicação das *Miniaturas* e a dos *Nocturnos* medeiam onze annos; tempo mais que sufficiente para apreciar o gráo de perfectibilidade do poeta, e um dos primeiros deveres de quem aprecia um novo livro é de comparal-o com os que o precederam e indagar si essa comparação é ou não favoravel ao artista. No caso presente ousou affirmar que o é; no fundo e na fórma. No fundo, desaparece, ou antes desvanece-se o subjectivismo lyrico que é o escolho dos poetas modernos, ainda os mais possantes, e o é porque na transformação que soffre o lyrismo a subjectividade poetica é a negação do movimento. Esse progresso é tão evidente em Gonçalves Crespo que ser-me-ia difficil exemplificar o contrario, tanto é escasso nos versos da sua nova collecção, a menos que não citasse os vinte e quatro *Numeros do Intermezzo* paraphraseados de Heine, e onde portanto a inspiração é alheia. O poeta voltou-se mais para o mundo exterior, e se não entrou plenamente na natureza, — essa mestra fecunda e prodiga a todos que a sabem comprehender e amar — tentou-o ao menos a historia e a legenda. E para o poeta — é Victor Hugo quem o affirma — o aspecto legendario não é menos verdadeiro do que o historico.

Nas *Miniaturas*, é verdade, esta tendencia do genio de Crespo já se deixa presentir nos versos como os de *Nero* e *Transfiguração*, mas o que ali era um accessorio aqui é o principal, não só pela quantidade sinão pela qualidade. N'esse genero conto eu, sem querer estender a minha classificação a

outras como o poderia talvez fazer, nada menos de treze peças, as melhores, a meu ver, de todo o livro. D'essas, para citar, escolho a *Ceia de Tiberio*, com a sua magistral descripção das pompas da Roma decadente, *A resposta do Inquisidor* que com a *Morte de D. Quixote*, eu considero as melhores cousas do livro e duas das mais bellas poesias portuguezas contemporaneas, *No jogo das cannas*, um soneto delicioso, *O cura Santa Cruz*, uma historia tocante e horrivel de Daudet, posta em versos com admiravel mestria, etc.

D'entre todas estas que cito, e que desejaria poder transcrever aqui como peças justificativas do meu conceito, peço permissão para occupar-me com *A resposta do Inquisidor*.

Todos conhecem a accusação que pesa sobre Felipe II de Hespanha de ter mandado matar seu filho D. Carlos.

Foi este facto, explorado já por outros poetas, como Schiller, que forneceu a Gonçalves Crespo, como poderia fornecer a um pintor, o assumpto de seus esplendidos versos, onde os sentimentos das duas personagens que figuram no seu quadro, o rei e o inquisidor, são admiravelmente apanhados e reproduzidos. El-rei medita sósinho n'uma sala apainelada e fria, de cujo muro pende por sobre a real cadeira um Christo

mesto, livido, nú, ferido e ensanguentado.

.....: O seu olhar turbado,

.....

Vibra irrequieta luz, parece allucinado.

Um negro pensamento afflige o espirito real, elle desconfia do filho, acredita-o capaz talvez de arrebatá-lhe o throno; pensa em livrar-se d'elle; em matá-lo. Mas matar o filho é um crime, é mais do que um crime, é um peccado; diz-lh'o a sua consciencia catholica amargurada com esta idéa. Um peccado! Que terrivel pesadêlo para o rei que por amor de Deus consentia que lhe queimassem milhares de subditos! Uma idéa, porém, acode-lhe: consultar o inquisidor-mór, obrar de accordo com o seu parecer. Pois não é verdade que o que elles ligarem ou desligarem na terra será ligado ou desligado no céo? Si elle consentisse — que allivio! — mataria o filho, e que sobre a cabeça do Padre caísse a cólera celeste, si é que a cólera celeste pôde attingir um Padre!

Acóde aquelle ao real chamado. Aqui não me posso furta a transcrever o retrato do Padre; Velasquez não o faria melhor!

Curvára, ao entrar, o monge a tremula estatura:
Mãos dispostas em cruz no largo peito ancioso,
E humilhada a cerviz na ascetica postura.

E comtudo esse frade humilde e respeitoso,
De olhos fitos no chão, tão fragil como um vime,
Na presença de um rei, de um Cesar poderoso,

É fanatico e audaz; com mão de bronze opprime
O Solio, a Egreja, o Lar e os corações dos crentes;
Flagella a sombra e o amor, condemna a luz, e o crime!

Quando elle vae passando, as timoratas gentes
Benzem-se com pavôr e param de improviso
As canções juvenis nas aleas rescendentes.

Nunca nos labios seus florira o alegre riso,
Tem cem annos, jámais beijára uma creança,
E crê subir, talvez, morrendo, ao Paraizo!

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França
Paira como o sinistro espirito do Mal,
O negro inquisidor, feroz como a Vingança.

Sixto quinto, o cruel, fizera-o cardeal,
E a Hespanha pôde ver com assombroso espanto
Junto do rei-panthéra o inquisidor-chacal.

.....

É o rei disse-lhe:

.....
Tu que falas com Deus, e és Padre, e és bom, e és santo
.....
... diz-me, cardeal, se é um vil, se é um precito
O rei que é justo e mata o filho que é traidor...

O astuto frade penetrou o designio do rei — um era digno
do outro — e versado nas subtilidades da casuistica religiosa,

escondeu elle tambem o seu pensamento: a resposta que lhe põe na bocca o poeta é, digo-o já, uma obra prima:

.....
Ó príncipe, e apontava o livido Jesus,
Para acalmar dos céos a colera implacavel

O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!

Este final, subjectivamente verdadeiro, interpretando com uma fidelidade historica admiravel os sentimentos d'aquelles dous homens e da sua época, é de um prodigioso effeito poe-tico que nos arranca, ainda lido no isolamento do nosso gabi-nete, uma expressão de admiração.

A *Morte de D. Quixote*, que eu quizera poder tambem analysar, não é porventura menos bella e está de accordo com a nova exegése do famoso livro de Cervantes.

Isto quanto áquillo que para mim fórma o fundo do livro; direi agora da fórma.

V

De uma vez que conversavamos de livros e autores, Gon-çalves Crespo mostrou-me o formoso livrinho do nosso Luiz Guimarães Junior, *Sonetos e Rimas*.

A elegante brochura tinha uma dedicatoria autographa ua

qual o poeta, si a memoria me não trahe inteiramente, chama Crespo o *Benevenuto Cellini do verso portuguez*.

A comparação é justa e eu aproveito-a e a faço minha. Ha, com effeito, na maneira porque Gonçalves Crespo trabalha o verso alguma cousa do estylo do cinzelador, o relevo vivo, o rendilhado delicado e fino, o traço fugaz, mas energico. E versos ha seus, sonetos principalmente (vide *Fervet amor, O relógio, etc.*, nos *Nocturnos*), que nada têm a invejar a um cabo de punhal cinzelado para uma marqueza qualquer pelo famoso florentino, tal é o apuro da fôrma n'este poeta.

E a fôrma não é, na arte, na poesia principalmente, um accessorio; pelo contrario é, sinão tudo, quasi tudo, e eu comprehendo a ingenua admiração do grande Flaubert por ella. Goethe, o poeta de mais vastos e fundos conhecimentos que jámais existio, o autor do *Fausto* e um dos precursores de Darwin, chamava-lhe a divina fôrma. Eu sei que contra ella ha duas accusações, ou antes duas objecções, ambas graves. É a primeira que serve para encobrir a pobreza do pensamento, como nós vimos acontecer em Portugal com a escola de Castilho e no Brazil com a dos seus imitadores, Magalhães, Porto Alegre e outros; e a segunda a sua variabilidade, que prova que na obra d'arte apenas salva-se o fundo. Esta objecção é das duas a mais séria, porque á primeira basta responder que as unicas victimas da adoração exclusiva da fôrma são os seus idolatras.

Que ella varia, é verdade que varia como tudo o mais, porém isso não inibe que a perfeição do artista, julgado ao ao menos no seu tempo, dependa do gráo de perfeição a que

a leva. A difficuldade em trabalhá-la, porém, é enorme, para muitos insuperavel. A cada passo d'esse formidavel trabalho o artista encontra escolhos e estorvos: a affectação, o purismo, a maneira, o guindado, e mil outros. É preciso ter levado dias a pensar n'uma frase, para saber quanto custa a fazel-a, principalmente quando se não quer sacrificar o fundo. A poetica de Crespo tão delicada e tão rica, levou a fórma a uma perfeição, sinão inexcedível, invejavel. O seu verso é, como disse, cinzelado e brunido, não ha n'elle asperezas, a palavra, colorida e vivaz, exprime sempre exactamente o que o assumpto exige, a rima é rica, sem affectação de difficuldades. Sem temer que me acoimem de louvaminheiro, direi mesmo que o seu vocabulario quasi que lhe pertence. As palavras de que usa, usa-as de modo que parecem creadas por si. Por um processo qualquer artistico cujo segredo desconheço, elle as apropria, e faz d'ellas cousas suas. Francamente adoro-lhe a fórma. Leiam o soneto *Animal bravo*. É um presente que o poeta traz a uma menina: um animal felino que seu braço victorioso subjuga, segundo elle o diz:

Tive artes de o anhasar: eil-o sereno!
Acode á minha voz, e ao meu aceno,
Como um jaguar á voz de um saltimbanco. . .

Vamos, soneto! a pruno! ajoelhe, présto!
E á doce Eugenia do sorriso honesto,
A fimbria oscúle do vestido branco!

O final é de um primor, de uma gentileza que ninguém contestará. Para exemplo d'esta pureza de fôrma que uma extrema e fidalga elegancia caracteriza, eu poderia citar todo o livro, o que é impossivel. Peço, porém, ao leitor que leia com cuidado *O Minuete*, *As Ondinas* e a já citada *Morte de D. Quixote*. São os documentos comprobatorios que escolho, e fio que o publico será do meu parecer. A esta suprema elegancia de fôrma se allia nos versos *Nocturnos* uma delicadeza de expressão e de sentimentos, uma melancolia um pouco ironica, que nos deixa no espirito a mesma scisma vaga e doce em que nos quedamos quando ouvimos um dos *Nocturnos* de Chopin. Rara é a sua poesia que acaba com o ultimo verso; quasi todas, ao contrario, parecem prolongar-se ainda, como o derradeiro som perdido de um instrumento que se afasta, como as ultimas e expirantes vibrações da corda de uma harpa que, prolongando-se, prolongam tambem não já nos nossos ouvidos, mas no nosso espirito a melodia divina que acabou. É assim a poesia de Gonçalves Crespo, e isso prova que elle attingiu o verdadeiro fim do poeta, impressionar a alma por meio do bello ao serviço de qualquer causa. Prolongar essa impressão é ultrapassar a méta. Não se póde ler a *Morte de D. Quixote* (creio que é a quarta vez que a cito) sem repassar na lembrança toda a vida do

..... altivo heróe Manchego

tanto aquelles inimitaveis versos nol-a trazem á memoria, com as suas peripecias cuja alegria não exclue o pezar que nos

infunde a doce loucura do immortal typo creado por Cervantes.

Outras vezes um verso só dá-nos para reconstruir toda uma historia, como o ultimo do bellissimo soneto *Odor di Femina*.

Era austero e sizudo; não havia
Frade mais exemplar n'esse convento;
No seu cavado rosto macilento
Um poema de lagrimas se lia.

Uma vez que na extensa livraria
Folheava o triste um livro pardacento,
Viram-n'o desmaiar, cahir do assento,
Convulso, e tôrvo sobre a lagea fria.

De que morrera o venerando frade?
Em vão busco as origens da verdade,
Ninguem m'a disse, explique-a quem puder.

Consta que um bibliophilo comprára
O livro estranho e que, ao abril-o, achára
Uns dourados cabellos de mulher. . .

Creio que o leitor não me dirá agora que eu exagero; convencido, elle procura talvez reconstituir a dolorosa historia d'aquelle frade que apezar da sua austeridade não soube matar no coração um grande e humanissimo sentimento, cuja his-

toria passou-lhe rapida e dolorosamente pelo espirito como um punhal que brilha diante de nossos olhos e nos fêre incontinentemente o peito, ante

Uns dourados cabellos de mulher. . .

VI

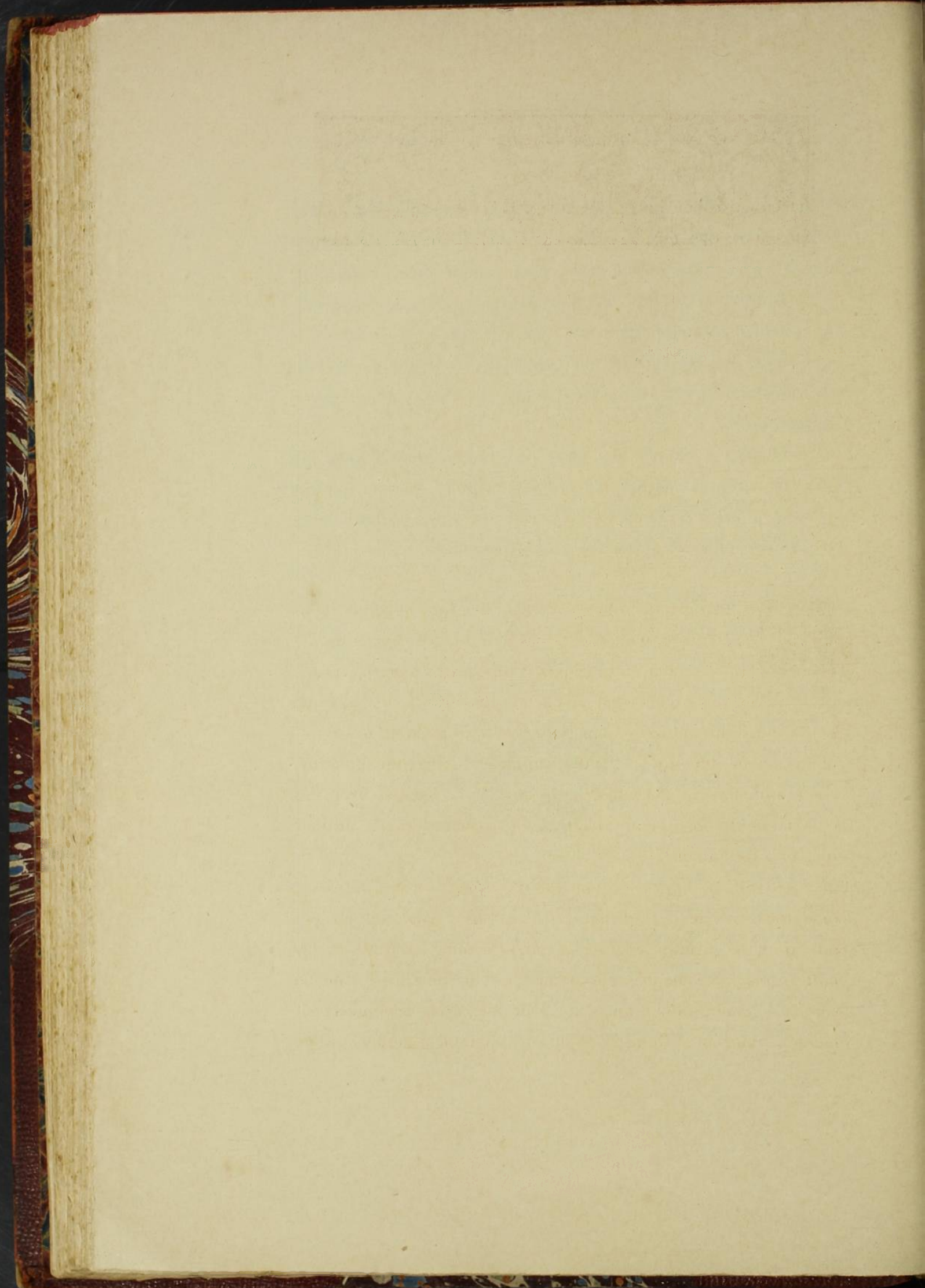
Ao concluir estas ligeiras notas sobre o cantor dos *Nocturnos* estou já prevendo que os que as têm lido me arguirão de antes elogiador do que critico, e aquelles que vinham com o espirito aguçado para a maledicencia litteraria, me quererão mal por os ter desapontado, achando n'um poeta só o que louvar. Têm razão esses que assim pensam, a critica não é nem póde ser só o louvor, mas ás suas censuras me furto declarando, como já o fiz, que não é precisamente critica esta desambiciosa apreciação de um grande poeta, provocada pelo seu ultimo livro de versos. Nós todos temos por um dado sujeito uma predilecção especial, uma *quêda*, uma *sympathia* que muitas vezes não sabemos explicar, e que outras vezes até—ó miseria humana!—não nos atrevemos a confessar. O mesmo se dá com quem trata cousas de livros. Ha sempre um autor, um poeta, por quem tem a gente uma predilecção que torna impossivel a critica sevéra, rigorosa, mais propensa a descobrir defeitos do que bellezas. Talvez seja este o meu caso com Gonçalves Crespo; a admiração que voto ao seu talento do-

mina quiçá o meu juizo, que este, porém, seja infundado e sem causa, é o que este artigo, parece-me, nega completamente. Raras vezes affirmei um facto, sem exhibir prova sufficiente.

Entretanto repito: não pretendi mais do que apresentar ao publico paraense um poeta que elle quasi não conhece e que muito merece ser por elle conhecido. A nenhuma valia do introductor, espero, não será tomada em conta para julgar o apresentado.

Quanto a eu não lhe fazer censuras, já disse o que, talvez, me tirou a liberdade de fazel-as; a unica, porém, que me occorre afinal é d'elle não ter querido ser, n'esta geração, sinão o primeiro, um dos primeiros poetas brasileiros.







VII

OS IDOLOS AMAZONICOS

(1883)

No meu estudo sobre a *Religião dos Tupy-guaranys*, contestando a maior parte das asseverações correntes sobre as crenças religiosas d'aquelles selvagens, escrevi:

«Idolo — a archeologia ainda não encontrou nem um que se possa aceitar não só como pertencente a qualquer das innumeras tribus em que se dividia a grande familia tupy-guarany, como que fosse n'ella objecto de culto e todos os chronistas e mais escriptores, sem excepção, são concordes em affirmar que não os tinham.

«O Sr. Barbosa Rodrigues foi o primeiro entre antigos e modernos, que teve a felicidade de encontrar um grupo de pedra, de duas figuras, uma onça (*felix*) e uma tartaruga ou jabuti (*testudo*) a que, baseado n'um periodo de Christovam da Cunha, chamou idolo amazonico de pescaria. Incontestavelmente, como o demonstra o illustre botanico, aquelle idolo

(chamemol-o assim) era d'aquelles de que fala o chronista da viagem de Pedro Teixeira, mas ainda assim não prova que o gentio do Brazil, o tupy-guarany ao menos, tivesse idolos, ou representações materiaes da divindade mesmo admittindo que os indios a que se refere o Padre Cunha, pudessem ser filia-dos áquella familia de selvagens brasileiros, porque elles viviam no Alto-Amazonas, nos actuaes limites do Brazil com o Perú, com cujo gentio tinham forte contacto, partilhando até os seus costumes como prova o uso da *estollica*, a arma dos antigos peruvianos. Além d'isso parece-nos ver na figura achada pelo Sr. Barbosa Rodrigues algumas semelhanças características com outros especimens da arte transandina, sob cuja influencia ella poderia ter sido feita.»

Tendo o Sr. Barbosa Rodrigues dirigido-me uma carta de amigavel contestação, na qual, porém, parecia não ter attendido a que eu não negava absolutamente a authenticidade do seu achado, sinão que pertencesse elle a familia tupy-guarany, cujo sentimento religioso estudava, tive de ser mais explicito em uma nota que sobre o mesmo assumpto preparei para enviar aos *Annales du Musée Guimet*, na qual escrevi:

«... que não me parecia de boa prudencia scientifica admittir com este unico fundamento sua authenticidade de idolo da mais numerosa familia de selvagens da America do Sul. Portanto, e até novas provas, não o consideravamos sinão como um producto estrangeiro á região em que foi achado, o que não é difficil admittir porque como esculptura pelo menos, não só está muito acima de tudo o que até agora se tem encontrado no Brazil, como não tem o mesmo character dos especí-

mens achados da arte genuinamente brasileira, pelo que, pensamos, deve antes ser tido como pertencente á de além-Andes, de Nicaragua, etc.

«Semelhantes achados, quando não são seguidos de outros e quando se não possui todos os dados indispensaveis para a resolução do problema, em questão, devem ser postos de lado, sob pena de virem trazer mais trevas do que luz. Nenhuma dificuldade tenho de crer que no valle do Amazonas hajam existido selvagens de uma outra raça ou familia que não a tupy-guarany, e parece-me até que os modernos estudos e achados do proprio Sr. B. Rodrigues, dos Srs. Hartt, Ferreira Penna e outros, autorisam a admittir, sob certas reservas todavia, a existencia aqui de uma civilização pré-tupyniana (e muito mais adiantada do que esta) a qual o idolo encontrado pelo Sr. B. Rodrigues terá porventura pertencido. Mas não posso crer que elle tenha recebido o culto de gente falando como sua propria a lingua tupy-guarany, pois que esses povos, como julgo ter demonstrado, estavam, em religião, no periodo do fetichismo inicial, no animismo, e não representavam materialmente as suas concepções subjectivas.

«O que não se póde negar — concluia — é que esse grupo de pedra ou idolo seja authenticamente americano; e sómente este facto é bastante para dar-lhe um grande valor.»

Do que fica exposto resulta: *a)* que eu negava á familia tupy-guarany idolos ou representações materiaes de suas concepções subjectivas, em materia de crenças religiosas; *b)* que não admittia que o idolo achado pelo Sr. Barbosa Rodrigues lhe pertencesse; *c)* que, sinão o dizia cathegoricamente, ao me-

nos inclinava-me a crer que era um producto estrangeiro á região amazonica cis-andina e principalmente áquella parte em que foi achado, o Baixo-Amazonas.

E n'esta convicção estava quando um fortuito e feliz achado de uma figura de pedra tambem, um fetiche analogo aquelle a que o Sr. Barbosa Rodrigues chamou *Idolo Amazonico*¹, feito por mim, na minha ultima excursão pelo Amazonas (Novembro — 1882), veio trazer um novo documento a favor da opinião d'elle e fazer-me mudar a minha, ao menos quanto á ultima clausula.

Entretanto, o meu achado, por muito importante que seja, não resolve por si só a questão complexa levantada pelo folheto do Sr. Rodrigues, e, creio que agora, quando um novo documento apparece a confirmar o primeiro, ha lugar para volver ao assumpto, já tão proficientemente tratado por elle no seu citado opusculo.

¹ *Idolo amazonico achado no Rio Amazonas* por J. Barbosa Rodrigues — Rio de Janeiro — 1875; com uma estampa representando o idolo. Eu prefiro chamar *fetiche* quer ao objecto achado por mim, quer ao do Sr. Barbosa Rodrigues. O idolo traz logo ao pensamento a idéa de adoração; ora como o direi para adiante, nenhum d'estes era objecto d'ella, seu officio era o de meros *talismans* propiciatorios, o que faz que, a meu ver, mereçam antes o nome de *fetiches* que o de *idolos*. Entretanto, como esta ultima denominação é a geralmente aceita, conservo-a reservando-me o direito de usar de ambas.

I

Antes de entrar nas considerações que suggerem os dous fetiches que pretendo estudar, acho de bom aviso, — não só para clareza da questão, mas ainda para pôr o leitor em estado de julgar-a — fazer a descripção de um e de outro.

« O conjuncto do idolo — diz o Sr. Barbosa Rodrigues descrevendo o seu — é uma allegoria baseada em costumes de animaes e na crença da mãe dos mesmos.

« Compõe-se de duas figuras, um *carniccio* procurando devorar um *chelonio*. Tem de altura 0^m,185, de largura 0^m,9 e de comprimento 0^m,15, comprehendidas ambas as figuras.

« Assentada sobre uma tartaruga (*podocnemis*) uma onça (*felix*) com as garras das mãos segura um enfeite de phantasia que suspenso pela lingua passa por cima da cabeça da tartaruga e pela parte posterior do pescoço, onde se encostam os dentes da maxilla inferior da onça.

« A tartaruga que pela fôrma do casco se aproxima mais de um jabuti (*testudo*), tem um longo pescoço erguido perpendicularmente terminando em uma cabeça, que pelas fôrmas e posição afasta-se inteiramente das de todos os chelonios. Procurando achar analogia entre esta e a de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crer que a phantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a phantasia guiou a mão do artista, que além do enfeite que mencionei, ainda ornou o pes-

coço da mesma tartaruga com uma coleira, enfeitada de uma grega. A fôrma da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semi-convexa na superior, afilando-se para o focinho.

« Este tem lateralmente saliências que indicam beiços levantados pela pressão interna de dentes, e pela parte superior uma linha elevada que passando pelo meio do maxillar superior vae terminar na altura do frontal, que fica encoberto pela lingua da onça. Os olhos affectam a fôrma de um semi-circulo, com a parte convexa para cima. O pescoço e a cabeça do chelonio apresentam fôrmas angulosas, de que se resentem tambem os da onça. Tendo a cabeça a fôrma semi-globulosa dos carniceiros do genero *felix* tem comtudo as maxillas longas e tão abertas que entre ellas fôrma-se um angulo recto. Se afasta-se no comprimento a maxilla, a fôrma, porém, dos dentes caninos e molares caracterisam o carniceiro.

« Tão exacto foi o artista ahi que até deixou na maxilla superior o lugar vasio onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve, comtudo, nos incisivos, marcando só quatro em vez de seis. A fôrma das narinas, a posição das orelhas, a collocação dos olhos e mesmo a fôrma do pescoço se aproximam dos do terrivel habitante das selvas. A posição do corpo e das extremidades angulosamente trabalhadas aproxima-se da dos quadrumanos, tendo porém as mãos como as dos carniceiros com as suas cinco garras. O aspecto geral é o de uma onça, *Yauarité* dos indigenas. A cauda infelizmente partida, pela porção que existe, mostra ter sido levantada.

« Apezar da incorrecção do desenho, e da phantasia do artista, vê-se que era habil e observador da natureza. O cos-

tume que têm os carnicheiros do genero *felix*, de virem annualmente, no mez de Setembro, época em que estão ao cio, ás praias devorarem as tartarugas levou o artista a escolhel-o para o symbolo do deus de suas pescarias, procurando a *mãe* da onça, como mais poderosa para subjugar a das tartarugas, que da pesca são as mais productivas, por lhes fornecer não só a carne, como os ovos, a gordura e o casco, que então até para ferramenta servia.

«Que era um idolo das pescarias, não só denotam as fórmulas como confirmam dous furos feitos na parte posterior obliquamente a sair na inferior, para por elles passarem-se cordas afim de ser ligado á prôa da montaria (canôa). Tem estes furos de diametro 0^m,015. O que admira é a perfeição de todo o trabalho feito em um só pedaço de serpentina.»

Tal é, fielmente descripto, o idolo amazonico do Sr. B. Rodrigues, proveniente da costa do Perú, na margem esquerda do Amazonas, a oito ou dez milhas na direcção geral de O da cidade de Obidos, onde estava em uma casa particular quando foi por elle adquirido.

N'esta cidade achava-me eu em Novembro do anno passado, quando, indo a passeio á ilha de Maria Thereza, na foz do Trombetas, adquiri o que hoje está em meu poder ¹, pelo mais feliz dos accasos.

Deu-m'o um portuguez, morador n'aquella ilha, chamado

¹ Actualmente no Muséu Nacional do Rio de Janeiro. Vem tambem descripto no 6.º vol. dos *Archivos* d'aquelle Muséu.

Domingos José da Motta, que o fez por lhe eu perguntar, mostrando-lhe um machado de pedra, que no meu passeio pela mesma obtivera, si não possuia qualquer objecto *de gentio* como aquelle, por exemplo.

Disse-me que tinha um *acará bararoá* de pedra, mas não sabia bem onde estava; comtudo, a instancias minhas, foi procural-o e dentro em pouco voltou com o objecto que vou descrever.

É um peixe do genero *mezonauta*, um *acará* de uma argilite (*schisto argiloso*) vermelha e dura, abundante nas cercanias de Obidos, de 0^m,135 de comprimento e 0^m,103 de maior altura, e uma espessura maxima de 0^m,02.

O trabalho artistico d'esta peça é, relativamente, perfeitissimo, e, como o da encontrada pelo Sr. Barbosa Rodrigues, revela no artista um singular talento de observação, e no povo cujo era adiantado estado de civilisação. Nem um dos caracteres do peixe foi olvidado. Os operculos das branchias desenhnam-se perfeita e regularmente, as natatorias dorsaes, ventraes e caudaes, são muito bem indicadas por traços perpendiculares abertos com um instrumento qualquer de ponta aguçada e fórte, nas saliencias que o artista de proposito deixou para indicar aquellas partes; a boca fende-se proporcionalmente; os beiços estão bem definidos, e as natatorias peitoraes pegadas, como a saír de sob os operculos das guelras, revelam o mesmo cuidado de exactidão por parte do artista, que cavou circularmente os olhos, cortados a meio pela linha imaginaria que se tirasse do fim da abertura dos operculos á extremidade da boca. As pupillas fingiu-as elle com uma materia (resina vegetal?)

preta, vidrenta, que a pessoa a quem devo este importante exemplar destruiu, com curiosidade de ver o que seria, segundo confessou-me. Entretanto, no do lado esquerdo ainda ha uma pequenina porção da tal massa. Tambem está destruida á faca e pelo mesmo individuo, a parte extrema da natatoria dorsal e do dorso junto á cauda.

O peixe, como era natural, apresenta o mesmo aspecto de qualquer lado que se o considere, sendo que tem o direito mais achatado do que o esquerdo, em virtude, certamente, de ser aquelle sobre que esteve, quem sabe por quantos annos, sinão seculos? deitado. Olhando perfeitamente de frente, não menos bem acabado se mostra, observando-se então quanto é regular o desenho da boca e o traçado dos operculos branchiaes.

Ha, no entretanto, n'elle alguns traços phantasistas que não sei absolutamente explicar, nem pertencem ao animal do qual é copia, e tanto mais difficeis de comprehender que não guardam a mesma harmonia ou symetria das outras partes. Assim os do lado esquerdo descem paralellamente e em curva do centro das natatorias dorsaes, começando em cima com uma separação de 0^m,018 e inclinando-se para a direita onde vão acabar depois de formar um *J* com o appendice voltado para a direita, com a largura 0^m,003. As duas linhas que formam este *J* são, porém, cortadas em partes, principalmente a inferior, que o é em dous lugares, pelos buracos circulares de que falaremos mais adiante.

Os do lado esquerdo figuram como as metades de duas ellipses sendo uma maior e outra menor dentro d'esta. O eixo

da segunda que occupa (a semi-ellipse) exactamente o centro da parte superior do peixe não póde ser maior de 0^m,32 e o da maior, cujas linhas descem da parte frontal da natatoria dorsal de um lado e dos limites do dorso com a cauda de outro, até quasi a barriga do peixe, deve ter (a medida não póde ser absolutamente exacta) 0^m,85.

O que querem dizer estes traços? Ha n'elles alguma significação symbolica ou são méra e ociosa phantasia do artista? Confesso-me incapaz de responder a qualquer d'estas interrogações, que não póde deixar de fazer quem considerar com a attenção que merece este fetiche.

Quando o recebi na ilha de Maria Thereza, o que mais impressionou a minha attenção foram os dous furos circulares que tem abertos no centro com um diametro de 0^m,010. Com effeito, havia razão para isso, porque taes furos faziam-no similar perfeito do outro achado pelo Sr. Barbosa Rodrigues, e indicavam que o que eu tinha a ventura de descobrir era, como aquelle, um fetiche de pescarias.

Si a materia de que são fabricados é diferente, o que nada importa, os caracteres artisticos são os mesmos, e basta considerar um e outro para ver que, sinão saíram ambos do mesmo buril, procedem todavia de uma mesma escola — perdôe-se-nos o atrevimento da expressão — artistica.

II

Como se devêra esperar, o fetiche achado por Barbosa Rodrigues, não passou despercebido na Europa, e, além de outros, occupou-se d'elle o professor Henrique Giglioli, de Florença, nos *Archivio per l'Anthropologia e l'Ethnologia*.

Acreditando, como o Sr. B. Rodrigues, na sua origem amazonica, eis como a respeito se exprime o professor Giglioli:

« Il signor Dr. Rodrigues é altamente giustificato nel credere che l'idolo da lui illustrato non fosse peruviano; ho avuto sott'occhio centinaia di idoli del Peru e non vidi mai nulla di simile fra essi. Ma debbo però far notare la singular somiglianza che fassa fra l'idolo Amazonico e certe sculture rinvenute nel Messico, in Nicaragua e specialmente sulla isola Zapatero e Pensacola che sono rozze figure umane scolpite in pietra e sormontate da effigie di animali carnivori in atto di divorar lor la testa, precisamente come fa il yaguar alla testutine (molto anthropoideo) n'ell'idolo brasiliano. Ultimamente n'ello fogliare la stupenda opera de Bancroft (*The Natives races of the Pacific States of North America*) ritrovai al principio del quarto volume le figure di alcune di quegli idoli degli antichi nicaraguensi. Questo augmenta anzi ché diminuire l'importanza d'ella scoperta del signor Rodrigues, portando assai piú all Oriente de quanto si sapeva la tracie di quelle civiltá che illuminarono le corte occidentali del Nuevo Mundo dal Messico al Chile.»

Como se vê, o Sr. Giglioli não põe em duvida, antes aceita, a origem amazonica do idolo do Sr. Barbosa Rodrigues, embora traga exemplos de typos analogos encontrados em outras partes da America, acreditando talvez, e quiçá com razão, que o artista que o fabricou descenderia porventura da mesma gente que esculpturou os da ilha Zapatero e de Nicaragua, da qual um ramo ou uma tribu poderia ter emigrado e vindo fixar-se nas margens do Amazonas. Estas comparações do archeologo italiano influiram, creio eu, na maneira de pensar do Sr. Barbosa Rodrigues, de primeiro demasiado exclusiva, como vimos, quanto á localisação do seu idolo, porque communicando-me o juizo transcripto do Sr. Giglioli, escreveu-me: «Com effeito, mais tarde tive occasião de ver na mesma obra á pag. 40 um idolo de Zapatero representando uma onça (*Yauarité*) que, posto não esteja devorando animal algum, está assentada sobre um pedestal na mesma posição em que está a do meu idolo e á pag. 49 e 50 outros dous idolos da ilha de Pensacola dos quaes o segundo, que representa um jacaré devorando um homem, tem tambem a posição do idolo amazonico, principalmente a dos braços e dos pés. Esta semelhança e identidade de pensamentos entre dous povos mui distantes, parece querer provar, e justifica que razão tenho eu em crer que a civilisação amazonica veio do Norte da America e da Europa(?). Os habitantes das ilhas Pensacola e Zapatero em Nicaragua procuravam a onça e o jacaré para dominar o homem, como os do Amazonas a onça para dominar a tartaruga; não teriam o mesmo pensamento?»

Deixo de parte as considerações ultimas do Sr. Barbosa

Rodrigues, por não me caber discutil-as n'este lugar, e volto ao interessante estudo dos dous unicos fetiches ou idolos de pedra até hoje achados no Brazil.

Em primeiro lugar notarei que nem o Sr. Barbosa, nem o Sr. Giglioli, dizem si nos similares por elles vistos na obra de Bancroft do idolo pelo primeiro descoberto, havia os dous furos que se acham quer no do Sr. Barbosa, quer no meu, e, infelizmente, não possúo, nem sei que aqui exista, aquella estu- penda obra, como bem lhe chama o Sr. Giglioli, pelo que não o posso verificar. Parece-me, entretanto, que um tão caracte- ristico signal, a meu ver o mais importante para a classificação d'estas duas peças e de outras analogas que por ventura ve- nham a apparecer, não teriam escapado sinão ao professor ita- liano, ao menos ao naturalista brasileiro que d'elles se serviu, como vimos, para classificar o seu.

Si duvidas poderiam levantar-se, e eu mesmo as levantei, sobre o *habitat* — permitta-se-me dizer assim — do idolo do Sr. Barbosa Rodrigues, essas duvidas, penso eu, devem cessar com o apparecimento do que tive a felicidade de adquirir e que motivou este estudo. Em primeiro lugar elle serve de con- traprova ao outro — e todos sabem quão grande é o valor de uma contraprova n'estes assumptos — e testemunha mais que aquelle, como elle mesmo, devera haver pertencido áquelles indios que, segundo o Padre Christovam da Cunha (Christo- val d'Acuña), adoravam idolos «que fabrican con sus manos, atribuyendo a unos el poder sobre las aguas, y assi les ponen por divisa un pescado en la mano; a otros escogen por due- nos de las sementeras; y a otros, por valledores en sus batal-

las»¹; em segundo lugar testifica que, seja qual fôr a procedencia do artista que os creou e da gente que em suas virtudes acreditava, pertencem ambos ao Amazonas porque, si a onça ou a tartaruga se encontram fóra do grande rio o peixe *acará-bararoá* é — cuido eu — exclusivo d'elle. Este duplo resultado, parecia dever bastar-me para com elle fechar este já um pouco estirado artigo, mas não posso resolver-me a dal-o por findo sem indagar até que ponto vem elle prejudicar as minhas conclusões sobre a religião dos tupy-guarany.

Quando mesmo houvessemos por certo terem estes idolos pertencido áquella familia selvagem, ainda assim as minhas conclusões mantinham-se no mesmo pé. Em verdade, havendo eu escripto que «no animismo ou, particularisando, no polydemonismo tupy-guarany faltava completamente o caracteristico da adoração; havia a crença, mas não o culto, principalmente o culto interno, sendo que o externo manifestava-se ás vezes por poucas praticas exorcistas, nas quaes nada indicava adoração»² estou ainda de accordo comquanto dos indios a que pertenceram estes fetiches, diz o Padre C. da Cunha:

« . . . no usan, escreve elle na sua preciosa relação, de alguna cerimonia para adorar-los, mas antes les tienen olvidados en un rincon hasta el tiempo que lo han menester; y assi

¹ *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas, etc.*, no Tom. 2.º, pag. 98 das *Memorias para a historia do extinto Estado do Maranhão*, por C. Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, 1874.

² V. supra pag. 46.

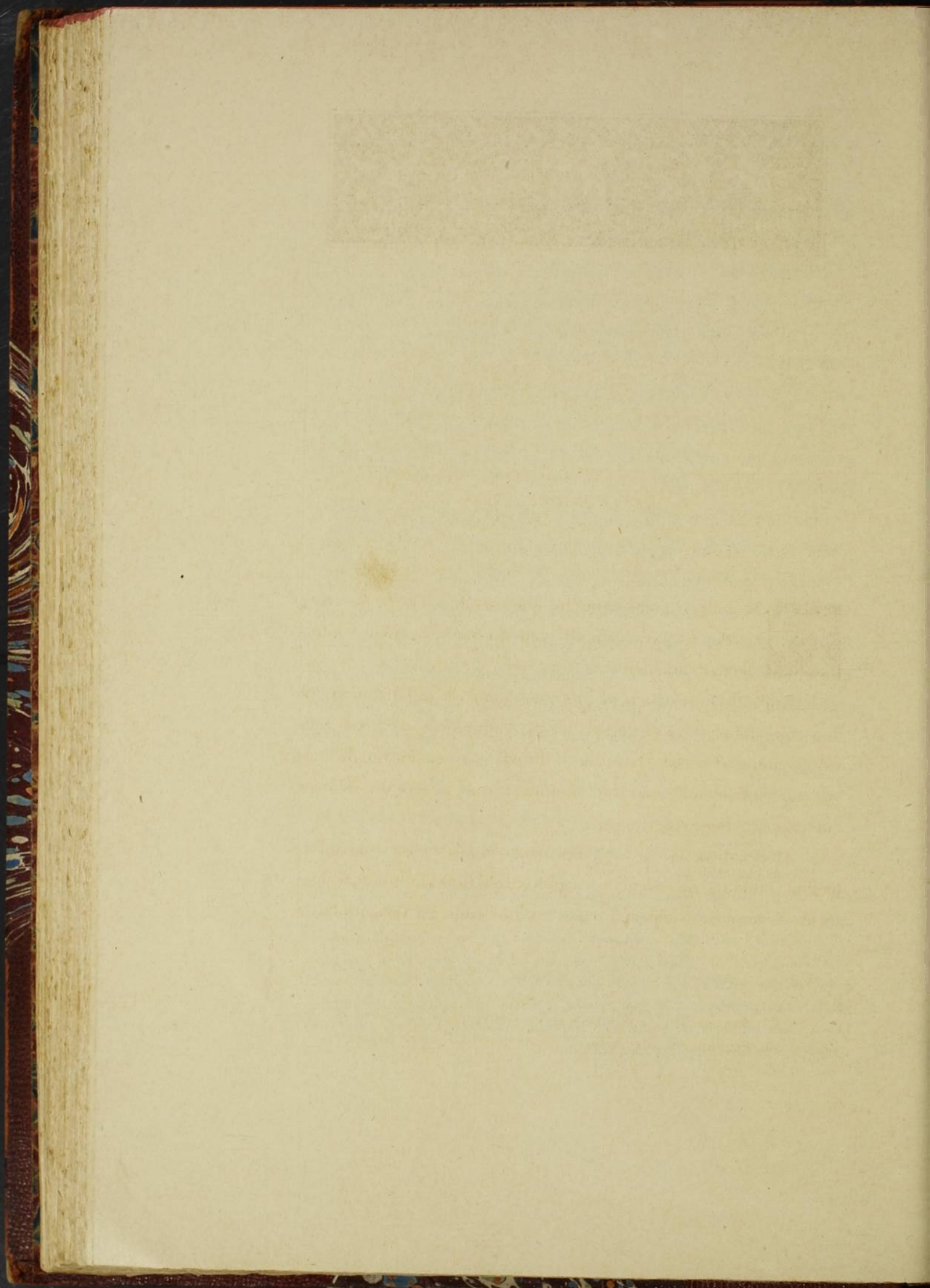
quando han de ir a la guerra, llevan en la proa de las canoas, el Idolo en quen tienen puestas las esperanças de la vitoria, y quando salen a hazer sus pesquerias hechan mano de aquel a quien tienen entregado el dominio de las aguas; pero ni en unos, ni en otros fian tanto, que no reconozcan puede aver otro mayor.»¹

Si, porém, pertenceram ou não a familia tupy-guarany, não sei, nem me aventuro a manifestar-me por qualquer d'essas hypotheses, que serão discutidas n'um outro estudo sobre a antiga civilisação amazonica.

O fetiche por mim adquirido foi achado pela pessoa de quem o houve, no porto da cidade de Obidos, posto todo a descoberto pela extraordinaria vasante d'aquelle anno de 1879. Vê-se que não ficava muito longe (apenas uma duzia de milhas) do lugar de onde provém o do Sr. Barbosa Rodrigues, o que circumscreve, por ora ao menos, os limites do dominio territorial da gente a que pertenceram ambos, e cujas pescarias favoreceram amarrados com uma *embira* á prôa da ligeira *ygára* de pesca.²

¹ *Obr. cit.*, pag. 98.

² A gente amazonica, directa ou indirectamente oriunda do antigo selva-gem que dominou pelas margens do grande rio e de seus affluentes, conserva até hoje esta crença. Ha ainda muito pescador que leva á prôa da canôa de pesca, ou á vista ou occulto sob o fogão, um pé de *tajápurá* (*aroi-dea*) plantado em um cestinho, acreditando que elle lhe trará fortuna. Entretanto, nenhum culto professam por esse *fetiche*, e desde que voltam a casa, com a canôa vazia ou cheia de peixe, não importa, atiram-no para um canto sem nenhum, não direi respeito, mas cuidado.





VIII

O MOVIMENTO INTELLECTUAL BRAZILEIRO NOS ULTIMOS DEZ ANOS ()*

(1883)



ão foi por mero capricho que escolhi a época de 1873 para cá, para estudar comvosco o movimento intellectual brasileiro.

Muito de industria o fiz, porque, como vio um distincto critico cujo nome terei de repetir n'esta conferencia, o Sr. Dr. Sylvio Roméro, é d'essa data que o Brazil pareceu entrar no movimento intellectual que vae lá fóra e que acabo de esboçar em largos e fugitivos traços.

Afoito direi que até 73 era miserrima a nossa vida intellectual, limitada na sciencia a alguns trabalhos de erudição historica e juridica, suffocada na Côrte do Imperio pela idolatria

(*) Conferencia feita na ephemera *Sociedade paraense promotora da Instrucção*. Supprime-se o exordio.

romantica e pelo fetichismo que a mocidade professava pelos decrepitos representantes d'aquelle movimento.

A sciencia não existia sinão na repetição menos original dos livros francezes feita nos cursos superiores de mathematica e de medicina e, para dizer tudo, no anno em que me matriculei na antiga Escola Central, hoje Polytechnica, estudava-se mathematica exclusivamente por Lacroix, e os compendios de sciencias naturaes traziam esta advertencia no frontispicio: *Approuvé par Monseigneur l'Archevêque de Paris* e um d'elles, o de Mineralogia, de Beudant, negava — em 1874 — a existencia do homem fossil!

Nas academias que, dado o nosso meio social, eram, nem podiam deixar de ser, o centro unico do movimento scientifico, os estudos experimentaes e de observação, base de toda a sciencia e de uma importancia capital e exclusiva para seu desenvolvimento, eram feitos sem laboratorios nem gabinetes, ou em gabinetes pauperrimos, o que quer dizer que, realmente, apenas existiam nos programmas officiaes.

Em uma palavra, desde a independencia até 1873, não ha, não conheço ao menos, a não ser talvez a *Flora fluminense* de Velloso, um unico trabalho de valor da sciencia brazileira.

Nada; por este lado a stagnação mais completa. Está claro que existiam os sabios officiaes, creados pela opinião publica ou por simples *coteries*, sabios que sabiam muito, segundo era fama, mas que nada produziram por onde a critica, que tambem é uma sciencia experimental, podesse aferir do seu merecimento.

Em philosophia tinhamos mestres d'essa disciplina e com-

pendios, mas nenhum philosopho, que tal nome não merecem nem Mont'Alverne, nem Ferreira França, nem Patricio Muniz.

O unico que talvez pudesse fazer jus a esse titulo era Magalhães, mas não fez sinão repetir os idealistas catholicos do seu tempo, sem produzir nem idéas, nem criticas originaes.

Reinavam como mestres respeitados o ecletico Victor Cousin, tão illustre no seu tempo quanto hoje completamente esquecido, Maine de Biran, e todo o idealismo francez.

A litteratura fôra inteiramente da sua via, pela falsificação de um movimento que aqui, si tinha razão de ser, não foi bem comprehendido, o movimento romantico, em vão luctava para achar seu caminho e seu destino.

Como o romantismo na Europa fôra, sob uma fórma litteraria, uma revolução democratica, que voltou-se, de um lado, para o passado medieval em que o terceiro estado ia encontrar a origem gloriosa da sua formação, de outro para as origens poeticas e tradicionaes do sentimento popular, seguindo a corrente creada pelos irmãos Grimm, na Allemanha, os Thierry e posteriormente Michelet, em França, Garrett e Herculano, em Portugal, os nossos litteratos, não achando ou não vendo atraz de si sinão o indio, o selvagem, entenderam ser elle o passado brasileiro, e puzeram-se a cantal-o em prosa e verso, falsificando a ethnographia do paiz que se crearam ao sabor de sua imaginação, e revivendo a tradição epica de Basilio da Gama e Durão, na *Confederação dos Tamoyos* e nos *Timbiras*. Isto quanto á primeira phase do romantismo, porque a segunda, inspirada de Musset e Byron sáe ainda mais do caminho no fim do qual podia estar a verdade e produz os nostalgicos da

desgraça, especies de Manfredos *manqués* como Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Junqueira Freire e outros muitos, indo continuar-se até 1873, em Varella e Castro Alves.

É principalmente na poesia e no romance que se manifesta em todos os tempos a litteratura brasileira.

Do movimento perfunctoriamente esboçado, salvam-se apenas, além dos poetas cujos nomes citei e cujo valor é incontestavel, o primeiro lyrico nacional, Gonçalves Dias, e a mais poderosa organização litteraria que hajamos tido, José de Alencar.

N'esse periodo, entretanto, um homem de verdadeiro talento e de extraordinaria intuição artistica, Martins Penna, lança no *Irmão das almas* e em outras comedias, as bases do theatro nacional. Infelizmente seu nome não tinha autoridade, e as suas tentativas morreram suffocadas pelos applausos que festejavam esses monstros litterarios chamados *Antonio José*, *Olgiate*, *Othelo*, que o romantismo nos dava pela grande voz de João Caetano, o celebre actor nacional. E nunca mais tivemos theatros, e ainda hoje a critica não descobre uma só esperanza no campo dos nossos escriptores que cultivam esse genero.

Em 1873 — si é possível assentar nos estreitos limites de um anno o inicio de um movimento da ordem d'aquelle de que trato — em 1873, uma evolução salutar, e inexperada porque seria difficil encontrar-lhe antecedentes no paiz, dá-se na mentalidade brasileira. Procurando as causas geradoras d'este phenomeno — que não podia deixar de as ter — acho-as todas em factos estranhos por assim dizer á vida intellectual: a guerra do Paraguay, o movimento republicano de 1870, a guerra franco-prussiana e por fim a questão impropriamente chamada reli-

giosa, que, em verdade, não passou de uma questiuncula sem nenhum alcance philosophico, entre as sacristias e as lojas masonicas.

Todos estes movimentos, despertando cada um por seu modo a consciencia nacional, chamaram-na á realidade dos grandes interesses que se debatiam fóra d'aqui no mundo moral e puzeram-na em communidade de sentimentos comsigo mesmo.

A guerra do Paraguay, como disse em uma conferencia realisada por mim em 1880, sobre a *Constituição da nacionalidade brasileira*, tem na nossa historia moderna — e chamo nossa historia moderna a da nossa vida social após a independencia — uma importancia capital: a de ter contribuido para a consolidação da nossa unidade. Pela primeira vez depois da emancipação politica do paiz, o povo brasileiro sentio praticamente — se assim me posso exprimir — a responsabilidade que impõem aos seus membros essas collectividades chamadas nações. Pela primeira vez o povo brasileiro, que até ahi vivia segregado e ignorando-se mutuamente nas provincias, divididas por menos que mesquinhas rivalidades, encontrou-se fóra das estreitas preocupações bairristas de campanario, no melhor dos campos para estreitar a confraternidade de um povo — o campo da batalha. As idéas e os sentimentos trocaram-se de provincia a provincia, as relações de acampamento prolongaram-se após a guerra, houve enfim uma vasta communicação interprovincial do norte para o sul, cujos effeitos, que não posso analysar longamente, se fizeram forçosamente sentir na nova orientação da mentalidade nacional.

O movimento republicano, pondo uma nota discordante e bastante aguda para fazer-se ouvir em todo o paiz, no concerto das nossas funcções publicas, despertou a consciencia politica dos cidadãos que, como o Pangloss de Voltaire, se acreditavam no melhor dos mundos possiveis. Á frente d'esse movimento, ephemero mas significativo, acharam-se por um momento homens que pertenciam ao scól dos nossos publicistas e oradores como Saldanha Marinho, Christiano Ottoni, Flavio Farnese, Laffayete Rodrigues Pereira, actualmente presidente do Conselho de Ministros (o que prova que ha muitos caminhos para ir á Roma), Limpo de Abreu, Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça, Amaral e muitos outros, que pela autoridade dos seus nomes e respeitabilidade do seu character, congregaram em torno de si, no mais bem feito jornal que ainda houve no Brazil, a primeira *Republica*, uma mocidade generosa, a quem uma nova idéa politica abria tambem novos ideaes litterarios. As adhesões que chegavam das provincias, entre as quaes se contava a nossa com o *Futuro*, alargavam o circulo da acção d'esse movimento.

A guerra franco-prussiana teve grande importancia na evolução a que me refiro, deslocando por um momento a supremacia intellectual que no mundo civilisado, e principalmente entre nós, exercia a França.

Com effeito, essa formidavel guerra, chamou a attenção de todo o mundo para a Allemanha que a um tempo vencida a até então invicta França e consolidava a sua unidade nacional, revelando uma superioridade de cultura sobre a sua rival que a todos espantou. E, coisa curiosa! foram ainda os livros fran-

cezes inspirados pela sciencia e critica allemãs, ou os livros allemães traduzidos por francezes, como as obras de Büchner, de Moleschott, de Schopenhauer, de Strauss, de Hartmann, de Virchow, de Hœkel, que nos puzeram a par de uma nova fórmula mental, geralmente por nós ignorada, e que grande influencia teve na evolução apontada.

Por outro lado a França tambem, tendo a consciencia da decadencia a que a tinha levado o nefasto governo do segundo imperio, procurou reerguer-se pela reconstituição das suas idéas, a que, graças a liberdade que encontrou sob a sua actual fórmula de governo, deu maior expansão, voltando-se já para o um pouco esquecido positivismo de Comte renovado por Littré, já para as theorias inglezas do transformismo darwinista ou do evolucionismo spenceriano, já, emfim, para o monismo allemão. Os novos livros, portanto, que nos chegavam de França, que até então fôra a nossa mestra exclusiva, traziam-nos um sopro mais largo, e onde a positividade inconsciente dos nossos melhores espiritos achou o elemento de que justamente carecia para ter consistencia. A cultura allemã influindo igualmente em Portugal, de cujos absoletos autores recebiamos tambem lições, creou ali uma pleiade brilhante de escriptores, como Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Joaquim de Vasconcellos, Ramalho Ortigão, Antero de Quental e Luciano Cordeiro, cuja acção — digo-o de experiencia propria, — não foi pequena na mentalidade brazileira, substituindo-se a dos velhos rhetoricos que nos davam leis do outro lado do Atlantico.

Com este impulso que se dava nos espiritos e que tinha por principal, sinão unica arena, os centros academicos, d'onde

se irradiava em artigos de jornaes ephemeros e de revistas de pouca vida, coincide a chamada questão religiosa, provocada por insignificantes brigas de ópas e balandrás, por dois bispos, o d'esta provincia e o de Pernambuco, hoje fallecido, que levantaram pretensões inspiradas do moderno código da igreja catholica—o *Syllabus*, pretensões que os regalistas acharam desarrasoadas.

Entretanto, apesar do nenhum alcance philosophico ou mesmo social da questão, a consciencia nacional sobresaltou-se, por que com justo presentimento vio que por detraz de uma méra e ridicula querélla de sacristia, existiam intenções que, dado o caracter vigoroso e resolutivo de quem as tinha, podiam comprometter, não a inviolabilidade das leis do *placet*, que é questão de somenos importancia, mas o desenvolvimento, no sentido moderno, do espirito nacional.

A imprensa de todo o paiz—excepção feita de meia duzia de jornaes clericas—levantou-se unanime a condemnar o procedimento dos dois bispos, e abrindo lucta com elles aconteceu o que sempre succede quando se combate os ministros de uma religião, a mesma religião e seus dogmas foram discutidos, pela primeira vez, de uma maneira geral do norte ao sul do Imperio.

Para sustentar a discussão, abriram-se os livros *impios*; estudaram-se os modernos exegetas do Evangelho, os criticos religiosos e os historiadores menos parciais da igreja. Pela primeira vez appareceram, despertando a curiosidade e attraindo novos leitores, os nomes de Renan, Strauss, Drapper, Quinet, Michelet, Littré, etc. Nas academias, principalmente na de Per-

nambuco a quem, como demonstrou o Sr. Sylvio Roméro, cabe a primasia no movimento que faz objecto d'esta conferencia, a mocidade perdia na lucta dialectica de todos os dias, as crenças do seu romantico idealismo christão, e fazia dos livres pensadores os seus guias e mestres.

N'aquella cidade a *Palavra*, um jornal de combate, redigido por Franklin Tavora, Sylvio Roméro, Souza Pinto, Tobias Barreto e outros, discutia, sinão com profundeza, com sinceridade e boa fé, todos os problemas de sciencia, de litteratura, de arte e de politica, segundo o criterio da nova orientação philosophica e no Rio de Janeiro a *Ideia*, revista mensal de Miguel Lemos e Teixeira de Souza, agrupava nas suas columnas, por este mesmo tempo e nos mesmos principios, o que havia de mais distincto no corpo academico d'aquella cidade. No parlamento algumas vozes eloquentes, servindo embora convicções da incolor metaphysica constitucional, mantinham este utilissimo alvoroço dos espiritos. Nos principaes jornaes do Rio de Janeiro, no *Jornal do Commercio*, no *Diario do Rio de Janeiro* e depois no *Globo*, um polemista valente, o representante mais autorizado da maçonaria brasileira e do partido republicano, sustentava, sob o famoso pseudonymo de Ganganelli, em artigos que a imprensa de todo o Brazil reproduzio, a lucta anti-clerical.

Não ha negar o muito que actuou nos espiritos com estes artigos o Sr. Saldanha Marinho; nunca mesmo um escriptor n'este paiz foi tão lido e apreciado, mas o espirito de seita em que eram escriptos e á falta de uma direcção philosophica systematica faz com que os tres grossos volumes em que foram reunidos aquelles artigos sob o titulo *A Igreja e o Estado*, sejam

hoje apenas um documento importante para a historia d'aquella lucta, sem mais valor theorico. A este trabalho, juntaram-se ainda outros livros e folhetos entre os quaes cumpre destacar dous: a *Igreja no Estado* do Sr. Conselheiro Tito Franco d'Almeida e o *Direito contra o direito* do Sr. D. Antonio de Macedo Costa, bispo d'esta diocese.

O principio regalista das prerogativas do Estado encontrou no Sr. Franco d'Almeida um habilissimo defensor, entretanto, o principio era estreito, e tratado de uma fórma juridica, fazia da questão um simples negocio de politica.

Á mocidade não agradou esse livro, aliás erudito e bem feito, preferindo sempre o do Sr. Saldanha Marinho que, no meio do embaralhamento de idéas do racionalismo metaphysico, tinha a seus olhos dous grandes meritos, o de levantar a bandeira da separação da Igreja e do Estado, e o espirito de livre pensamento que por vezes resumbrava. De quantos volumes, porém, appareceram por essa época e sobre esta questão, o mais importante, o que mais calou no espirito publico foi o do bispo do Pará, o já citado *Direito contra o direito*, porque escripto com uma dialectica vigorosa, uma sinceridade de convicções palpavel, e uma louvavel franqueza, tinha ainda por si o ser perfeitamente logico. As novas gerações que despertavam applaudiram, pois, essa obra, em que o inimigo descobria-se com honrosissima lealdade e cujas conclusões, que achavam perfeitamente logicas, levavam fatalmente a este dilemma: ou a Igreja livre no Estado ou a separação d'um de outro — a mais bella aspiração, n'esta ordem de idéas, do pensamento moderno.

E apesar dos ataques de Ganganelli, e da rigorosa e erudita refutação do Sr. Tito Franco em artigos primeiro publicados no *Jornal do Commercio*, sob o pseudonymo *O Canonista*, e mais tarde colligidos em volume, o livro, com suas verdadeiras conclusões, ficou de pé.

A instrucção publica entrou a occupar de uma maneira mais séria a attenção dos governos e do publico. A typographia nacional tirava em volume as traducções dos trabalhos de Hippeau sobre a instrucção publica nos Estados-Unidos, na Inglaterra ou na Prussia, reformava-se o Collegio de Pedro II, creavam-se conferencias e cursos publicos e por fim, em 1874, o governo reformou o antigo curso de engenharia da Escola Central, creando a Escola Polytechnica e n'ella além dos cursos das artes de engenheiro civil, manufactureiro ou de minas, as duas importantissimas secções de sciencias physicas e naturaes e de sciencias physicas e mathematicas, mandando vir da Europa professores como Guignet, o mineralogista Gorceix, a quem depois incumbiu de fundar a Escola de Minas de Ouro Preto, o physiologista Couty, dotando ao mesmo tempo mais generosamente os laboratorios e gabinetes e enviando professores á Europa, a estudarem os aperfeiçoamentos das materias que ensinavam. Nos novos programmas, pela primeira vez appareciam nos cursos academicos, os nomes de certas disciplinas, como a biologia e outras.

Ao mesmo tempo nas provincias, dava-se igual movimento de espiritos.

Já falei de Pernambuco, onde a mocidade academica antes da do Rio de Janeiro lia e criticava os modernos pensadores; no

Ceará, ao redor de um moço prematuramente fallecido e de quem ha com o titulo de *Litteratura e Critica*, um livro posthumo, Raymundo da Rocha Lima, agrupavam-se outros como Araripe Junior, a quem desde o anno passado deve a nossa litteratura um dos seus melhores livros de critica, o perfil litterario de José de Alencar; Capistrano d'Abreu, intelligencia ponderosa e depois autor dos *Estudos da historia do Brazil no seculo XVI*; Thomaz Pompeu, orador fluente e agradavel, e outros. No Rio Grande, tambem, não ficára perdido este exemplo; a immigração allemã que para ali affluia, impregnava de germanismo os escriptores e jornalistas, á frente dos quaes estava Carlos Koseritz.

D'ali parte em 1874, o *Fim da Creação*, de Araujo Ribeiro, a primeira obra francamente darwinista, sinão materialista, escripta no Brazil.

Em S. Paulo, um pensador solitario, um medico de Jacarehy, o Dr. Pereira Barreto, estuda e propaga a philosophia positiva, publicando em 1874 o primeiro volume da sua obra, ainda não concluida, *As tres philosophias*.

N'esta resenha, que não posso alongar, é impossivel encontrar o Pará, a quem, com pezar o digo, a civilisação brasileira nada absolutamente deve, porque a propria questão religiosa que si não nasceu aqui, ao menos aqui teve enorme repercussão, não passou na nossa provincia de uma insignificante e mesquinha lucta de facções, sustentada na imprensa diaria em artigos sem alcance, nem novidades. Si alguma cousa produziu, foi um falso e estúpido sentimento de nacionalidade que gerou, para vergonha nossa, o jornal e o em tudo minguido partido da *Tribuna*.

Não devemos, entretanto, dar a esta agitação importancia maior do que a que realmente merece. Ella existe, é certo, e actúa fortemente nos espiritos, mas espalha-se, dispersa-se, no jornalismo de todo o paiz, em brochuras lidas e logo esquecidas, em ephemeris revistas e jornaes academicos, em conferencias e discursos publicos, nas discussões das sociedades litterarias que, nos centros principaes como Pernambuco, Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia, formigam como saúbas após uma grande chuva.

Jámais se condensou em uma corrente unida e cerrada, que produzisse grandes resultados, isto é, grandes obras, d'essas que fazem a gloria de um homem e a honra de uma litteratura. Para isso ha uma causa de um valor capital: o não poder o escriptor brasileiro viver das suas obras, o que obriga-o forçosamente a não passar de um simples amator, um *dilctante*. E na litteratura, como na sciencia, como na arte, o amator é, em regra geral, um ente sem valor, de pernicioso influencia. É só a profissão que faz as grandes personalidades litterarias ou scientificas, pelo trabalho de toda a hora, pelo constante e incessante estudo. Quer os nossos sabios, quer os nossos litteratos, o são de horas vagas, furtadas ás occupações do ganhapão diario. Um paiz em que a mentalidade fica assim sem base material, não póde aspirar a produzir um movimento intellectual fecundo em resultados. Comtudo — e honra seja aos trabalhadores que sem recompensas, nem, as mais das vezes, a da consideração publica, não esmorecem no labor — apesar do meio pouco propicio ao estudo o movimento se accentúa e a litteratura — tome-se esta palavra na sua mais lata accepção — toma um desenvolvimento até então não visto aqui.

A reforma do Museu Nacional do Rio de Janeiro pôe ali em honra os estudos experimentaes e faz apparecer pela primeira vez de um modo systematico no paiz o estudo da anthropologia e da ethnographia. Nos cinco volumes publicados dos *Archivos* d'aquella importantissima instituição, encontram-se já excellentes trabalhos originaes de anthropologia pelos Srs. Lacerda Filho e Peixoto, de physiologia por aquelle senhor, de ethnographia e archeologia pelos Srs. Ladislau Netto e Ferreira Penna, de physiologia botanica pelo mesmo Dr. Ladislau Netto, além de outros de naturalistas estrangeiros ao serviço do Brazil, como o professor Hartt, Orville Derby, Ch. Wiener, Fritz Müller, etc.

Nos *Ensaio de sciencia* cujo primeiro fasciculo appareceu em 1873, o Dr. Baptista Caetano d'Almeida Nogueira, revela-se um digno discipulo n'este paiz da sciencia dos Bopp e dos Schleicher, e pela vez primeira o estudo das linguas indigenas brazileiras é feito segundo os novos methodos da sciencia da linguagem.

Barbosa Rodrigues, de volta da sua expedição scientifica ao Amazonas, publica, além do *Sertum palmarum novarum*, onde estuda e descreve 62 especies novas de palmeiras, diversas e interessantes monographias sobre os varios affluentes do grande rio por elle explorados, enriquecendo a sciencia de novos dados geographicos, botanicos, zoologicos, archeologicos e ethnographicos d'esta immensa região. Ao mesmo tempo que os *Archivos do Museu* vem a lumé os *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, a revelar-nos a importancia até então desconhecida do estabelecimento que possuamos e que tão nota-

vel se tornou sob a administração do seu ultimo bibliothecario, o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, um erudito de raça.

Os *Annaes* dos quaes estão publicados nove volumes, honram sobremaneira aquelle estabelecimento, e contém artigos de subido valor litterario. Nos 6.º e 7.º volumes encontram-se duas obras de largo folego do já citado Dr. Almeida Nogueira: o — *Esboço grammatical do abañêe* e o *Vocabulario guarany* da traducção por elle feita de um manuscripto deixado n'aquella lingua pelos padres jesuitas.

Esta ultima obra, um verdadeiro trabalho de beneditino, em outro paiz traria ao seu autor uma nomeada, sem a qual, entretanto, morreu o nosso sabio linguista. Nas academias começaram os expositores francezes a serem substituidos por compendios dos proprios professores, nos quaes, entretanto, se nota ainda uma falta de originalidade sinão na exposição, nos factos analysados, a provar uma grande pobreza de estudos originaes. Todavia era já um passo dado, e é de esperar que a introducção dos estudos experimentaes do Brazil e a nova organização do nosso ensino medico e do das sciencias physicas e naturaes, crêem entre nós alguns verdadeiros homens de sciencia, que possam citar experiencias, factos e leis por elles mesmos feitas, estudados e descobertas.

A litteratura, por seu lado, abandonava as illusões romanticas, procurando, no romance principalmente, realisar o ideal de uma litteratura verdadeiramente nacional. Da primeira época tinham escapado dous romancistas conhecidos, José de Alencar e Macedo. O primeiro, graças a sua organização feminina, de um extraordinario nervosismo, a quem, parece, a realidade re-

pugnava, não pôde jámais acertar com esse ideal que, aliás, mais do que ninguém procurava. E é justamente esta tendencia que salvará Alencar do olvido, porque ninguém se esforçou ainda tanto como elle pela criação da litteratura brasileira, nem combateu com mais energia a nossa subserviencia litteraria a Portugal. Infelizmente, Alencar, pela razão dada, falsificava tudo em que tocava, por uma necessidade de crear, de idealisar, ingenua ao seu organismo, mas que punha-o forçosamente fóra da verdade. Entretanto, si houvermos de admittir a inverdade na arte, o grande romancista deixou-nos duas obras primas que honrariam ainda as mais ricas litteraturas, o *Guarany* e a *Iracema*.

Macedo, a quem não faltava vocação litteraria, carecia no entanto de um principio dirigente, o que fez que não fosse elle, apesar de para isso ter dotes incontestaveis, o creador do romance genuinamente brasileiro. Depois de Penna, foi o mais perfeito autor dramatico que temos tido.

O que prova, porém, uma nova orientação das idéas dos nossos romancistas, é que o proprio José de Alencar, deixa a sua illusão indianista para estudar de 1873 para cá um meio mais brasileiro, no *Gaúcho*, no *Tronco do Ipê*, e no *Sertanejo*. Pelo mesmo tempo apparecem os romances de Sylvio Dinarte (Escragnolle Taunay) e os de Franklin Tavora, que, embora comprehendendo o naturalismo cada um a seu modo, vêm concorrer para o abandono completo do culto indianista pelo estudo de dramas e actores mais nacionaes.

Entretanto, este segundo periodo não tem, na poesia, um emulo de Gonçalves Dias.

Castro Alves morre em 72, Varella exausto publica o *Evangelho nas Selvas*, a doutrina christã posta em magnificos versos soltos, mas sem outro valor.

Ha hoje uma nova geração de poetas, vivazes e alguns vigorosos, como Theophilo Dias, Luiz Guimarães, Affonso Celso Junior, Mucio Teixeira, Valentim Magalhães, Arthur de Oliveira e alguns mais, porém a não serem talvez Luiz Guimarães e Mucio Teixeira, nenhum ainda conta obras bastante firmes por onde possamos augurar á litteratura brazileira um grande poeta.

Entre os escriptores de todo o genero, historiadores, criticos, essaistas, occupando-se de sciencia, de philosophia ou de arte, não devo esquecer os nomes de Tobias Barreto de Menezes, Souza Bandeira Filho, Capistrano de Abreu, Pacheco Junior, Machado de Assis, Escragnolle Taunay, Franklin Tavora, Sylvio Roméro, Araripe Junior, que representam, cada um conforme com o seu temperamento e educação, as modernas tendencias do intellecto brazileiro.

Parece-me que eu escusaria falar da arte.

Está claro que dependendo a existencia de uma arte nacional da existencia de uma corrente de tradições historicas, litterarias, éthnicas, artisticas, que todas concorram para alimentar o sentimento esthetico, não póde existir no Brazil uma arte brazileira. Possuimos alguns grandes artistas de que nos podemos orgulhar como Carlos Gomes na musica, Victor Meirelles e Pedro Americo na pintura, Bernardelli na estatuaria, mas não temos arte, por que esses todos são ou italianos ou francezes, conforme as escolas em que estudaram e as tendencias do seu espirito.

Eis ligeira e imperfeitamente dito, o que é o movimento intellectual brasileiro dos ultimos dez annos. N'esta synthese rapida que acabo de fazer escaparam sem duvida alguns nomes e factos, assim como pontos ha que careciam de maior desenvolvimento; mas, sem abusar da attenção com que me honraes e que agradeço, não podia eu proceder de outro modo.

Para dirigirmo-nos com segurança para o futuro, precisamos conhecer o passado; creio, pois, que não foi ocioso o estudo que acabo de fazer, e espero que não se romperá a corrente começada em 1873, que irá de dia para dia elevando o nivel da mentalidade brasileira. Terminarei, por isso, por um voto; o de que o Pará não fique fóra d'esse movimento, e comprehenda que para a gloria e a honra, e para a propria felicidade material de um povo, não basta produzir borracha.





IX

LITTERATURA E HOMENS DE LETTRAS NO BRAZIL

(1883)

ANDANDO um presidente d'esta provincia em excursão administrativa pelo interior, chegou a um lugarejo cujos habitantes se lhe queixaram do respectivo professor publico, taxando-o de desmazelado e inepto. O mestre-escola não estava no lugar, mas em meio da viagem presidencial veio a bordo, e arguido por aquelle funcionario a respeito das accusações de que era objecto, contestou:

— Ora, Ex.^{ma} Sr., queixam-se de mim, só porque — *disque* — eu não ensino analyse...

E voltando-se para as testemunhas d'esta scena, um general victorioso e intelligente, e um digno empregado publico, que m'a referiu, interrogou-os com ar triumphante:

— Digam-me, para que serve a analyse?... Eim? para que serve a analyse?

Ou eu não conheço o meio em que tenho a dita de viver,

ou estou vendo ou ouvindo — como queiram — muitissimos dos meus leitores — si os hei muitissimos — torcerem os respectivos narizes e murmurarem, para si:

— Ora, para que serve a litteratura?...

Ignoro o que ao mestre-escola alludido disseram os seus interlocutores afim de o convencêrem do prestimo da analyse; eu, por minha parte, sinto-me absolutamente incapaz de provar aos meus leitores qual a utilidade da litteratura.

Dou, porém, como certo que entre elles ha alguns que não sejam da opinião do professor da roça nem da maioria dos seus companheiros na ingrata tarefa de lerem este artigo; é para esses unicamente que o escrevo.

Suggeriu-m'o um livro que recebi do Rio de Janeiro com este titulo — *A festa litteraria por occasião de fundar-se na capital do Imperio a Associação dos homens de lettras do Brazil*, livro que contém além das varias producções litterarias n'ella lidas, uma introducção da commissão organisadora da festa, dous soberbos discursos dos eminentes publicistas argentinos, os Srs. Vicente e Ernesto Quesada a quem era offerecida, e, em appendice, os estatutos da referida sociedade.

Livro tal, pelo motivo que o fez vir a lume e pelo assumpto que versa, não podia deixar de trazer a quem quer que o lesse umas reflexões, embora fugitivas, ácerca das condições das lettras no Brazil. Apezar da má vontade de alguns emperrados criticos portuguezes, hoje em dia não se discute mais sobre a existencia ou não existencia de uma litteratura brasileira. É para todos facto assentado, que pobre ou rica, não importa, ella existe.

A sociedade novamente fundada no Rio não tem, portanto, nem podia ter, por fim trabalhar para a criação de uma litteratura nacional.

O que ella quer, segundo o art. 1.º dos seus estatutos, é: «1.º animar a profissão litteraria, reunindo e utilizando, no interesse commum e das letras, actividades intellectuaes que o isolamento traz dispersas, promovendo vantagens para os associados, e sustentando os seus direitos; 2.º socorrer o associado quando este cahir em penuria; e, si vier a fallecer nas mesmas condições, continuar os soccorros á viuva e filhos.»

Este programma, como outras partes dos estatutos se presta a algumas observações. Antes, porém, de as fazer quero transcrever para aqui, por dar a este escripto algum sabor, as brilhantes palavras do discurso do meu illustre amigo, o Sr. Franklin Tavora, que lhe são como que o commentario:

«Graves e multiplos — disse elle ao selecto auditorio da festa — são os problemas cuja solução nos propomos achar. Criar o leitor, ao menos nas capitaes das provincias; promover a fundação de bibliothecas exclusivamente americanas, e a troca de livros entre os centros litterarios da America latina; despertar o gosto pelo conhecimento das litteraturas visinhas, de sorte que a profissão do homem de letras venha a ser o corollario logico d'essa agitação espiritual e internacional — eis, pela rama, a nossa tarefa... Tenho para mim, senhores, que si as letras não prosperam entre nós, devemos este mal, em grande parte, á falta de propaganda.

«É necessario que empregemos a propaganda em favor

do livro nacional; pela imprensa, associações, conferencias e até simples palestras no seio das familias, como se faz actualmente com o café, o ingenuo desamparado, o escravo, porque, senhores, o livro nacional está verdadeiramente escravizado por mais de uma tyrannia, sendo a primeira a da concurrencia do livro portuguez, facil de exercer-se n'um mercado similar, como é o Brazil, onde se fala a mesma lingua, onde, porém, é muito cara a materia prima.»

Resulta d'estas citações que o que pretenderam os escriptores reunidos na Côrte em saráu litterario no dia 30 de Agosto ultimo, foi segundo a frase concisa e explicita do meu amigo Tavora em carta que se dignou dirigir-me: crear a profissão de homem de letras no Brazil.

Da parte de escriptores, nada mais justo, nada mais louvavel, nada mais digno, pois conseguil-o é quasi que o mesmo que dotar o paiz de uma rica e brilhante litteratura, porque não pôde haver litteratura que o primeiro d'estes qualificativos mereça, onde não ha escriptores, e simplesmente amadores litterarios.

Procurar, pois, crear-se uma profissão, é, da parte dos homens de letras, procurar emancipar-se, para, em lugar de serem amanuenses das secretarias ou guarda-livros tornarem-se pura e simplesmente escriptores. Nada mais justo, repito; mas, pergunto, o conseguirá a nova sociedade? Duvido.

E duvido porque, em primeiro lugar, não creio na efficacia dos meios artificiaes para a resolução de problemas puramente moraes, e sujeitos á evolução social, e, em segundo lu-

gar, porque sou profundamente sceptico quanto ao espirito de união e de perseverança dos homens de letras, aos quaes cabe sempre o conhecido verso de Horacio:

Genus irritabile vatum...

Não nego o prejuizo que nos traz a concurrencia dos livros escriptos ou traduzidos em Portugal; estou longe de contestar o que nos vem da estúpida indiferença da imprensa pelas obras nacionaes, que limitam-se a annunciar com o conhecido chavão do *Recebemos e agradecemos...* não me recuso mesmo a culpar o isolamento systematico dos homens de letras, como concorrendo para as tristissimas condições em que vegetam a nossa litteratura e os nossos litteratos; mas, para mim, a causa principal, a causa primordial d'isso é que nem uma nem os outros têm aquillo que para ambas é como o ar que respiramos — os leitores.

Independente dos factores que chamarei moraes — as tradições, a historia, os costumes — o que faz uma litteratura são os litteratos, — da mesma fórma que quem faz os sapatos são os sapateiros; para que haja escriptores, porém, é preciso que haja leitores, porque ninguem escreve só pelo prazer de ler a sua prosa ou as suas endeixas, e para que existam leitores — perguntem ao Sr. de Lapallisse — é preciso que exista quem saiba ler. Ora, o Brazil é, em definitiva, um paiz de analphabetos; como querer-se, pois, ter leitores?

Me redarguirão, estou certo, que não ha falta de leitores, e dar-me-hão como prova o acharem os livros portuguezes lei-

tores bastantes no Brazil. A isto respondo que, em regra geral, quem lê os livros portuguezes são os filhos d'aquelle paiz que naturalmente procuram n'elles as lembranças queridas da patria distante. E os livros portuguezes, convém ainda acrescentar, que se lêem são os romances, principalmente os peores, e as pessi-
mas traducções do indigesto Escrich ou de qualquer Ponson du Terrail francez ou hespanhol.

No Brazil sobre haver pouco quem leia, os poucos que sabem ler não amam a leitura. Lembro-me que em 1874 fazendo uma viagem no paquete americano *South America* notei que rarissimo era o homem da tripolação que não aproveitava os seus momentos de repouso na leitura; tenho depois viajado em diversos vapores brazileiros, e garanto que a cousa mais difficil de encontrar n'elles, depois do aceio, é um livro. Entre quasi todos os povos civilizados a bibliotheca, ou mais castiçamente, a estante de livros cheia d'elles, é em uma casa de familia um movel tão indispensavel como a guarda-roupa; entre nós, contam-se as casas, a não ser a de algum medico que tem os seus livros de medicina e a de algum advogado que tem os seus livros de direito, que possuam meia duzia de volumes.

E a respeito de *homens formados* direi de passagem que, segundo me têm communicado os livreiros d'esta capital, são elles os que menos livros compram. Os doutores, parece, têm horror á letra redonda.

O corajoso batalhador pela *Litteratura do Norte* me dirá sem duvida que eu bato em falso, por isso que elle foi o primeiro a declarar que iam crear leitores, ao menos nas capitaes das provincias. É certo que, com muito criterio, o disse, mas

eu é que não vejo os meios que empregarão para isso, a menos que não se resolvam a crear escolas primarias e a dar livros de graça.

E a dar livros de graça, digo, porque ainda a pequena minoria que não desestima de todo a leitura e que em geral pertence ás classes pobres, não pôde com os exorbitantes preços dos livros brasileiros. Ainda outra circumstancia ha que torna pouco vendaveis esses livros: é a sua pessima impressão, o seu máo papel e peor encadernação.

Nas producções da industria moderna o publico exige, além da solidez, a elegancia, o bom gosto, a arte da confecção; o livro, que, como volume, é, não ha negar, um producto industrial como um ferro de engommar, não se pôde furtar a esta lei. O livro brasileiro, esse, está inteiramente fóra d'ella; de que se queixa, pois?

Um sujeito entra, por exemplo, n'uma livraria; vê no mostrador dous livros, um é o *Curso da litteratura brasileira* do Dr. Mello Moraes Filho, uma recopilação de prosa e versos de autores nacionaes, mal impresso, em pessimo papel e desageitadamente encadernado, o outro é os *Nocturnos* do meu nunca assás lamentado amigo Gonçalves Crespo, n'uma edição luxuosa e elegante; por aquelle pedem-lhe 5\$000 réis e por este 4\$000, e elle que o que quer é um livro, seja qual fôr, leva o portuguez e deixa o brasileiro. Nos seus casos eu, confesso francamente, faria o mesmo.

Bem diz, pois, o Sr. Tavora que são graves e multiplos os problemas que a nova Associação tem que resolver; estas ligeiras observações que de passagem vou fazendo o provam.

Quando a Associação houver creado leitores, tem de trabalhar pela baratesa dos livros, quando a tiver conseguido, tem de empenhar-se pela sua perfeição typographica, pelo seu bem acabado como producto industrial, e quando haja conseguido tudo isso ainda tem, para a completa realisação do seu nobre empenho, de lutar contra os preconceitos do publico a respeito do escriptor.

Um finissimo espirito portuguez, — que, ai de nós! é um dos mais terriveis concurrentes dos folhetinistas nacionaes — Ramalho Ortigão, constatando o menospreso em que é tido, principalmente nas altas classes, o escriptor no seu paiz, explicava este phenomeno pelo desprezo inspirado n'aquella sociedade pelos poetas do seculo XVII e XVIII, que andavam de palacio em palacio a trocar dythirambos e epythalamios pelo jantar dos criados da casa. Até certo ponto, esta explicação serve tambem para o nosso caso, porque aqui tambem os homens de letras, a não ser uma excepção gloriosa como a de Gregorio de Mattos Guerra, andaram sempre a adular os grandes e a fundar soporiferas academias para louvarem os governadores.

Eu, porém, além d'esta razão, aponto outra, por ventura mais immediata, para explicar a nenhuma importancia de que quer em Portugal, quer aqui, gosam os homens de letras: a profunda e inegavel ignorancia das altas classes de ambos os paizes («Quem não sabe a arte não n'a estima,» disse Camões) e a ainda maior das baixas. Deixemos de lado Portugal e falemos do Brazil.

Desde o extremo norte ao extremo sul do Imperio, a aristocracia — e eu penso com Littré, que uma sociedade não póde

viver sem ella — si é que aristocracia se póde chamar á classe que entre nós occupa as mais elevadas posições publicas ou simplesmente sociaes — é tudo o que póde haver de mais bronco.

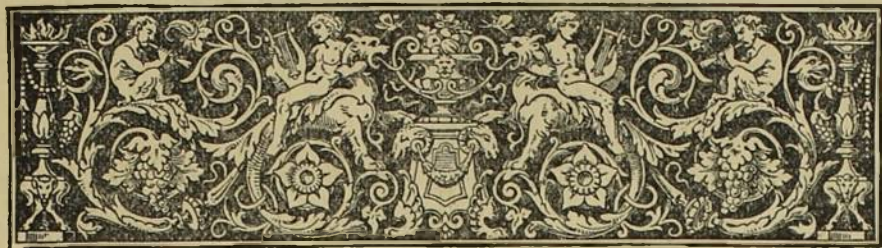
Os estupidos argentarios norte-americanos, edificam palacios, que ornam com télas ou estatuas de grandes mestres, fundam academias, dotam sociedades sabias, mandam expedições aos pólos, ao Brazil, á Africa; aqui, os que morrem com mais de dous mil contos de fortuna... mandam em testamento que se lhes rése algumas centenas de missas pelas almas, como si as tivessem! Isto quanto á aristocracia das finanças; a da politica não está mais adiantada, o que não admira porque a politica, como carreira é, de regra, no nosso paiz, o refugio das mediocridades ambiciosas. Á mais bella organização litteraria que ainda tivemos, José de Alencar, fizeram-lhe sempre do seu unico merecimento, o ser um escriptor de raça, um tropeço para as suas aspirações politicas.

Na nossa burguezia, o mesmo desprezo. Não ha empregado publico prevaricador, taberneiro ladrão, juiz venal, industrial velhaco, que se não permita denegrir todo o homem de letras, todo o *rabiscador*, segundo o termo usado, como si elle só tivesse a restricta obrigação de ser honesto. É até um proloquio, com fóros de aphorismo, dizer-se que todo escriptor é *safado*. Safado escrevo, porque é a fórmula consagrada.

Eis os enormes obices que tem de remover a recém-creada Associação dos homens de letras do Brazil, a quem o facil espirito de alguns humoristas fluminenses alcunhou de *Lyra de Appolo*.

Esperemos que ella não merecerá a cassuada e que consiga o que, torno a dizer, duvido — crear a classe dos homens de letras no Brazil, deixando ás demais classes que por ahi existem o direito de despresal-os e de, egoisticamente, monopolisarem o de... não serem honestas.





X

A POESIA POPULAR BRAZILEIRA

CANTOS POPULARES DO BRAZIL. *colligidos pelo Dr. Sylvio Romero. Acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga,* — Lisboa, 1883. 2 vol.

(1884)

Si precedencias em trabalhos litterarios fossem titulos á estima ou ao favor publicos n'esta provincia, me pejaria eu sem duvida de recordar, a proposito do livro cuja epigraphie copiei em cima d'este artigo, que fui o primeiro a occupar-me aqui do estudo da poesia popular do Brazil — tarefa que muitos terão por indigna de um espirito sério. Com effeito, si não me engano redondamente, o primeiro trabalho que sobre semelhante objecto n'esta provincia se escreveu, foi o por mim publicado em folhetins do *Liberal do Pará* de Janeiro, Fevereiro e Março de 1879.

Esses trabalhos passaram, como quiçá o mereciam, despercebidos, sinão menospresados; indifferença ou menospreso que me não fizeram móssa porque cá estou eu outra vez com

elles, a proposito do livro cujo titulo copiei em cima d'este artigo.

N'esta provincia onde o espirito nacional está quasi suffocado sob a pressão de elementos estrangeiros, e onde, por conseguinte os seus altos interesses, como a litteratura, são completamente descurados, não são muitos os que conhecem o operoso colleccionador dos cantos populares, editados, á falta de quem o quizesse fazer no Brazil, por Carrilho Videira em Portugal e prefaciados pelo Sr. Theophilo Braga.

Não é agora que farei a critica da personalidade litteraria do Sr. Sylvio Roméro, para o que não me faltará occasião, mas entendo desde já dizer que si não é um dos mais perfeitos é ao menos — e grande elogio é este em terra de tanta indolencia — um dos mais laboriosos escriptores brazileiros de todos os tempos.

Hoje limitar-me-hei a discutir a supracitada collecção de cantos e uma ou outra idéa do Sr. Theophilo Braga, no seu prefacio, ou do mesmo Sr. Roméro no seu notabilissimo trabalho sobre a *Poesia popular do Brazil* publicado na *Revista Brazileira*.

Antes, porém, de encetar este estudo convem-me lembrar o que sobre o mesmo assumpto encontrei entre os meus papeis, e que não é sinão, ligeiramente modificado, o que appareceu no *Liberal do Pará* de 19 de Janeiro de 1879.

I

«Todas as concepções humanas — escrevi eu — como o mesmo homem, são o resultado d'estas duas cousas: o antepassado e o meio. A poesia popular não se furta a esta lei.

«No estudo do caracter e da manifestação do sentimento esthetico no Brazil, a fórmula mais vigorosa d'esse sentimento, a poesia popular, deve ser estudada com todo o criterio como elemento indispensavel para a criação e desenvolvimento de uma litteratura conscientemente nacional. Aqui não ha, pois, desprezar aquelles dous factores, e só de sua perfeita comprehensão, poderá apparecer a toda a luz o verdadeiro caracter da nossa poesia popular.

«Si procurarmos nos velhos escriptores das cousas patrias, nos antigos chronistas, vestigios, apagados embora, de manifestações poeticas entre a raça que predominava n'esta parte do mundo na época de sua descoberta, não os acharemos. É verdade que Claudio d'Abbeville e outros autores, narrando os sacrificios que os vencedores faziam dos vencidos, falam em seus cantos, sem contudo demorarem-se a tratar d'elles, o que nos faz suppor que não mereciam a attenção dos que os ouviam. Os viajantes modernos, Bates, Hartt, Agassiz, Orton, Moutinho, F. Penna, Barbosa Rodrigues, não falam tambem da poesia entre os selvagens. Ella, entretanto, devia existir, não só porque é, talvez, a manifestação primeira da palavra na humanidade, como porque na lingua d'essa raça encontramos o verbo cantar *nêen-*

gari, derivado de *nên* falar. No entanto, não podemos crer que si aquelles escriptores e viajantes tivessem encontrado a poesia como uma manifestação do pensamento ou do sentimento do selvagem habitante no nosso sertão, a houvessem despresado; hoje principalmente que a poesia popular é um poderoso elemento para os estudos de philologia e particularmente de paleontologia litteraria. A que attribuir, pois, essa falta que se nota nos livros dos citados viajantes modernos e dos antigos autores? A sua pouca curiosidade por esse ramo de estudos ou á carencia da fórmula hymnica entre os selvagens do Brazil? Parece-nos que não póde ser accita a primeira razão, pois sabemos que a attenção de Hartt, Bates, Barbosa, e outros foi chamada para o estudo dos mythos ou lendas do selvagem, não devendo, portanto, escapar-lhes a fórmula hymnica d'essa poesia de que fazem parte os mythos. Por isso, até este momento, attribuímos essa falta, sinão á carencia de tal fórmula, o que, a ser verdade, provaria a extrema pobreza da poesia indigena, ao menos a sua completa extincção no periodo de civilização do selvagem da conquista para cá.

« A poesia, como uma manifestação espontanea e fatal do espirito humano, é dote da humanidade. Assim a tinham os tupy-guaranys, e a magnifica florescencia da sua mythologia está ahi para attestal-o. Mas quanto a traducção d'esse sentimento esthetico em uma fórmula, o canto ou o hymno, nada autorisa a crer n'ella. O Sr. Couto de Magalhães ¹ que tão es-

¹ Op. cit.

tenso é sobre os mythos indigenas, tratando dos cantos é breve, brevissimo, contentando-se com citar alguns poucos versos em tupy que serviam para a invocação de *Rudá*, o deus do amor. É notavel que conhecendo, como conhece, uma multidão de tribus selvagens, só d'esses poucos versos faça menção, versos que, convém notar, não foram recolhidos do proprio gentio, mas communicados por uma senhora velha de Santarem, de origem tupy.

« O que nos parece evidente é que no tempo da descoberta do Brazil, o indigena não podia ter poesia sinão tão rudimentar, que a conquista afogou sem esforço como matou também a rudimentar civilisação da raça habitadora d'esta região. N'essa época já elle possuia o mytho ou a lenda, é certo, mas não conhecia, ou apenas ensaiava, o canto, o hymno.

« Assim, suffocada no berço, poderamos dizer, a poesia dos tupy-guarany, não poudes, como a sua lingua e seus costumes, influir sobre a raça conquistadora. Apenas aqui na região amazonica, onde mais do que em outra parte a influencia tupy se faz sentir, encontra-se, em algumas raras canções populares, a mistura do ñêngatu com o portuguez, como n'esta muito conhecida no Pará, e citada pela Sr. Couto de Magalhães:

Vamos dar a despedida

Mandú sarará

Como deu o passarinho

Mandú sarará.

Etc., etc.

« Ou n'este verso por nós recolhido no districto de Monte-Alegre, que é uma variante de outro citado por aquelle autor:

Xa rekô ce ramalhête
 Ce Purcina quaiâué
 Pintadinho de amarello
 Puran catú nê iaué. ¹

« Esta fôrma que nasce da influencia que mais ou menos exerce uma lingua barbara sobre outra civilisada, como se deu na Europa da idade média, entre a lingua latina e as depois chamadas romanas, e tomou ali o nome de *descort*, teve tão pouca importancia, como se vê pelos raros especimens que apresenta, que a sua influencia sobre a poesia popular do Brazil, é tão insignificante que sem duvida não merece ser considerada como o antepassado directo dos nossos cantos populares.

« O nosso canto popular, nascido e desenvolvido no seio das raças cruzadas, tem um antepassado, nem podia deixar de ter, mas não é tupy, é portuguez, a *Serranilha* e o canto do archipelago açoriano principalmente que, como se sabe, forne-

¹ Veja-se a outra fôrma no livro citado. Esta que damos tal qual a ouvimos de um mameluco, traduz-se assim :

Eu tenho este ramalhête
 Minha Porcina como tu
 Pintadinho de amarello
 Lindo como você.

ceu largo contingente para a povoação do Brazil. Transformando-se em virtude da influencia dos meios, a poesia popular portugueza produziu aqui duas correntes diversas saídas embora da mesma origem, o canto popular e a modinha, sendo esta a mais rica e a mais característica fôrma que revestiu entre nós a musa do povo. A transplantação dos velhos *romances* portuguezes tambem se fez em larga escala, é assim que encontram-se aqui os romances do *Bernal Francez*, *D. Barão*, *Não Cathrineta*, etc., que nós não aceitamos como productos da poesia nacional, sinão como verdadeiros cantos portuguezes mais ou menos adulterados no Brazil. Não queremos dizer com isto que devem ser desprezados esses velhos romances portuguezes, corrompidos já pelo nosso povo, julgamos mesmo que prestaria um serviço quem os colleccionasse, pois seria occasião de estudar sobre dados positivos os processos da transformação lenta por que passam as concepções estheticas de um povo quando são transplantadas para um meio differente d'aquelle em que nasceram. Para nós, porém, que estudamos apenas o caracter da nossa poesia popular, para d'ahi concluir sobre o caracter esthetico da nossa raça, esses romances não têm nenhum valor, porque são inteiramente extranhos á nossa vida.

« Como dissemos acima, a nossa poesia popular manifesta-se principalmente de duas maneiras, no canto popular ou canção, e na modinha. Aquelle não tem a riqueza e a importancia de iguaes productos em outros paizes, e raro toma elle uma feição caracteristicamente nacional onde sintase já a inspiração collectiva de um povo, traduzindo-se em uma fôrma esthetica mais ou menos original. Ás vezes, porém, apparecem-

nos alguns especimens que revelam uma brilhante efflorescencia da inspirada e desconhecida poesia popular. É quando a musa do povo se eleva á inspiração incontestavelmente sublime de trechos como esse da longa canção do *Boi Rabivo*.

« O *desafio*, das festas campestres de Portugal, passou para os *batuques* e *caterêts* dos nossos sertanejos, guardando sempre a sua fôrma e intenção ironica, como se vê n'este trecho citado pelo Sr. Moutinho na sua *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso*:

« Homem:

Eu passei o Parnahyba
Navegando n'uma barça;
Os peccados vem da saia
Mas não póde vir da carça.

« Mulher:

Dizem que muié é farça
Tão farça como papé,
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi home, não foi muié.

« Comquanto haja verdadeira belleza sob estas fôrmas rudes, não ha aqui genuína poesia nacional. Apenas a inspiração dos bardos sertanejos apodera-se de uma fôrma recebida dos colonisadores, assimila-a, e corrompendo-lhe a lingua dá-lhe o cunho, não da nacionalidade, mas da terra em que vive. É isto

que acontece geralmente, e até em versos em que a linguagem synthetica e quasi obscura parecia deixar suppor uma criação do nosso rude meio popular, até lá, digo, encontra-se apenas uma variante degradada de alguma velha cantiga portugueza, consoante o prova esta, citada pelo Sr. Couto de Magalhães como producto expontaneo da nossa poesia popular:

O bicho pediu sertão;
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riqueza;
A mulher a formosura.

que é a variante d'esta estrophe que encontramos no *Cancioneiro popular* do Sr. Theophilo Braga:

O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes a Deus altura;
Os homens a liberdade
As mulheres a formosura.

« Podemos citar ainda outros exemplos do mesmo genero.
Diz uma cantiga brasileira:

Eu defronte e tu defronte,
Minha pedrinha de anner,
Consola-me com a vista
Já que com a presença não quer.

« Cantiga portugueza :

Eu defronte e vós á vista,
Eu falo, e vós não falaes;
Dae-me um aceno com os olhos,
Já que não póde ser mais.

« Cantiga brasileira :

Quando eu era pequenino
Antes de meu pae nascê,
Inda não engatinhava
Já gostava de você.

« Cantiga portugueza :

Quando era pequenina
E minha mãe me embalava,
Já uma vóz me dizia
Que eu para ti me creava.

« Resulta d'esta comparação, que fôra possível levar mais longe, o principio de que o canto popular brasileiro não é mais do que a reminiscencia longinqua, vaga, degradada, do canto portuguez, do qual elle herdou não sómente a fôrma metrica, o verso octossyllabo, mas ainda, as idéas e imagens. Nem nós poderíamos ter uma poesia popular tão rica como a dos paizes europeus, porque faltam-nos as condições d'aquelles. Sem grandes tradições ethnicas e historicas, o nosso povo não po-

dia produzir a grande obra anonyma da sua poesia, que nasce justamente d'aquellas fontes. O que para o portuguez se fez atravéz de muitos seculos pela obliteração das tradições latinas, celticas e até arabes, germanicas e gregas, nós o recebemos de um jacto, por assim dizer.

« A nossa *cantiga*, como todas as outras fórmulas da poesia popular, veio-nos directamente da metropole, como provamos pelas comparações acima feitas, e como resulta mesmo da conservação do verso octossyllabo, n'aquelle genero. É por isso individual, erotica e sentimental, conseguindo, porém, ainda assim attingir a bellissimas fórmulas, na traducção que dá ás fortes paixões populares. Encontram-se muitas vezes alguns versos, dignos de toda a admiração, não só pelo sentimento sincero que traduzem, como pela perfeição da fórmula e intenção lasciva, como este:

Eu dava a quem me puzesse
Junto de certa mulata,
Um conto de réis em ouro,
Seiscentos mil réis em prata.

« A feição característica d'esta poesia é, como se vê pelos exemplos citados, a paixão amorosa, os sentimentos ternos, traduzidos com toda a verdade. Raras vezes reveste a *cantiga* outra fórmula. Mas como, no dizer de Vico, as grandes paixões alliviam-se pelo canto, vamos encontrar a *cantiga* traduzindo tambem as duras angustias do captiveiro, n'esta triste quadra

dos escravos, vergados sobre o rude trabalho do *cito*, ao latego do feitor:

Preto quando morre
É caxaça que matou;
Branco quando morre
Foi Deus quem chamou.

« Ou então, muito raras vezes, como a manifestação da má vontade popular contra uma opressão qualquer, como aconteceu nas épocas revolucionarias de Minas e Pernambuco, ou do odio entre o natural e o colono, como n'esta:

Marinheiro pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira.

A historia do nosso paiz nos ensina que a sua primeira sociedade foi composta de máos elementos. As primeiras immigrações foram sómente de homens, que não querendo logo casar com a mulher que habitava esta região, por motivos fa-
ceis de comprehender, fizeram d'ella sua concubina em vez de fazel-a sua esposa.

Assim constituida, si a isso se póde chamar constituição, a primitiva sociedade brasileira, á qual faltava o mais poderoso dos elementos sociaes, a familia, não podia ser sinão immoral.

Sob um sol ardente e em uma natureza luxuriante o temperamento amoroso do portuguez, solto de todas as peias que o soffreavam na patria, ganhou aqui novo vigor e produziu o mestiço voluptuoso, impressionavel, apaixonado.

Foi n'este meio que a poesia popular portugueza se desenvolveu e foi aquelle o individuo que a assimilou e que lhe deu o vigor erotico que a caracteriza, bem como ao nosso genio artistico. É no seio d'esse elemento mestiço, do filho do portuguez, da india, ou da africana, que nascem as suas mais bellas fórmãs, e é ahi que algumas d'ellas se nacionalisam tanto que dirieis uma fórmula espontaneamente nacional, como a *modinha*.

A *modinha* é a mais rica das fórmãs por que se manifesta a inspiração poetica do nosso povo. N'ella transformou-se a *xacara* dos trovadores e castellãs guitarristas, ou mais immediatamente, o *fado* do povo portuguez. É, como bem diz o Sr. Theophilo Braga, uma fórmula brasileira.

O temperamento melancolico-amoroso do brasileiro, a sua voluptuosidade, as lubricas paixões que se desenvolvem em um meio não educado pelo casamento, como era, e é ainda hoje, si bem que em menor escala, o nosso meio popular, contribuíram facilmente para essa transformação. Assim essa fórmula caracteriza bem a tendencia morbida da nossa poesia popular, o deleixo, a preguiça da nossa raça, provinda da prodigalidade extraordinaria da nossa natureza e facilidade da nossa vida, quasi fóra da lei da lucta pela existencia, o que gera essa accidia tão do nosso character e tão a geito de produzir os amores faceis, a fonte unica da nossa inspiração popular.

Na nossa não pequena collecção de *modinhas* esse thema repete-se com uma monotonia fastidiosa. É sempre o amor e os sentimentos que d'elle se derivam: o ciúme, a saudade, o desejo, etc., em uma linguagem gongorica e piégas, mas sentida e interessante por vezes. E lendo as collecções das nossas *modinhas* que já correm impressas ¹, chega-se á conclusão a que nos leva este estudo da poesia popular brasileira, e é que ella, por falta do elemento tradicional, é profundamente individual, pobre e monotona. O seu desenvolvimento não é igual em todas as partes do Brazil, tendo sido maior no sul do que no norte, onde a vida pastoril não só é mais desconhecida como menos accentuada, e é, geralmente, n'esse meio que tem nascido todos os grandes poemas populares, como entre nós foi lá que maior expansão teve o sentimento poetico do nosso povo. ²

¹ V. *Lyra do Trovador* — Rio de Janeiro — 1875, 2 vol. — *A cantora brasileira — nova collecção de hymnos, canções e lunduns* — Rio de Janeiro — 1878 — Garnier.

² Ha erro n'esta repartição geographica, na qual entretanto ha uma parte de verdade, considerando que norte para o A. é a Amazonia, onde escreve. Parece que é na região oriental do Brazil, no sertão principalmente, entre o Parnahyba e o S. Francisco, e um pouco ao S. até o Reconcavo, onde mais rica e notavel é a nossa poesia popular. É de notar que essa região é a socialmente mais antiga do Brazil e o theatro principal da nossa vida historica no primeiro seculo da conquista. Estando as explorações folkloricas entre nós apenas em começo, imprudente seria qualquer generalisação que sobre a sua distribuição geographica se quizesse fazer. Presumo que Minas Geraes e S. Paulo dariam uma bella recolta, que pena é se não tenha ainda feito. (1889).

« Á falta de um *Cancioneiro* nacional, nós nos fundamos no que conhecemos da nossa poesia popular, para concluir pela idéa, triste para nós, de que o sentimento esthetico da nossa raça, revelado pela sua poesia, é muito fraco e muito individual. Acanhado sob a pressão d'esta fraqueza e individualismo foi que o nosso lyrismo, que tem na *Serranilha* gallesiana o seu antepassado mais remoto e na nossa *modinha*, o mais proximo ascendente, foi que o nosso lyrismo, digo, que inconscientemente soffreu a influencia da nossa poesia popular, não poudo largar ainda até hoje o velho e cançado thema dos amores mal recompensados. Com isto, porém, não queremos dizer contra a nossa poesia popular. Si ella não tem a alta importancia de suas congeneres do velho continente, de sua mãe, mesmo, a poesia popular portugueza, nem por isso o seu estudo deve ser despresado, pois d'elle se poderá concluir a verdade ou desacerto do principio que aqui firmamos, e que vero ou não, é de uma grande importancia para a concepção positiva e clara do character da nossa nacionalidade, character que deve ser estudado não só na historia das raças que formaram a nossa, sinão tambem nas quaesquer manifestações do genio d'esta.»

II

Quando foi escripto o estudo acima reproduzido, não conhecia eu nem a notavel collecção do Sr. Sylvio Roméro, só mais tarde publicada na *Revista Brasileira*, nem tão pouco

a recolta feita pelo iniciador d'estes estudos no Brazil, o mallogado escriptor maranhense Celso de Magalhães. Por isso, as minhas conclusões, tiradas por mera inducção — e sabem todos quão fallivel é, em critica, este methodo — são de algum modo precipitadas.

Da escacez dos meus conhecimentos dos cantos populares da população brasileira, inferi — e n'isto encontrei-me com o Sr. Sylvio Roméro ¹ — a pobreza da nossa poesia popular do mesmo modo que da tendencia amorosa, voluptuosa antes, das poucas amostras que conhecia d'esses cantos indusi que d'essa mesma, ao meu pensar, pauperrima poesia, a caracteristica era a paixão luxuriosa, o amor ardente e facil, como o sentem os mestiços.

Estes dous conceitos, si não são completamente errados, são por demasia absolutos, principalmente o primeiro. Prova-o a collecção feita pelo Sr. Sylvio Roméro, e ora dada á luz pelos Srs. Carrilho Videira e Theophilo Braga, a qual revela-nos a existencia em nosso paiz de uma florescencia de poesia popular, sinão tão rica como a das velhas nações da Europa, pelo menos notabillissima como producto original ou transformado de uma nacionalidade que se fórma.

E é esta, sem duvida alguma, a grande importancia dos estudos folkloricos: servirem mais do que os factos da historia corrente para mostrarem-nos a formação e o desenvolvimento de uma nacionalidade nascente. Acho-me realmente feliz por

¹ *Rev. Braz.*, T. I, pag. 94.

ter assim comprehendido, addindo estes estudos ás minhas locubrações ácerca da ethnographia patria, mas, por outro lado, admiro-me de que sendo eu um dos que têm trabalhado com mais afinco, á falta de brillantismo, para assentar que o povo brasileiro é o producto dos cruzamentos das tres raças que aqui se encontraram em dado momento historico, haja commettido o erro grosseiro de não aceitar como productos da poesia nacional os romances do *Bernal Francez*, *D. Barão* ou *Náo Cathrinêta* sob o futil fundamento de que são *verdadeiros cantos portuguezes mais ou menos adulterados no Brazil!* Mas é essa adulteração, digo hoje a mim mesmo, que constitue a sua nacionalisação, por isso que, provocada como vamos ver pelo contacto de outros elementos ethnicos, é, para as manifestações do pensamento popular, como que um cruzamento, e o cruzamento é o que fórma as novas raças.

Semelhante adulteração é, ainda sociologicamente, um facto importante para corroborar a opinião d'aquelles que souberam ver na formação da nacionalidade brasileira, alguma cousa acima de um méro resultado de combinações politicas, tão ineficazes sempre como causas de taes effectos.

Semelhantes romances, taes e quaes se acham aqui na boca do povo, são á vista do cruzamento, isto é, da alteração que soffreram, tão nacionaes como o producto do portuguez com a india ou com a africana, e o meu erro foi, obsecado máo grado meu e a despeito dos meus proprios esforços, pela idéa indianista dos chefes da escola romantica entre nós (Gonçalves Dias, Magalhães, etc.), esquecer-me de que não é só o producto d'aquella origem que é nacional, sinão qualquer

producto de uma das raças que aqui se cruzaram e aqui cruzado.

Para demonstrar este asserto ali está toda a collecção do Sr. Sylvio Roméro, cheia de romances, canções, xacaras, versos soltos e cantigas de origem portugueza adulterados, ou muito melhor, variados sob a influencia do nosso meio popular. De todos esses versos nenhum acho mais typico do que o seguinte do romance de *D. Barão*:

D. Barão, *que era macaco*,
De nada se arreceiou;
Chamou pelo seu *moleque*,
Uma carta lhe entregou.

que é a variante brasileira d'est'outro portuguez:

D. Barão, como discreto
De nada se recciou;
Chamou pelo seu criado,
Uma carta lhe entregou.

N'aquelle unico verso estão as tres raças formadoras do nosso povo, a portugueza, a africana e a americana. O *era macaco* pertence a esta ultima de cuja lingua é a palavra *macaco*, assim como seu *moleque* em lugar do *seu criado* da lição portu-

gueza é genuinamente africano, e ambos perfeitamente brasileiros. ¹

Esse verso é mais que uma simples estrophe, é um mestiço.

Disse eu mais que, como estudo do character esthetico da nossa raça «esses romances não têm nenhum valor porque são inteiramente extranhos a nossa vida.» Faço *amende honorable*, e espero me levem isso em conta de uma precipitação de rapaz desejoso de enfrentar com assumptos novos, como si alguém lhe quizesse disputar a despresada via!

É tambem como utilissimo elemento para o estudo do nosso sentimento esthetico, penso eu hoje e julgo que acertadamente, que devemos tomar a peito o da nossa poesia popular, principalmente n'essa transformação das cantigas portuguezas.

N'este ponto, ou pelo menos no desenvolvimento que vou dar-lhe, estou, parece-me, em opposição com o Sr. Sylvio Romero, que não vê na poesia popular sinão um dado para o estudo da psychologia social ou da ethnographia, e ainda com o proprio Sr. Theophilo Braga que embora menos exclusivo a considera mais por esse lado tambem. Não sou tão rigoroso, si reprovo as amplificações rhetoricas de Garrett a respeito da poesia portugueza, e de José de Alencar sobre a nossa, estou pelo menos convencido de que, producto do sentimento poetico do povo, é um documento importante e a aproveitar para

¹ V. a discussão da mesma estrophe pelo Sr. S. Romero, in *Rev. Braz.*, T. I, pag. 363.

o estudo d'esse sentimento, e, portanto, para o da historia da formação de sua litteratura.

E que mais brilhante exemplo da influencia da poesia popular, como elemento de educação esthetica, do que esse grande romantico Garrett, porventura a mais illustre personificação litteraria de Portugal depois de Camões, apaixonado desde a sua meninice pela poesia popular da sua terra?! Nem se pode, creio eu, ser um grande artista, um escriptor ou um poeta perfeitamente nacional, sem ir beber á fonte genuina da inspiração popular sob as suas diversas e variadas fórmãs, a poesia, a superstição, as tradições. Que odigam os Homéridas, os Virgílios, os Camões, os Shakspeares, e todos os altivos engenhos que representam melhor do que ninguem o espirito nacional no que elle possa ter de mais elevado.

Ha, pois, razões a militarem a favor d'este modo de encarar os cantos populares.

Eu, pelo menos, sou cheio de admiração por essa esplendida canção do *Rabicho da Geralda*, e declaro que, no genero, a prefiro a quantas poesias hajam escripto poetas. E justamente o que me faz admirar essa bellissima prosopopéa, que o leitor poderá ler á pag. 72 do livro que nos occupa, é essa verdade palpitante dos detalhes, a representação fiel dos quadros da vida popular, por quem, como o anonymo cantor, não conhece os recursos da rhetorica.

Os *Cantos populares do Brazil* devem ser leitura favorita dos nossos poetas e dos nossos romancistas, em geral tão distanciados do verdadeiro sentimento nacional, que se afizeram a desprezar, por o não conhecerem.

Aos prosadores, aos verdadeiros artistas da palavra, serão elles de grande utilidade: o povo tem geitos de fraze que, por isso mesmo que são naturaes, são-nos desconhecidos, a nós que nos torturamos para alinhar um adjectivo apóz um substantivo. Demais, não ha melhor documento para estudar as transformações da linguagem, do que os que nos fornece a litteratura popular.

Sobre o character geral, a característica direi melhor, d'esta poesia, a collecção do Sr. Roméro revigorou, que não modificou, a minha opinião. É muito mais rica do que eu suppunha a poesia popular do Brazil, mas não é mais notavel, nem mais variada. Com excepção de tres ou quatro romances de vaqueiros, dous ou tres autos de festas populares como o *Bumba meu boi*, e mais meia duzia de canções religiosas, ou facetas, o mais tudo que se contém n'esta copiosa collecção, tem por thema — o amor, a paixão amorosa e sentimentos correlativos, o ciume, a saudade, o desejo, predominando sempre, a nota luxuriosa, languida, piegas, a mesma que se reproduz na *modinha*, e que caracteriza o lyrismo brasileiro, o qual, graças aos documentos agora recolhidos pelo Sr. Sylvio Roméro, acha assim o antepassado onde ha de ir entroncar a sua arvore genealogica.

III (*)

O Sr. Theophilo Braga, que prefacia e annota a recolta do Sr. Sylvio Roméro, é um dos primeiros e raros escriptores portuguezes, que de nós e de nossas coisas tratou, com relativo conhecimento d'ellas e uma intelligente sympathia por nós. Em Portugal, até bem pouco tempo tinhamos encontrado, a respeito de litteratura, ou uma profunda indifferença a que se alliava não menos profunda ignorancia do nosso movimento litterario, ou uma especie de benevolencia protectora, e como quer que seja para nós humilhante e impertinente, ou a systematica negação d'esse movimento, de envolta com manifesta antipathia e má vontade a nosso respeito.

É o arauto d'estes ultimos sentimentos o Sr. Camillo Castello Branco. Alexandre Herculano e o velho Castilho representam o segundo modo, d'onde excluo o outro Castilho, José, porque este, apesar de uma ou outra alambicada palinodia, mal conseguiu occultar-nos a sua má vontade litteraria.

Com a renovação dos estudos em Portugal, apóz a defecção do romantismo, novos espiritos surgiram menos peiados por esse estreitissimo chauvinismo portuguez, tão bem representado, sob o aspecto litterario, pelos Srs. Thomaz Ribeiro e Pinheiro Chagas.

(*) D'aqui em diante este trabalho havia ficado inedito.

Repetia-se ridiculamente emquanto a litteratura, o phenomeno que se dera na politica, quando foi dos movimentos da independencia. Procurava-se por uma systematica negação da nossa litteratura conservar-nos na vassalagem intellectual da metropole, como outr'óra as Côrtes de 20 tiveram a ingenua velleidade de recolonisar o Brazil.

Isto porém, por honra de Portugal, parece ter passado, e julgo não exagerar attribuindo ao Sr. Theophilo Braga e aos seus companheiros da nova geração, esta concepção mais nobre e mais justa das relações litterarias entre os dous paizes. Com effeito, em seus bellos estudos sobre a litteratura de sua patria, elle deu um lugar ao Brazil, fazendo sentir a sua influencia sobre a mãe patria e comprehendendo o que essa influencia teve e poderia ainda ter de salutar e fortificante. O Sr. Adolpho Coelho por seu lado, no ramo da glottologia, que versa com inestimavel intelligencia e vasto saber, comprehendeu a evolução da lingua portugueza no Brazil, aceitando-a como um facto natural e que, portanto, em extranhal-o e até satyrisal-o, como soiam fazer os corypheus do purismo, era apenas revelar uma singular ignorancia ou innocente animosidade.

Na introducção que *sobre a poesia popular do Brazil* poz o Sr. Theophilo Braga aos cantos colligidos pelo Sr. Sylvio Romero, vem clara e succintamente exposta a nova concepção do brazileirismo — aceite-se esta palavra como synthetisando quanto possa fazer o character brasileiro — qual resulta dos estudos e trabalhos mais recentes aqui e sobre nós mesmos feitos.

«Existe uma nacionalidade brasileira, escreve o Sr. Theophilo Braga, superior a todas as combinações da politica e dos

interesses dymnasticos, formada pelas condições fataes da ethnologia e da mesologia, e á qual a marcha historica das suas luctas pela independencia e do seu conflicto com as velhas civilisações europeas, vem completar a obra da natureza dando-lhe o relevo moral, o character e o destino consciente no concurso simultaneo de todos os seus factores.»¹

Para elle os nossos cantos populares, á parte o interesse que têm como documento para o estudo da formação ethnologica de nossa nacionalidade «apresentam um duplo valor porque trazem os themas tradicionaes sobre que a nova litteratura brasileira tem de assentar as suas bases organicas, e porque são a irradiação remota dos vestigios tradicionaes deixados pelo povo portuguez na época da sua grande actividade e expansão colonisadora.»²

Igualmente bem comprehendeu o Sr. Theophilo Braga o que havia de falso na tendencia da nossa poesia de seguir o, como elle diz, atrazado romantismo europeu, si bem me pareça haja desacertado quando attribue exclusivamente a essa tendencia principalmente representada no *subjectivismo byroniano* o desvairamento d'ella. Não foi uma só a corrente européa que influenciou o nosso romantismo e não sómente Byron actuou sobre os nossos poetas. Victor Hugo, talvez mais do que Byron, Musset, Vigny, e em outra ordem, Lamartine e Chateaubriand, tambem influiram. O indianismo que foi aqui a fórmula

¹ Tom. I, pag. 9.

² Ibid. pag. 10.

característica do romantismo nacional, por isso que o índio, á primeira vista, apresentava-se como o nosso unico passado tradicional, o indianismo, digo, tambem desvairou ou, e me parece mais conveniente a expressão, desviou a nossa poesia, toda a nossa litteratura pudera eu dizer, do caminho que se me affigura verdadeiro. Como bem reconhece o Sr. Theophilo Braga e como resulta dos estudos do Sr. Sylvio Roméro e de outros criticos brasileiros, a nossa poesia «só poderá achar o seu caracter original conhecendo e comprehendendo o elemento ethnico das suas tradições populares». ¹

A constituição ethnographica do Brazil, como producto dos tres factores ethnicos branco, negro e índio, formando um povo de mestiços, assentada tambem de modo indiscutivel pela critica brasileira, é tambem criterio em que o Sr. Theophilo Braga baseia as suas apreciações da nossa poesia popular, apreciações que, e será o digno escriptor o primeiro a reconhecer, são em sua totalidade baseadas nos notaveis estudos sobre ella publicados na *Revista Brasileira* pelo Sr. Roméro, aliás constantemente citado pelo seu editor litterario.

O Sr. Theophilo Braga foi entre escriptores portuguezes e brasileiros, do meu conhecimento ao menos, o primeiro que se occupou detida e largamente d'essa especial fórma da nossa poesia popular, a *modinha*, derivando-a das serranilhas e outras canções tradicionaes portuguezas esquecidas no seculo xvii e conservadas no Brazil sob a fórma da *modinha* e indo n'ella

¹ Ibid. — 10.

filiar, e ao que nos parece com razão, o nosso lyrismo ¹ que se lhe antolha superior ao portuguez. ²

Sobre essa caracteristica fórma da nossa poesia popular escrevia eu nos estudos esparsos que, como notas ligeiras sobre esta publiquei em um diario d'esta cidade em 1879, e das quaes n'este artigo tomei já a liberdade de reproduzir uma parte:

«A *modinha* é a mais rica das fórmas por que se manifesta a inspiração poetica do nosso povo. Essa fórma, como o crê tambem o Sr. Theophilo Braga, é perfeitamente nacional.

«A *modinha* é a fórma popular e chã (diminutiva, pudemos dizer), da velha e aristocrativa moda portugueza. É a *xacara* dos trovadores e castellãs guitaristas transformada pelo povo. O temperamento melancolico-amoroso do brasileiro, a voluptuosidade, as lubricas paixões, que se desenvolvem em um meio não moralizado pelo casamento, como é o meio popular dos nossos sertões, contribuíram facilmente para essa transformação. Assim essa fórma caracteriza bem a tendencia morbida da nossa poesia popular, o deleixo, a preguiça da nossa raça, pela prodigalidade extraordinaria da nossa natureza e facilidade de nossa vida quasi fóra da lei da lucta pela existencia, o que géra essa acedia tão do nosso character e tão pro-

¹ V. n'este livro *O Lyrismo brasileiro*.

² *Questões de litt. e arte portugueza*.

pria para produzir os amores faceis, a fonte unica da nossa inspiração popular.

«O canto popular brasileiro, de que a *modinha* é uma fôrma, não podia deixar de ser o que é: simplesmente o producto de uma inspiração pessoal e, por assim dizer, uniforme, embora assimilada pelo povo—o que a faz tomar a denominação de popular. Dissemos que não podia deixar de ser assim porque o canto popular é, em geral, a expressão dos sentimentos de um povo e a consagração das suas tradições, ou guerreiras, ou religiosas, ou ethnicas, nacionaes emfim; e nós, resultado do cruzamento entre tres raças differentes e de um meio geographico, climaterico e social naturalmente diverso dos meios em que viviam duas d'ellas, nascidos hontem (o que são tres seculos na longuissima vida da humanidade?) nós não podemos ter tradições. As tradições portuguezas ficaram na península, as africanas na Africa, assim como as indigenas, se as havia, morreram com a raça a que pertenciam. Nós, producto autonomo d'essas tres raças, somos um povo differente d'ellas.

«A imaginação poetico-patriotica de muitos quereria encontrar entre nós elementos para compôr um rico *Cancioneiro*, os nossos *Nibelungen* talvez, a critica, porém, procurando a verdade, constata o facto da não existencia d'esses elementos. Mas não se entristeçam esses enthusiasts, porque si ella chegar a estabelecer, como verdade indiscutivel, isto que eu penso ser ainda uma opinião, mas uma opinião fortificada por innumerables probabilidades, n'esse dia tambem ella terá, descobrindo as nossas tendencias estheticas, de tanta importancia na vida de um povo, e verificando si nos pódem ser nocivas ou uteis,

ella terá, digo, concorrido para achar o caminho a seguir na nossa carreira politica.

«É crendo na importancia d'esse *desideratum*, que julgamos uteis estes estudos que poderão parecer a outros de pouca monta. Voltemos, porém, á *modinha*.

«O amor, a paixão individual, lubrica, voluptuosa, é, como dissemos, a fonte inspiradora e o assumpto unico sobre que se tem exercido com mais merecimento a musa popular brasileira. Na nossa não pequena collecção de *modinhas*, esse thema se repete quasi fastidiosamente. Mas a ardentia da paixão, consegue dar-lhe ainda, por vezes, incontestavel belleza.

«Citemos:

De ti fiquei tão escravo,
Depois que teus olhos vi;
Que morro só por teus olhos,
Não posso viver sem ti.

Contemplando o teu semblante
Sinto a vida m'escapar,
N'um teu olhar perco a vida
Resuscito n'outro olhar!

Mas é tão doce
Morrer assim! . . .
Lilia não deixes
De olhar p'ra mim!

«Essas hyperboles gongoricas, de máo gosto em outra qualquer poesia, são o encanto maior da *modinha*. Na conhecida *Canção do cego*, este verso é uma prova d'isso:

Si eu cair dá-me teus braços
Ampara-me, anjo de Deus;
Talvez recupere a vista
Cahindo nos braços teus!

«A facilidade de amar, apparece n'estes versos, onde não deve passar despercebido o descurado da linguagem piégas, que é tambem uma das feições da *modinha*:

Si vejo moça corada
Fico de amor abrazado:
Moça pallida e romantica
Põe-me todo derrotado.

A moreninha m'encanta,
Me derrete, me maltrata,
M'envenena, m'enfeitiça,
Me fere, me abraza e mata.

«Por estas citações vê-se qual o thema unico da *modinha*: o amor, o ciume, a saudade, o desejo, a paixão amorosa emfim. Multiplicar citações é desnecessario; ao envez do que acontece com o simples canto popular, as nossas modinhas existem colleccionadas. Os que as lêrem serão da nossa opinião.

«Temos as modinhas *Aonde vae, Sr. Pereira de Moraes*, tão popular, *Do Brazil a mulatinha, Feitiços da mulata, Mulatinha do caroço*, a mais característica, a mais viva das nossas modinhas, e muitas outras mais, em que a mestiça substitue a classica Marcia das canções portuguezas. A fórmula metrica da modinha, a *redondilha*, é tambem monotona, raro varia. Citam-se, entretanto, alguns exemplos, como o da *Mulatinha do caroço*, e de alguns lundús como este, que copiamos por inteiro e com que encerramos as nossas citações de modinhas, porque ella é mais um argumento em favor da nossa opinião:

SINHÔ JUCA

Sinhô Juca, vá-se embora,
Não me conta historia não:
Já s'esqueceu do que fez
Na noite de S. João?

Ai meu Deus, sinhô Juquinha
Você é os meus peccados;
Vá se embora já lhe disse
Não me queira dar cuidados...
Que artes de sinhô Juca,
São mesmo artes do demonio;
Para me ver livre d'ellas
Vou resar a Santo Antonio...
Santo Antonio meu santinho
Livrae-me d'esta afflicção:

Fazei com que sinhô Juca
Não me faça tentação...
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio.

Sinhô Juca é forte teima
Não bula commigo, não...
Não brinque como brincou
Na noite de S. João.

Sinhô Juca, arrede lá
Sinão leva um bofetão
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Sinhô Juca, você chora
(Já se viu tal tentação?)
Não se vá que eu já não ralho
Da noite de S. João.

Ai meu Deus, sinhô Juquinha,
Você é os meus peccados!
Eis de novo inda outra vez
Os meus protestos quebrados!
As artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demonio;
Não me posso livrar d'ellas
Nem resando a Santo Antonio.

Santo Antonio, meu santinho,
Já não vales nada, não;
O chorar do sinhósinho
Derreteu-me o coração;
Santo Antonio, Santo Antonio
Que tentação do demonio.

«D'estas rapidas e imperfeitas observações sobre a *modinha*, resalta a conclusão que se acha no principio d'este estudo. A pobreza da nossa poesia popular, de que a forma mais cultivada é ella, explica-se, como ficou dito pela pobreza do elemento tradicional entre nós, e tambem pela carencia absoluta de musica nacional.

«A musica é incontestavelmente um elemento poderoso da poesia popular. É ella que acompanha a voz do cantor, e mais, que lhe facilita a inspiração. Não temos musica nacional, a não ser esse monotono motivo sobre que varia mais ou menos o nosso povo o thema das suas composições musicas. Henrique de Mesquita, prodigioso talento musical, verificando a verdade d'este asserto, tentou crear uma musica que se pudesse chamar brasileira. Outros o imitaram, mas debalde: não são os maestros que fazem a musica de um povo, é o proprio povo.

«A selecção que até aqui temos feito, dividindo a nossa poesia popular em *Cantos populares*, *modinhas* e agora *canções* não é completamente arbitraria. O proprio assumpto o provará ao leitor, mas como isto é uma simples nota, não vale a pena, por ora, entrar n'esta questão que poderá ser depois desenvolvida.

«Damos aqui o nome da canção ao que nas collecções se tem dado o nome de hymnos. Esses hymnos ou canções, como preferimos chamar, são, na sua generalidade, sem nenhum valor. Não os caracteriza uma inspiração larga, franca e generosa.

«Cantam a pátria, a guerra, o monarcha, etc., sem nenhum valor; porém como producções que aspiram a tornarem-se nacionaes. As grandes canções populares, os cantos nacionaes, não precisam de figuras de rhetorica.

«Nascem de uma alta inspiração espontanea e natural. Vide a *Marsellaise*, o *Yankce doodle* e o proprio *God save the queen*.

«É que, ao contrario do que aconteceu entre nós, a alma popular entrou na composição d'essas canções. Aqui o povo ficou de parte; os poetas cortezãos fizeram então as suas canções, bajuladoras como estas:

De nossa gloria, ó regente
Só tu penhor pódes ser
Ou Pedro, ou deixar a vida
Independencia ou morrer.

Jura o povo brasileiro
Dar contente os bens e a vida,
Pela patria tão querida
Pelo grande Imperador.

desconchavadamente hyperbolicas:

O Brazil, do *mundo inveja*, etc.

ridículas e risíveis:

Viva a brazilia
Nobre nação!
Salve, ó divina
Constituição.

A suprema liberdade
Com a propria mão te escreveu
Sobre as azas prateadas
De um anjo vindo do céu.

ou puerís como a que começa:

Já podeis, filhos da patria, etc.

com fastidiosas rimas em *il*.

«A prova concludente da falsidade rhetorica d'esses cantos e do seu nenhum merecimento é que não puderam nunca ser assimilados pelo povo, que não só não os canta como não os conhece. Soube o povo condemnar assim o máo gosto, a banalidade, o artificio, a figura de rhetorica sandia, com que pretendidos vates populares revestiram esses cantos inspirados pela adulação de um potentato ou pelas idéas de uma facção.

«Os verdadeiros cantos nacionaes, tornam-se em breve populares, quando traduzem os sentimentos de um povo, e não pelas influencias dos governos. Rouget de L'Isle é o autor da *Marselheza*, mas nenhuma canção em França é mais popular

do que esse sublime canto, que não traduz sómente a aspiração de um povo para a liberdade, mas é já hoje o grito de emancipação de todos os povos.

«*Ma muse c'est le peuple*, dizia o velho e popular Béranger. Este principio, que a critica reconhece exacto devia ser o de todos os cancionistas populares, que só no povo achariam inspiração, não só elevada e generosa, mas o que mais é, verdadeira.»

IV

Qualquer das fórmãs tradicionaes da poetica popular—novella, conto, romance, xacara, canção, verso solto, ou hymno—seja de que origem fôr, conservada pelo nosso povo, ainda que não perfeitamente assimilada e mal comprehendida, deve entrar, embora com a especificação de seu exotismo, na nomenclatura da poesia popular brazileira. Todavia, a poesia popular verdadeiramente nossa seria aquella aqui gerada e aqui nascida da inspiração do nosso povo, por elle comprehendida e que fielmente traduzisse as impressões do seu pensar, as emoções do seu sentir ou as aspirações do seu querer.

Seja qual fôr, pois, o valor dos cantos que sob o titulo de *Romances e Xacaras* formam a 1.^a série da recolta do Sr. Sylvio Roméro, o que é certo é que, sem embargo das alterações de linguagem e outras que tenham soffrido, das quaes algumas fo-

ram já n'este estudo notadas, elles não são menos, e não tanto por sua origem como pelos assumptos que versam, sentimentos que exprimem e idéas que traduzem extranhos ao Brazil. No ponto de vista da genesis da nossa poesia, popular ou culta, o seu estudo é sobre todos importante, pois n'ella havemos de ir achar-lhe as origens, mas, encarados sómente como producto métrico da inspiração poetica popular, valem, ao meu ver, infinitamente menos que a poesia de que falei — aquella que não é apenas uma transformação, sinão que nasceu no Brazil e nos diz os sentimentos, os anhellos, as tendencias do brasileiro, cujo character e indole manifesta.

«O povo rio-grandense, diz o Sr. Carlos Koseritz, distincto folklorista teuto-brazileiro citado pelo Sr. Theophilo Braga, não tem romances nem xacaras como o portuguez. Nossa poesia é de versos faceis, que vulgarmente se chamam *quadrinhas* e que filhos do improviso foram transmittidos de boca em boca, tornando-se propriamente de todos.»

Creio que esta observação póde sem difficuldade ser transformada em lei geral da poesia popular do Brazil, cujos romances e xacaras, não são productos genuinamente brazileiros, sinão transformações ou adaptações de romances e xacaras portuguezas, alguns dos quaes apenas foram ligeiramente alterados na linguagem, sendo mais raros os que soffreram alguma modificação intrinseca, si assim posso dizer.

E assim pensando não estou em contradição com o que atraz ficou dito: não recuso importancia a essa poesia portugueza para cá transplantada e aqui adaptada, mas essa importancia, certo, não é a mesma, sob o ponto de vista nacional,

que a da poesia que aqui gerou-se no seio do nosso povo quando elle se achou constituido pela fusão das tres raças e feito com as suas características proprias.

Esta poesia popular brasileira, tem duas feições sinão distinctas, diversas, uma que julgo poder considerar primordial são esses versos geraes, a outra é a modinha.

Essas quadrinhas, tão bellas e tão profundas algumas, são a mais característica e a principal feição pela qual servindo-se da poesia, traduz o nosso povo os seus sentimentos. Ellas são, por assim dizer, o repositório da alma popular. Com ellas o nosso povo não só diz os seus prazeres, os seus amores, as suas paixões ou os seus desejos, como as suas maguas, as suas ironias, as suas revoltas, todos os aspectos emfim do seu sentir. Ellas encerram a sua sciencia da vida e a sua philosophia popular, assim elle as repete habitualmente em todos os successos da existencia ou cita-as como texto sentencioso, de todos, sinão sabido, comprehendido, a cada passo da vida.

Já vimos atraz alguns exemplos d'isso. A collecção do Sr. Sylvio Roméro fornece-nos o ensejo de vermos outros e mais numerosos.

A apprehensão tão propria ás mães respeito o futuro dos filhos, exprime-a assim:

Toda a mãe que tem filho,
Razão tem para chorar
Que não sabe ainda da sina
Que Deus tem para lhe dar.

A ironia popular da musa mestiça contra aquelles numerosissimos mulatos que quereriam passar por brancos, traduz-se d'este modo:

Cabello preto e crespo
Faz um lindo parecer;
Todos querem cabelo crespo,
Mulato ninguem quer ser.

Ás vezes na traducção da ardentia dos seus desejos, da sua lascivia de mestiço, chega ao sublime como n'esta quadra:

Eu queria, ella queria,
Eu pedia, ella não dava;
Eu chegava, ella fugia,
Eu fugia, ella chorava.

ou então tem delicadezas d'estas:

Eu te vi e tu me vistes,
Tu me amastes ¹, eu te amei;
Qual de nós amou primeiro
Nem tu sabes, nem eu sei.

¹ Na linguagem popular brasileira a segunda pessoa do singular do perfeito definido affecta em geral a fôrma do plural.

A animosidade das raças encontra largo écco nas tradições, ditados e versos populares. N'esta collecção, entre outras, depara-se-nos esta quadra:

Bode de cabello grande
Merece ser bem penteado,
Com pente de cinco pernas,¹
Para não ser confiado.

A cautelosa e velhaca prudencia tão de molde para a nossa vida social a quem a sinceridade repugna, ensina-a o nosso povo, não talvez sem uma ponta de ironia:

Eu quero dar um conselho
A quem o quizer tomar:
Quem quizer viver no mundo
Hade ouvir, ver e calar.

A raça escravizada, como já anteriormente vimos, traz também a sua nota, geralmente ironica:

Quando um branco está comendo,
Com um negro em companhia,
É o branco o devedor
Ou do negro é a comida.

¹ Allude ao *bacalháo*, vergalho com que nas fazendas castigavam os escravos.

A politica, as commoções populares fornecem tambem
thema á inspiração popular que, ou eleva como n'este:

Bento Gonçalves da Silva
Da liberdade é o guia,
É heróe, porque detesta
A infame tyrannia.

ou deprime e enxovalha, consoante as inspirações de suas pai-
xões, como n'est'outro por mim ouvido de um velho patriota
mineiro de 1842, no interior do Rio de Janeiro:

Perguntem ao Sr. Caxias,
Intitulado barão,
Que fim elle deu
Do oitavo batalhão.

V

Si a poesia popular do Brazil não póde, nem pela copia
nem pela variedade, soffrer comparação com congeneres mani-
festações de outros povos—e sobejam causas que expliquem
esta relativa inferioridade—si ella é pobre, como este ensaio
apezar de deficientissimo parece ter mostrado, essa pobreza
augmenta na Amazonia.

A gente amazonica em que domina, como julgo ter provado ¹, o elemento que á falta de melhor termo chamamos indio, é como esta raça pouco poetica, triste e indifferente. Esta sua apathia, tão característica, é por ventura menos physica que moral. A Amazonia, comquanto seja geographica e socialmente uma região distincta no Brazil, nunca teve um poeta, não direi grande, mas notavel siquer. Este facto me parece digno de attenção e eu não sei até que ponto erraria si fizesse notar que os grandes poetas brasileiros são quasi todos completamente alheios á raça indigena—a menos poetica das que concorreram para a formação do nosso povo.

Como disse, parece-me aqui a poesia popular excessivamente pobre e algumas tentativas que fiz para recolhê-la foram vans. Além da influencia da raça, é de notar a do genero de vida que levam. Povo pescador, faltaram-lhe os grandes estímulos poeticos da vida mais romantica e mais bella dos povos pastores ou agricultores, onde a florescencia poetica é sempre mais vigorosa. De mais o mestiço amazonico é por indole taciturno e concentrado. A pesca mesmo, nas condições em que, em geral, é aqui feita, força ao silencio. Tudo isto teria accaso contribuido para esta pobreza da poesia popular aqui, onde os descantes a viola, os desafios tão de uso entre os tabaréos, vaqueiros, caipiras e gaúchos do sul são alheios ao povo.

Segundo boas e fundadas presumpções seria na ilha de

¹ V. *As raças mestiças e indígenas da Amazonia* in *Scenas da Vida Amazonica*.

Marajó onde se encontrasse menos pobre a poesia popular amazonica.

Sendo a população de Marajó essencialmente pastora e talvez aquella de toda a região onde o elemento predominante da mestiçagem é não o indio, mas o africano, este facto viria abonar as observações feitas sobre as causas da pobreza extrema da poesia popular n'esta parte do paiz.

São ainda os versos geraes, as quadras, que, como em todo o Brazil, formam a parte mais importante da nossa poesia popular.

Pelo metro, pela inspiração, pelos assumptos, pela nota dominante, emfim pelo seu character, essa poesia é a mesma que a de todo o paiz.

Como amostra d'ella e prova d'isso, traslado para aqui algumas d'essas quadras populares por mim directa ou indirectamente recolhidas.

Lá vem a lua saindo
Por detraz da samuúma,
Tanta mulata bonita
Minha rêde sem nenhuma.

*

Vae-te ingrata pelo mundo
Procurar maior riqueza
Si não achares quem t'a dê
Volta ao resto da pobreza.

Ingrata quando eu morrer
Na sepultura vae pôr
Uma lettra em cada canto:
A—M—O—R—amor.

*

Meu barquinho vae á vella
Procurando amarração,
Meu bemzinho vae no leme
Ó que dor de coração.

*

No virar d'aquella ponta
Plantei um pé de alecrim,
No dobrar d'aquella outra
Tenho quem chore por mim.

*

Mandei fazer um punhal
Para em meu peito cravar,
Cravando o punhal no peito
Quero com a vida acabar

*

Si Santarem fosse por terra
Meu bemzinho ia te ver,
Mas as ondas do mar ¹ são bravas
Tenho medo de morrer.

¹ Na Amazonia, as populações ribeirinhas do Amazonas, chamam a este rio *mar*.

Maria, minha Maria,
Meu fusinho de fiar,
Te lembra d'aquelle abraço
Que te dei no copiar? ¹

*

Quando vejo mulher magra
Vem-me logo no sentido:
Ou é magra de ciume,
Ou pancada do marido.

Sem afirmar, creio entretanto que n'esta região é ainda mais pobre que nas demais do paiz a poesia popular. Existem aqui os romances e xacaras de origem portugueza, porém muito corrompidos e diminutos em numero e em importancia. São as quadras soltas, repito, a fórmula quasi única por que se revela a poesia popular amazonica. A propria modinha não tem aqui a mesma florescencia que no sul, nem é tão cultivada.

Estas observações, porém, longe de serem definitivas, carecem de baseadas em provas que infelizmente nos faltam. Por menos notavel que possa ser a poesia popular amazonica merece estudada, quando nada para o completo conhecimento do folklore brasileiro, que até aqui tem apenas sido dispersamente feito.

¹ *Copiar*, varanda, puchada, alpendre já em frente, já atraz da casa.



XI

CASTRO ALVES E O POEMA DOS «ESCRAVOS»

(1884)

No Brazil, onde não se pode dizer que haja espirito nacional, afogado que está elle pela preponderancia de elementos estrangeiros que ainda não fomos capazes de sobrepujar, é raro, é rarissimo e extraordinario mesmo que um escriptor, um artista, um poeta, seja amado, seja apreciado, ou simplesmente conhecido.

De quantos homens d'esses n'este paiz já existiram, apenas um, Gonçalves Dias, logrou essa gloria, de ser conhecido e apreciado, sinão amado, do sul ao norte do imperio. E isso mesmo, convém notar, não o deveu elle ao seu real e incontestavel merecimento, nem ás suas poesias americanas, sinão, em primeiro lugar, á consagração que lhe deu Portugal pela voz do seu pontifice litterario Alexandre Herculano, depois pela sua morte tragica.

Estes dous factos são importantes, decisivos na historia da

legitima aura que alcançou no Brazil o sublime poeta dos *Cantos*; si Alexandre Herculano não o tem sagrado grande poeta, fazendo com a sua, a opinião da escolha da nação e si, em vez de perecer mysteriosamente tragado pelo oceano sem deixar vestigios, houvesse morrido em sua cama como qualquer outro, Gonçalves Dias, seria tão conhecido dos brazileiros como o são Magalhães, Porto Alegre, Macedo, Alencar, Junqueira Freire, Bernardo Guimarães, Alvares de Azevedo e muitos outros de não menos valor.

O que prova a verdade do meu asserto é que com o outro poeta que, depois de Gonçalves Dias, maior nome ganhou no paiz, Casimiro de Abreu, dá-se o mesmo facto; elle tambem teve a consagração portugueza, cujos editores ainda hoje lhe publicam as obras, elle tambem teve um fim desgraçadamente prematuro, que veio confirmar os seus tristes presentimentos de homem doente.

É profundamente deploravel e sobremodo contristador semelhante estado da consciencia publica; confessal-o envergonha, mas é dever de todo aquelle que présa, mais do que as conveniencias patrioticas, a verdade.

E já que, incidentemente, toquei n'esta questão, entendo dizer todo o meu pensamento ácerca das de nacionalidade que por todo o paiz se tem agitado, e que, é força confessar, estão latentes no espirito da população. Considerando-as friamente pareceram-me sempre ridiculas as pretensões de absoluta autonomia de um povo que para ler os seus escriptores e os seus poetas, isto é, aquelles que melhor devem representar os seus desejos, precisa que elles lhes venham recommendados pelos

mesmos cuja preponderancia quereriam — como se isso fosse possivel — abolir do pé p'ra mão.

Antes da estúpida pretensão do commercio a retalho, a mais atrazada e a mais tola das idéas que já poderam occorrer ao cerebro de um politico, havia, e ha, a crear a consciencia nacional, por uma boa educação, lenta e seguramente feita. ¹

Sómente depois d'esse trabalho, o elemento brasileiro fortificado e apto para a lucta, poderia assimilar os elementos estrangeiros, concorrendo lealmente com elles em qualquer campo onde se pudesse manifestar a sua licita actividade, e não no das invectivas grosseiras ou das desarrazoadas pretensões.

A litteratura é, em regra geral, de todas as manifestações do espirito de um povo, aquella por onde melhor podemos ajuizar da sua vitalidade; ora, não ha, dos povos civilizados ao menos, um que tenha em menos conta a sua litteratura do que o brasileiro, isto é, um que menos caso faça da traducção ou antes da reproducção escripta do seu proprio sentir e pensar.

Este povo, pois, tão profundamente inconsciente, que mais parece uma simples agglomeração de gente do que uma nação,

¹ Modifico hoje esta opinião. A nacionalisação do commercio a retalho — que, creio, existe em alguns estados da União Americana — seria um dos meios de conseguir, pelo augmento das naturalisações, a diminuição do valor social dos elementos estrangeiros. (1889).

não tem direito, sinão por uma aberração de espirito, de falar em nacionalidade.

D'este espesso e symptomatico indifferentismo para as coisas nacionaes, parece, no emtanto, ter ultimamente escapado tambem um poeta de subidos meritos, Castro Alves.

Com effeito, depois dos dous poetas citados, Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, nenhum escriptor n'este paiz já foi mais lido e mais apreciado do que Castro Alves. As suas *Espumas Fluctuantes* têm já cinco ou seis edições diversas, o que n'este paiz é extraordinario; o seu poema *A Cachoeira de Paulo Affonso* já tem duas, o seu drama *Gonzaga* achou tambem editor e os seus versos soltos, principalmente as *Vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro* mereceram por varias vezes edições especiaes.

Aqui, é verdadeiramente assombroso.

Este enthusiasmo, porque o ha, por Castro Alves é justo e merecido, não porque elle seja um poeta mais genuinamente nacional do que qualquer outro, mas por ser um dos maiores, quiçá o maior, da ultima geração de poetas.

Sim, elle não tem nada de caracteristicamente nacional que o fizesse amado por esse lado, mas nenhum poeta da sua geração talvez sentio vibrar com mais viveza dentro de si a alma moderna, e é esta a sua verdadeira grandeza.

Ajunte-se a isto, a fórma quasi nova — Victor Hugo, seu mestre, só podia ser conhecido pelos que lêem o francez — de seus versos, a infelicidade de sua vida e o seu fim prematuro, e ter-se-ha completa a explicação d'este phenomeno singular — a sua popularidade no Brazil.

O Sr. Serafim José Alves, editor no Rio de Janeiro, acaba

de prestar um bom serviço ás letras patrias publicando em edição barata *Os Escravos*, poema de Castro Alves.¹

Este poema, confirmando — si elle precisasse de confirmação — o meu juizo sobre Castro Alves, dá-me ensejo de occupar-me com um poeta que sempre me foi singularmente caro.

Alma de poeta e alma talhada de molde a comprehender as aspirações e sentimentos modernos, Castro Alves é o primeiro poeta que, sem ser incidentemente, fez vibrar as cordas da sua lyra a favor dos escravos n'este paiz, e apezar de ter muito amado e de um amor romantico, é ainda assim tambem o menos subjectivista, como diria um critico allemão, dos nossos poetas dos ultimos tempos.

A adoração de Victor Hugo, o prodigioso lyrico, inspirou-lhe um ideal humano que teve a sua mais bella encarnação no poema dos *Escravos*, n'esse grito verdadeiramente sentido de um peito de poeta em pról do mais miseravel dos entes:

Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
Dos seios infamados da vendida . . .
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a boca resequida . . .
É mais tarde, nas dobras do futuro,
Não descobrir estrella foragida . . .
É vêr — viajante morto de canção —
A terra — sem amor! . . . sem Deus — o espaço.

¹ OS ESCRAVOS, poema brasileiro dividido em duas partes: I *A Cachoeira de Paulo Affonso* — II *Manuscriptos de Stenio*, precedido da biographia do poeta, por Mucio Teixeira.

Em toda a primeira parte d'este poema — a unica que realmente lhe pertença — ha bellezas inextimaveis, que não reproduzirei porque dislocal-as-hia do seu lugar proprio; mas em nenhuma das outras obras do poeta manifesta-se melhor que elle era menos um poeta nacional do que um poeta moderno.

O entrecho do seu poema é completamente falso; o drama não se passou, não se podia ter passado no Brazil, onde aliás o poeta, si não fôra a sua demasiada tendencia romantica, teria encontrado na sombria vida da escravidão aqui mais de um facto verdadeiro para assumpto do seu poema.

O poeta, porém, preferio idealisar e em lugar de fazer-nos um quadro da escravidão no Brazil, deu-nos uma pintura, forte sem duvida, da escravidão em geral, principalmente de uma escravidão — e aqui está o seu ponto fraco — que não houvesse conseguido degradar o escravo, uma especie da escravidão dos escravos dos *Burgraves* de Victor Hugo, cuja reminiscencia me parece evidente n'este poema.

Os escravos escolhidos por Castro Alves, Lucas e Maria, são duas bellas figuras de epopéa, convenho, mas inteiramente dislocadas no meio em que as collocou o poeta.

Acho eu que mais nos interessaria elle pintando-nos os escravos taes quaes são, profundamente degradados e profundamente bestificados pelo captiveiro, do que fazendo-nos d'elles uns heroes impossiveis, como o seu Lucas, uma especie de Spartaco negro. Tenho para mim — e quero repetir esta idéa — que a somma de positividade que enriquece hoje os espiritos modernos, torna mais sympathica a realidade do que a idealisação da desgraça.

Assim de todos os trechos do poema dos *Escravos* o que mais nos toca, o que mais nos commove é o da *Tragedia no lar*, em que elle descreve a scena d'antes vulgarissima no nosso paiz, da separação da mãe, vendida a um terceiro, de um filho menor.

Apezar da idealisação do poeta essa scena ficou verdadeira e a sua verdade, banal e corriqueira, é mais forte do que, por exemplo, as magnificas scenas finaes da *Cachoeira de Paulo Affonso*, onde a impressão da maneira hugoana é evidente.

A *Tragedia no lar* pertence aos *Manuscriptos de Stenio*, que vêm como segunda parte do poema, ao qual aliás só se prendem pelo motivo que os inspirou.

É n'esta parte que estão tambem as conhecidissimas e bellissimas poesias *As vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro* (tragedia no mar).

Eu considero-as como as melhores que o poeta haja escripto, principalmente a primeira, *Vozes d'Africa*, tenho-a como a sua obra prima.

Pelo seu vigoroso colorido, pela accentuação dos seus tons, pela idéa e pela fórma verdadeiramente poeticas que a inspirou e que a revestiu, não duvido—eu que sou inimigo d'estas classificações de primazias—de collocar essas soberbas estrophes no primeiro lugar entre as modernas poesias brazileiras.

Nunca, talvez, a musa brazileira teve um grito tão forte, tão expontaneo e tão sentido.

Vou concluir.

O notavel poeta Mucio Teixeira conclue o elogio biographico com que precedeu este poema por estas palavras:

«Castro Alves foi um genio. A historia reserva-lhe um lugar de honra entre os nossos poetas: para o povo já elle é um dos primeiros; para mim — é o maior de todos.»

Não é d'esta opinião um atilado critico brasileiro, o Sr. Sylvio Roméro, que no prefacio dos *Dias e Noites* do Sr. Tobias de Menezes, considera este superior a Castro Alves.

É-me mais facil concordar com o Sr. Mucio Teixeira do que com o Sr. Roméro, cujo franco espirito me perdoará a franqueza de pensar que, como poeta, o Sr. Tobias não póde almejar siquer um lugar ao lado de Castro Alves — ao menos julgando-o pela collecção de versos citada.

Não sou, porém, inteiramente do parecer do poeta dos *Prismas e Vibrações*; não sei si Castro Alves era um genio; o que elle nos deixou indica-nos, porém, que era um prodigioso talento poetico, que a morte, pilhando-o aos 24 annos, não deixou completamente desabrochar.

Foi, entretanto, e é esta a minha conclusão, a mais esplendida promessa da poesia brasileira contemporanea.





XII

DO «NACIONALISMO» NA POESIA BRAZILEIRA

NACIONALISMO, *Mythos e Poemas* por Mello Moraes Filho
Rio de Janeiro, 1884

(1884)

I

DE algum tempo a esta parte o novo movimento intellectual brasileiro, iniciado pelo anno de 1873, manifesta uma pronunciada tendencia a desprender-se de mais em mais das faixas estrangeiras, principalmente luzas, que até aqui o têm trazido sopeado e contrafeito.

Ainda bem; e tomára eu, tomáramos nós todos que devemos querer ser mais do que uma agglomeração sem nexo de individualidades entre si indifferentes, que essa tendencia se transformasse, como aliás hemos o direito de esperar, em uma corrente forte e seguida.

Um facto, é certo, apoia e fortifica essa esperança; é que aqui, como tem mais ou menos succedido por toda parte onde se hão dado renovações litterarias, o movimento a que mais

imediatamente me refiro foi precedido de um trabalho critico preparatorio, que lhe desbravou e abriu o caminho.

Com effeito, os trabalhos apparecidos de 73 para cá, sobre as nossas origens ethnographicas e historicas, sobre a nossa psychologia popular, sobre as nossas tradições e a nossa historia litteraria, não só aquelles como os dos Srs. Celso de Magalhães, Sylvio Roméro, Franklin Tavora, Tobias Barreto, Araripe Junior, Clovis Bevilaqua, intencionalmente criticos, mas ainda os que, pelo menos superficialmente encarados, menos tinham que ver com a litteratura propriamente dita como os monumentaes labores de Baptista Caetano, os de Barbosa Rodrigues, de Macedo Soares, de Couto de Magalhães, de Capistrano de Abreu e outros, todos concorreram conforme com a sua funcção para a manifestação de um nacionalismo novo, e, a meu ver, mais verdadeiro do que o antigo, na litteratura brasileira.

Si por um lado os primeiros mostravam a inanidade das antigas pretenções indianistas, vasadas nos moldes *soi-disant* classicos da erudição litteraria luzo-brazileira, os segundos forneciam copiosos a prova da ignorancia do que era o meio cujo espirito elles pretendiam encarnar — a nacionalidade brasileira.

Este trabalho de erudição servindo de base á critica litteraria era indispensavel, não só para dar-lhe justeza como autoridade, que por ventura lhe faltaria si fossem propriamente suas, e portanto suspeitas, as grangearias de que se vae utilizando.

D'essas acquisições a mais fecunda é quiçá a da comprehensão da nossa nacionalidade, resumida pelo Sr. Sylvio Ro-

méro, si não me engano, n'esta frase concisa: — um povo de mestiços.

Essa noção, hoje não só incontestavel, mas indiscutivel, destruia pelos fundamentos o indianismo e o luzismo, que perdiam a sua razão de ser desde que ficava claro que nós não eramos portuguezes, nem tão pouco tupy-guaranys, sinão uma resultante social d'estes tres factores ethnographicos — o portuguez, o gentio americano e o negro d'Africa.

Cruzados, fundidos, amalgamados, misturados os sangues, as crenças, as linguas, as tradições, as lendas e todos os elementos mythologicos, os costumes e a esthesia d'estas tres raças, o producto fomos nós. N'este producto, está claro e era fatal, predominou de muito o factor mais forte, ou o mais apto, para falar como os transformistas, que era o portuguez, o qual legou-nos aquillo que nos põe na mesma esteira dos velhos povos civilisados, a sua cultura, a sua lingua, as suas leis, os seus usos, etc.

O sermos, porém, uma nação de origem portugueza, e portanto latina, não inibe que sejamos um povo mestiço, por isso que os elementos da mestiçagem ahi se estão revelando a cada passo, já não direi nos caracteres physicos de mais de dous terços da população do Imperio, mas nas suas characteristics moraes, na sua linguagem, nos seus costumes, nas suas crenças e, principalmente, nas manifestações do seu pensamento e do seu sentimento, quando revestem uma fórmula esthetica, na sua poesia popular.

N'este novo caminho aberto pela critica, a que nos referimos acima, lançaram-se ardentes alguns moços escriptores an-

ciosos e quasi certos da gloria que lhes traria a exploração d'este, incontestavelmente, riquissimo veio.

Acontece, porém, que na arte, e na poesia principalmente, além da comprehensão correcta das exigencias do meio, do momento, e das leis que devem guiar esse trabalho, exige-se tambem que o artista não seja sómente um convencido da sciencia ou da critica, sinão um devotado, tanto ao quanto inconsciente, ao culto da fórma em que opera. Em uma palavra, na obra d'arte é imprescindivel, mais do que a instrucção critica, a intuição esthetica, a vocação pelo assumpto, a inspiração especialisada, em summa.

Comquanto eu esteja de pleno accordo com Augusto Comte affirmando que aos eminentes creadores de obras d'arte, Camões, ou Racine, ou Molière, ou Gøethe, eram familiares os resultados geraes da sciencia do seu tempo, nem por isso deixo de ter por certo que no momento da criação das suas obras immortaes esses altivos espiritos apenas obedeceram a sua inspiração, influida embora ella pelas concepções da sua época e do seu meio.

Entre nós mal a nova evolução mental havia sido esboçada que, apoderando-se dos seus ainda indecisos resultados, seguiram-lhe os dictames mais talvez do que a propria inspiração, alguns escriptores aliás de fino espirito e apurado gosto. Não estava sasonado o fructo, e já se precipitavam a colhel-o, alguns mesmos sem ter por elle outra predilecção que a de um capricho de moda.

Não é certamente d'estes ultimos comquanto talvez seja dos primeiros, o poeta que se iniciou no genero com os

Cantos do Equador, e que acaba de publicar os *Mythos e Poemas*.

Da actual cohorte, e com pouca legião, dos escriptores que procuram, a todo o transe, emancipar o pensamento nacional e dotar de uma fôrma sólida e indiscutivel a litteratura patria, o Sr. Mello Moraes Filho, póde não ser o mais illustre, nem mesmo dos mais illustres, mas é, com certeza, um dos mais ardentes e um dos mais convictos e entusiastas na pe-leja. Este elogio, digo-o sinceramente, a mim me bastaria.

As grandes cousas, são filhas dos grandes enthusiasmos; os homens de sangue frio nunca fizeram nada duravel. A vontade é só por si um grande elemento no successo, mesmo em litteratura. José de Alencar será eterno talvez menos por ha-ver escripto dous ou tres livros primorosos do que por ter tido a vontade intensa e perseverante de romper com as tradições da litteratura portugueza e fundar a nacional.

Nem é gratuito e mentiroso o elogio, que ahi estão para comprovar-lhe o valimento, além dos *Cantos do Equador* já citados, a *Patria Selvagem (Escravos Vermelhos)*, copia de artigos de jornaes e revistas, agora os *Mythos e Poemas*, além dos inéditos annunciados: *Patria Selvagem (Os ciganos, Os escravos negros)* e outros. Já é uma soffrivel bagagem, n'este paiz.

Passarei em silencio os *Cantos do Equador*, que não tenho aqui presentes, mas embora estas observações tenham sido provocadas pelo livro cuja epigraphe copiei sobre este artigo, tenho a peito dizer poucas palavras dos *Escravos Vermelhos*, cujo assumpto prende-se intimamente com o d'estas reflexões.

A mesma inspiração, ou, direi melhor, o mesmo fito que

desde os *Cantos do Equador* guia o Sr. Mello Moraes Filho, o nacionalismo na litteratura brasileira, levou-o a escrever os *Escravos Vermelhos*, livro de trechos em prosa, em estylo imaginoso e poetico, sobre factos da historia da conquista e catechese dos indios no Brazil. Em falta de outro nome que lhe indicasse a indole, pois que não é poema, romance, historia, drama ou outra cousa facilmente classificavel, designou-lhe o autor o de *Idealisação historica*.

Nunca denominação foi peor escolhida para um livro em prosa, porque a idealisação historica, qual a concebeu o autor, só cabe n'um molde, o verso. Não são outra cousa, sinão idealisação da historia a *Lenda dos seculos* de Victor Hugo, a *Visão dos tempos* de Theophilo Braga ou as soberbas télas de Gonçalves Crespo. Imaginem, porém, esses mesmos magnificos poemas postos em prosa, ainda a melhor; quem os suportaria?

É o que acontece com os *Escravos Vermelhos* do Sr. Mello Moraes Filho. Não que não haja ali verdadeira inspiração ou verdadeiro valor artistico, mas não ha prosa, por mais bella que seja, e a sua não está muito longe d'isso, que aguente concepções que só podiam viver em verso. Pegae-me uma delgada columna de fino marmore, feita para sustentar a ligeira cupola de um rendilhado kiosque arabe e collocae-m'a como pilastra de massiça ponte por onde corram pesados comboios, e dizei-me com pouco o que restará d'ella.

N'uma obra como a concebeu e executou o Sr. Mello Moraes Filho, o estylo é tudo; não ponho duvida em reconhecer que o seu é, sinão um primor, que está longe d'isso, excel-

lente e adequado, o que é muito, mas, qual a obra d'arte que já viveu e perdurou apenas pelo estylo?

O Sr. Mello Moraes Filho, tendo achado um excellente titulo e um excellente assumpto, para dotar a litteratura pela qual tão brilhantemente trabalha com um livro que d'elle só dependia fosse esplendido, deixou passar a occasião e deu-nos uma cousa falsa e insipida, sinão como fundo, pelo menos como fórma. Para afinal dizer todo o meu pensamento sobre os seus *Escravos Vermelhos* lhe confessaria que de coração subscrevo o que ácerca do mesmo livro escreveu nos *Lucros e Perdas* um amigo seu, o Sr. Sylvio Roméro. Entretanto, parece que o Sr. Mello Moraes Filho pensa differentemente, pois na capa no seu ultimo livro annuncia a continuação do mesmo genero nos *Escravos negros* e nos *Ciganos*. Respeito muito a dignidade de um escriptor, principalmente a de um escriptor distincto e convencido, como é o Sr. Mello Moraes Filho, para aconselhal-o a que se submetta ás exigencias da critica que, póde bem ser, esteja em erro. Aguardo-me, pelo contrario, para julgar definitivamente a *Patria Selvagem* quando estiver toda publicada a trilogia de que se comporá. Porventura, vista no seu conjuncto, me parecerá melhor.

II

Deixei dito que na litteratura e na arte não bastava a convicção critica, era ainda necessaria, imprescindivel a inspiração ou mais do que a inspiração, a vocação innata por dada ordem

de phenomenos artisticos ou litterarios, para produzir as obras duraveis.

Não basta — e creio que dizendo assim digo melhor — não basta que o artista tenha a convicção de cabeça, feita pelo estudo proprio ou sob o influxo alheio, é preciso ainda, que elle tenha a fé do coração, o amor do seu assumpto e, ousaria dizello, que seja incapaz de fazer de outro modo.

Não falta inspiração ao Sr. Mello Moraes Filho, mas so-beja-lhe a convicção, e sente-se sem esforço que é uma these que elle trabalha e não um assumpto a que o levasse uma vocação irresistivel. A inconsequencia devia, pois, forçosamente apparecer aqui e ali e, com effeito, apparece.

Em uma nota do seu livro diz elle que o *ideal caboclo não é o ideal da nação* e perfilha a condemnação de Gonçalves Dias pelo Sr. Eunapio Deiró. Estamos tanto mais de accordo que eu sou d'essa opinião desde 1877. Mas, pergunto eu, a que inspiração obedeceu o Sr. Mello Moraes Filho escrevendo a sua *Lenda do Algodão, O palacio da mãe d'agua, A tapéira da lua, A lenda das pedras verdes* e outras idealisações poeticas de mythos ou lendas do caboclo selvagem do Brazil? Na minha opinião á mesma que fez Gonçalves Dias conceber com talento ainda hoje não igualado o seu sublime poema do *Y-yuca-pirama*.

Todos aquelles poemas que citei são, não ha negar, tão indianistas como quaesquer outros iguaes de Gonçalves Dias ou de Magalhães. A fórmula em que são vasados, póde ser outra — si bem que, a meu ver, inferior á do primeiro — mas a materia prima é a mesma.

Não haverá, porém, uma explicação para esta inconse-

quencia? Creio que ha na precipitação — perdoa-se-me a dureza do termo que emprego á falta de melhor — com que o Sr. Mello Moraes Filho atirou-se pela nova estrada á fóra; sem ver bem onde ella ia dar e sobretudo ser elle, além de poeta, ethnographo. Para homem de sciencia, falta-lhe essa suprema indiferença pelos resultados das indagações a que procede, apaixonou-se, ao contrario, por elles, exige talvez que elles depõemham a favor de uma opinião preconcebida, idealisa-os em summa. Diz o Sr. Sylvio Roméro que na palestra corrente não conhece homem mais calmo nem mais reflectido do que o Sr. Mello Moraes Filho, mas que escrevendo não sabe de maior idealizador. Deve de ser verdadeira a observação, vinda de um amigo.

Penso eu, que não tenho a honra de conhecê-lo sinão de nome, que o amador da ethnographia leva para o seu gabinete de estudo as preocupações do poeta, o que lhe faz, como homem d'arte, sinão falsificar aquella, pelo menos dar demasiada importancia como assumpto de trabalhos estheticos ao objecto dos seus estudos ethnographicos, e em vez de ser, como era seu intento, e louvabilissimo, o primeiro dos nacionalistas vir a ser o ultimo indianista.

Entretanto, devo declarar, que saindo d'essa via que o Sr. Mello Moraes Filho toma erradamente pela estrada real, abre-se um largo horizonte ao poeta que no mesmo livro tem *A luz dos Afogados*, *A Endemoninhada*, *A novena*, e, sobretudo, *A romaria do Bom Despacho*, uma joia. Não que eu condemne absolutamente a idealisação dos gestos e lendas do selvagem, longe d'isso; condemno-a sim nos poetas que julgam ver n'esse

campo a verdadeira e unica poesia nacional, ou nos que a censurando nos outros usam d'ella tambem.

A poesia tem um campo muito mais vasto do que qualquer arte, com excepção da musica, onde buscar assumptos para n'elles inspirar-se ou para idealisal-os, sem deixar por isso de ser nacional. Demais na poesia a personalidade do poeta é por alguma cousa, um poeta de espirito profundamente nacional, será por força um poeta nacional, em qualquer assumpto que cante.

E não será este um poderoso elemento para conseguirmos o perfeito nacionalismo da nossa litteratura—sermos nós de espirito e coração profundamente nacionaes?





XIII

OS MOTINS POLITICOS DO PARÁ

SEU ESPIRITO E CHARACTER

MOTINS POLITICOS DO PARÁ *por Domingos Antonio Raiol*
(*Barão de Guajará*) — 4 vols.

(1885)

A historia da Independencia do Brazil, sem obstaculo da mais volumosa do que exacta *Historia da fundação do Imperio Brasileiro*, do Sr. Pereira da Silva, está ainda por escrever. O Visconde de Porto Seguro — o operosissimo autor da *Historia Geral*, declara no final da ultima edição d'esta que tinha concluida a sua *Historia da Independencia*; entretanto, vae por quatro annos que elle é fallecido e não me consta que essa obra tenha sido publicada.

Não creio, porém, que este ultimo trabalho do illustre historiographo contentasse os espiritos educados nas lições dos modernos processos historicos.

Esse grande trabalhador, infatigavel e benemerito pesquisador das nossas antigas cousas, carecia dos requisitos que exi-

gimos hoje de um historiador digno d'este nome, um Michelet, um Rancke, um Guizot, um Thierry, um Macaulay, um Buckle, ou mesmo um Henri Martin, ou um Alexandre Herculano, o senso historico, faculdade complexa resultante não só de uma intuição, uma especie de visão do passado, como da concepção philosophica dos factos e das multiplas causas que os provocam, que os explicam ou que sobre elles actuan, concepção não arbitraria como eram as da velha philosophia da historia, que cada um fazia a sabor seu, mas de accordo com a mentalidade contemporanea.

Póde-se ser, como foi Varnhagen (Porto Seguro), um laborioso e intelligente historiographo e não ser-se, como elle não foi, um historiador — consoante a elevada significação que a moderna critica liga hoje a este vocabulo.

Não temos, pois, dizia eu, uma historia da nossa independencia, cujo periodo, a meu ver, não abrange menos que o longo espaço que vae de 1808 a 1840, isto é, desde a chegada de D. João VI ao Brazil até a maioridade de D. Pedro II, ou pouco além, e seria, por conseguinte, a historia do periodo organico da nossa nacionalidade politica, pois que a social começara a organizar-se com a conquista.

Uma das muitas difficuldades que se antolhariam ao historiador de genio que se abalançasse a semelhante empreza seria certamente a falta de materiaes, sobretudo dos concernentes aos acontecimentos que se passaram durante essa época fóra do Rio de Janeiro — falta tanto mais para sentir que a independencia é por ventura antes obra das provincias do que da capital. Com effeito, aqui o terreno está por desbravar, ca-

recendo nós quasi absolutamente d'essas monographias historicas que em outros paizes de tanto soccorro são aos historiadores, e que para a constituição de uma grande obra são como os affluentes para os grandes rios ou como essas picadas de exploração que abrem os engenheiros antes de rasgar a estrada real. Raras provincias pôdem apresentar quaesquer trabalhos sobre o seu passado de hontem, como subsidios para uma historia geral d'essa época.

Não admira isto, entretanto, em terra onde, para dizer como o velho épico portuguez:

O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a patria, não...

Graças ao Sr. Domingos Antonio Raiol, cujos serviços administrativos mereceram-lhe o titulo de Barão de Guajará, em o qual o governo trocou aquelle seu nome, o Pará pôde contar-se hoje entre as poucas provincias que possuem uma historia particular, sinão de toda a sua vida, ao menos de uma parte d'ella, não da de somenos interesse, sem duvida. A obra, entretanto, não está concluida, faltando-lhe justamente uma das partes mais importantes, a referente ao periodo chamado *Cabanagem* e o remate ou historia da pacificação da provincia e sua reorganisação após o longo estadio de quatorze annos (1821-1835) de continuas sedições e motins.

Todo escriptor que enceta uma obra do género d'aquella do Sr. Raiol contráe com o publico uma obrigação moral de,

salvo caso de força maior, leval-a ao cabo. Este incontestavel preceito de alta moralidade litteraria, não o desconhece o Sr. Raiol, devemos por isso esperar que breve haveremos a conclusão d'aquella que em tão boa hora apprehendeu.

Esta obra, ou antes os acontecimentos n'ella contados, o seu espirito e character, pretendo eu estudar hoje, á luz de principios por ventura differentes dos que guiaram o honrado narrador.

Sendo a sociedade considerada actualmente, graças aos progressos das sciencias physico-naturaes, como um organismo no qual se verificam factos pelo menos identicos aos da vida dos organismos estudados por aquellas sciencias, é prestadio o seu auxilio no estudo da historia, ou da evolução d'esse organismo.

A ellas, pois, tomarei ensinamentos que me servirão de criterio no julgamento do conjuncto dos acontecimentos historiados pelo Sr. Raiol, e entre essas lições — a da hereditariedade das aptidões e tendencias.

E isto não é alardo de uma erudição trivial, sinão necessidade stricta, pois sem isso, como explicar que em dado momento da vida de um povo surge um longo periodo de agitações continuas sem um movel determinado, sem uma direcção conhecida, sem um fim explicito, fazendo centenaes sinão milhares de victimas, trazendo em commoção e sobresalto continuo dezenas de milhares de individuos, uma população inteira, a quem rouba vidas, a segurança, a fazenda, o socego, perturbando profundamente a ordem e, portanto, estorvando o progresso?

Não pretendendo o Sr. Raiol, segundo elle lisamente declara não só no prefacio de seu primeiro volume como em uma extensa nota do principio do terceiro, a gloria de historiador, sinão julgando-se pago, como o poeta seiscentista por haver provado *que a sua terra amou e a sua gente*, sendo seu *unico incentivo* — são palavras suas — *o desejo de evitar que o tempo apagasse a memoria de acontecimentos tão graves, como foram esses, que por muito tempo agitaram a sociedade paraense, afim de legal-os ás gerações vindouras* não julgou talvez necessario remontar as causas remotas, nem perquirir si na historia anterior da provincia algum facto não ha que explique como individuos que no fim de contas, segundo adiante mostrarei, não tinham merecimento de especie alguma, puderam provocar — e parece do livro do Sr. Raiol que foram elles que provocaram — uns após outros acontecimentos como esses de que se fez historiador, creando um quasi estado de anarchia permanente.

Assim o seu trabalho que apenas começa com a chegada ao Brazil de D. João VI, fugindo a Napoleão, não se occupa d'essas indagações de causas e origens que são aliás a luz com que a historia se esclarece. Em consequencia, depois de havermos cuidadosamente, como elles merecem, lido os quatro tomos publicados chegamos ao fim sem comprehender perfeitamente, não cada um dos movimentos de que tratam e cujo desenvolvimento nos satisfaz, mas toda a época e, principalmente, como foram possiveis esses continuos movimentos. Atravéz dos factos que o historiador desenrola a nossa vista curiosa, adivinhamos, mais do que percebemos, a falta de um guia que nos illucide e esclareça o espectáculo contrastador,

sentindo que além do que vemos ha qualquer cousa que nos occultam.

Taes movimentos, pensamos nós, pondo o nosso bom senso de accordo com a critica historica, não são possiveis quando não acham meio propicio para se desenvolverem, e relendo de novo e mais attentamente vemos, ou melhor, parece-nos ver, perpassar por entre as massas amotinadas um sopro de anarchia que vem de bem longe e que—reflectimos baixinho e apprehensivos—talvez ainda hoje perdure.

Tendo por guia o livro do Sr. Raiol experimentarei um estudo d'esses factos, não só dos motivos que o geraram, mas das causas que os tornaram possiveis, em uma palavra do seu espirito e character.

Este trabalho—apresso-me a dizel-o—não é, nem póde ser definitivo, pois que o livro do Sr. Raiol, em que elle se firma, comquanto utilissima e preciosa contribuição, não o é tambem.

I

A historia colonial do Pará gira toda ao redor d'este facto: a lucta dos colonos com a metropole, ou antes com as autoridades que a representavam, por causa dos indios que queriam para escravos e tambem por amor de certas prerogativas que reclamavam. Ao redor d'este facto principal agrupam-se outros, causas ou effeitos d'elles, que, ou o explicam, ou o definem ou

o completam, como sejam a lucta com os jesuitas, as questões da supremacia do Maranhão, a desmoralisação do principio da autoridade, como natural consequencia das luctas com os governadores, as deposições d'estes por motins populares ou militares, politicos como hoje diriamos, nunca, como por ventura mereceram, convenientemente punidos pelo poder central sempre contente, comtanto que lhe mandassem a importancia dos direitos e dizimos.

A anarchia da administração, como reflexiona em alguma parte do seu livro o Sr. Raiol, gera a desordem publica. A frouxidão da autoridade nos tempos coloniaes engendrou a anarchia em que mais ou menos viveu a capitania e depois o Estado do Grão-Pará n'aquelles tempos, acostumando a população ao tumulto, como mais tarde, graças á fraqueza do primeiro reinado e da regencia e consequente imbecilidade dos seus delegados, viria a acontecer á provincia do Pará, preparada por uma fatal educação de desordem.

O que é singular, porém, é que esse espirito anarchico, nasceu, por assim dizer, com a colonia. O seu primeiro capitão-mór, o mesmo que a conquistou para Portugal ou antes para a Hespanha, a quem então pertencia aquelle reino, Francisco Caldeira Castello Branco, mal tivera tempo de lançar os alicerces da nova cidade (1616-1618) foi deposto e preso pela tropa e povo (?) amotinados. Com o quarto capitão-mór, Mathias de Albuquerque, a mesma cousa. O quinto é filho, como o segundo, de alevantes populares.

O nono vive em lucta com os colonos que manifestam contra elle ao governador do Estado, o qual o manda suspen-

der e ir ao Maranhão justificar-se. O decimo segundo foge para ali, não se julgando seguro no Pará. O decimo quarto é refugado pelo senado da camara amotinado. O decimo nono, accusado pela camara, é chamado ao Maranhão, ficando esta encarregada do governo da capitania. Depois segue-se uma lucta entre autoridades e facções contra a familia de Bento Maciel Parente, no fim da qual o procurador da camara, em nome do povo, requer que jámais sejam elles admittidos a emprego algum e que esta corporação dirija-se ao rei, pedindo-lhe que na exclusão fosse comprehendida toda a prole de Maciéis.

Longe iria eu si continuasse a exemplificar, porque, mesmo fazendo-o summarissimamente, alongaria demasiado este estudo. Facil é a todos verificar ou em Baena ou em Berredo o facto por mim assignalado de que o periodo colonial foi aqui quasi um continuo motim.

Quando, portanto, o paiz ia passar pela maior transformação que jámais soffrera, não admira, ao contrario, comprehende-se e explica-se que, favorecidos pelas mesmas causas, a tibieza dos governos e o desrespeito á ordem representada pela autoridade, surgissem os mesmos effeitos, que os factos coévos não eram quiçá sufficientes para explicar.

É que costumes e habitos da vida publica eram filhos legitimos do passado colonial, cujo temperamento, cujas tendencias, cujo espirito herdaram, pela iniludivel lei da herança psychologica.

Como o filho do assassino ou do lypemano, si nenhum outro factor, como a educação ou qualquer boa disposição herdada da mãe ou provinda por atavismo, vier modificar-lhe a

tendencia, apenas se manifeste occasião e appareça uma causa, será criminoso ou louco, assim o povo que recebera dos seus antepassados a fatal tendencia á desordem, se amotinará desde que surjam as mesmas circumstancias que moveram aquelles a rebellarem-se.

Essas circumstancias, como iremos vendo, sobejaram de 1821 a 1835.

Os que lêem as edições especiaes dos jornaes do dia 15 de Agosto sabem que o humilde escriptor d'estas linhas professa mediocre admiração pela data que assignala o facto material, digamos assim, da independencia da provincia e pelos sujeitos dados em geral como factores d'essa obra, na qual não acha motivos siquer para o foguetorio com que patriotas — como a si mesmos se chamam — mais ruidosos que esclarecidos — armam ao effeito publico, e o povo, — eterno carneiro de Panurgio — celebra com enthusiasmo mal empregado um facto cuja historia redondamente ignora.

Das provincias que durante os tempos coloniaes gosaram de alguma importancia, o Pará, que foi uma d'ellas, é, do meu conhecimento ao menos, das poucas que jámais tenham dado qualquer signal, o minimo, de independencia. De facto, ella se não póde orgulhar com o Maranhão de uma revolta de Beckmann, ou como Pernambuco de um movimento qual o dos nobres de Olinda, que quando foi da guerra dos mascates quizeram fundar uma republica *ad instar da de Veneza*; ou como S. Paulo, com os alevantes que produziram o mytho historico de Amador Bueno; ou como Minas e Rio de Janeiro, a primeira com a Inconfidencia, a segunda com o Dr. Maciel.

Aqui nenhum movimento semelhante; pelo contrario, estando mais perto de Portugal que nenhuma outra provincia, e tendo mais faceis communições com a metropole do que com o Brazil, o Pará foi, ainda após a independencia, quando todas as suas relações não só commerciaes como particulares eram antes com Portugal que com o resto do Brazil, o Pará foi, digo, mais adstricto ao reino que á patria commum. E isto se comprehende sabendo-se que o elemento portuguez foi sempre aqui dominante, como — e deve envergonhar-nos a simples asserção d'este facto — o é ainda agora, graças aos capitaes que quasi exclusivamente possue.

Si n'aquelle tempo levava a provincia a brigar com seus capitães-mores e governadores, era por amor de interesses particulares, muitas vezes mesquinhos, questões de primazias, sem que isso jámais obstasse a sua perfeita fidelidade a Portugal.

Com inteira razão e verdade poderam, pois, os signatarios do officio de 31 de Março de 1821 da junta provisoria á regencia portugueza dizer: «Estes acontecimentos (a aclamação de D. João VI, das Côrtes e da Constituição de 20) foram mandados immediatamente ao conhecimento de El-Rei Nosso Senhor, de cuja Paternal Bondade esperamos que annúa graciosamente aos votos legitimos do seu povo do Pará, *que portuguezmente o ama.*»

Não se acredite, porém, que negue eu haverem no Pará pessoas que pensassem em independencia, quer antes quer depois dos acontecimentos que, na rhetorica official, se resumem no *brado do Ipiranga*. Certamente, sinão antes, ao depois as havia, porém entidades isoladas cuja opinião estava longe de con-

stituir a da provincia e com a qual apenas o historiador póde contar para melhor pôr em relevo a opinião dominante.

Nem ha que envergonhar-nos demasiadamente d'isto, pois salvo a excepção memoravel dos Patriotas de 1817 em Pernambuco, o resto do Brazil jazia no mesmo estado.

A gloriosa emancipação da grande colonia ingleza da America do Norte, a vinda de D. João VI para o Brazil, e talvez, mais do que tudo, o vento de liberdade que soprava por toda a Europa no principio do seculo, como a ultima lufada do bemfazejo furacão da Revolução franceza, mal extinto pelo Congresso de Vienna, naturalmente acordaram no Brazil, sinão na massa da população, ao menos em alguns individuos, as idéas, não com certeza de completa independencia, mas de um estado menos sujeito e avexado do que era a colonia, qualquer cousa como o Canadá ou a Australia ingleza actualmente. Sem duvida não foi d'outro espirito que nasceu o Brazil-Reino.

Não fôra a reacção que se deu nas Côrtes portuguezas contra as pretensões do Brazil, este não teria tão cedo proclamado a sua independencia; pois na época em que foi feita não ha um só, ainda entre os seus pseudo-patriarchas, como os Andradas e outros, que a quizesse a despeito de tudo, simplesmente por amor de ver livre a terra da patria.

Esta é a nua verdade, e como as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, o que se deu no Sul passou-se, com insignificantes modificações, no Pará.

Recebida a noticia da nova constituição portugueza, eleita uma junta constitucional de nove membros, jurada a dita con-

stituição e tomadas outras disposições consequentes, mandaram d'aqui dois emissarios a Lisboa afim de significarem á regencia do Reino a adhesão da provincia ao movimento liberal da metropole. D'esta commissão eram membros o alferes de milicias Domingos Simões da Cunha e uma original figura dos primeiros tempos da nossa provincia, uma especie de doido, Felippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente. ¹

Patroni, em cumprimento de sua missão, proferiu perante as Côrtes um discurso bombastico protestando a adhesão dos seus committentes á constituição, acabando por assegurar *que seria mais facil converterem-se em sangue as aguas do Amazonas ou reduzir-se o Pará a cinza, pó e nada, do que baixar de novo a cerviz ao sacudido jugo.* ² O jugo a que se referia Patroni, é quasi uma simplicidade dizel-o, era o da monarchia absoluta: applaudindo o movimento que acabava com ella, *os paraenses* — assegura Patroni no mesmo discurso — *queriam fazer um e o mesmo corpo com os luzitanos.*

Entretanto, eram menos favoraveis ao Brazil os desejos das Côrtes, ciosas de chamarem ao seu antigo papel a colonia que, facto singular na historia, passara quasi que a metropole. Semelhante intuito bem está denunciando a myopía politica dos homens, aliás de grande valor moral, que dirigiram o movi-

¹ Não é sem fundamento que chamo de *uma especie de doido* ao Dr. Patroni: para merecer este diagnostico de qualquer alienista avisado ahi estão as obras por elle publicadas, os seus discursos na camara dos deputados e um caderno manuscripto que d'elle possuio superabundante de symptomas.

² *Motins*, vol. I, 6-18.

mento de 20 em Portugal ¹, pois que importava na cabal ignorância das condições de desenvolvimento dos povos.

A acção dynastica das Côrtes produziu naturalmente reacção contraria no Brazil a favor da independencia. O reinado de D. João VI aqui mostrara a nossa capacidade para viver sem tutella, e puzera-nos em condições de avaliar os nossos proprios recursos.

Infelizmente não tivemos um Washington, um Franklin, um Bolivar, ou um San Martin, sinão alguns aulicos, que a contragosto viam e acompanhavam o movimento liberal do reino, de sorte que foi facil a espartesa saloia de D. João VI de mãos dadas com o espirito aventureiro e de nenhum modo escrupuloso do principe D. Pedro, empolgar para a sua dynastia um Imperio que forçosamente lhes escaparia, armando ao mesmo tempo a alguns milhões de cruzados que nenhuma necessidade tinhamos de pagar... e que não pagámos.

Como quer que seja, foi para os dois um excellente negocio, o melhor porventura que reis de Portugal jámais fizeram. Reflectem, porém, espiritos ponderados, que para nós tambem foi assim melhor, pois sinão cairiamos na anarchia da republica, como as *republiquetas* que nos cercam...

Consolemo-nos, pois; si não gloriosa, foi commoda e pacatamente feita a nossa independencia. E si nos compendios officiaes da historia patria ha um capitulo com o titulo de

¹ Vide Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*.

Guerra da independencia é isso um méro abuso da hyperbole, de nenhum modo offensivo aos bons costumes.

Creio eu que n'essa guerra comprehendem os historiadores a expedição de Grenfell ao Pará.

Eis o caso: Proclamada a independencia nasceram naturalmente aqui, como nas demais provincias, duas facções, que partidos não eram, sendo uma pela metropole outra pela nova fórma, que ia tomar o Estado. Esta era, sem duvida, pela indicada falta de raizes na provincia a menos fórte. A portugueza si não tinha a superioridade numerica, tinha a de representar o elemento conservador (não confundir com o partido, que não existia) da provincia, isto é, além dos funcionarios e negociantes portuguezes, os proprietarios, capitalistas, negociantes e empregados administrativos brasileiros aos quaes nenhuma confiança inspiravam os agitadores como Patroni, Baptista Campos e outros. Estas duas parcialidades, uma não teve força para fazer a independencia sem Grenfell; outra não a teve para obstar que elle a fizesse.

Antes, porém, de contar a farça representada pelo marinho inglez, devo dizer para mostrar em que mãos se achava a causa da independencia paraense, de um movimento que a precedeu tentado pelos directores do partido a elle votado.

Após repetidas reuniões e conluios em casa do italiano Balbi (havemos de ver que os forasteiros estranhos á provincia, especie muito encontradiça em tempos de anarchia, abundaram no periodo que estudamos) os conjurados resolveram romper de vez no dia 13 de Abril de 1823. Uma força de cem homens de cavallaria e infantaria tomaria o quartel. Dous fogue-

tes annunciariam a victoria. A este signal o resto da cavallaria iria juntar-se com os dous regimentos de infantaria, cujos officiaes, como os do esquadrão, eram conniventes na revolta. Juntos que fossem tomariam outras medidas que as circumstancias aconselhassem afim de obterem o triumpho da causa da independencia. ¹

Até a conquista do 3.º regimento tudo correu pelo melhor. Ahi, porém, deu-se um caso caricato — é o adjectivo que lhe convém.

Chegando em frente do regimento formado no largo das Mercês, o Capitão Boaventura da Silva deu vivas ao Imperador D. Pedro I e á independencia, sendo estes vivas enthusiasmicamente correspondidos por todos. ² Vejamos agora como esses que tão enthusiasmicamente, segundo assevéra o Sr. Raiol, responderam aos vivas, se comportaram momentos depois.

« O major Francisco José Ribeiro — escreve o Sr. Raiol — vendo tão solemne pronunciamento até nas fileiras do 3.º regimento, voltando-se para os seus camaradas lhes bradou em altas vozes *que nunca elles deviam desprezar o pae pelo filho, pelo contrario, deviam conservar-se sempre fieis a D. João VI.* A taes palavras succedeu breve silencio e isto bastou para que elle declarasse com arrogancia que o 3.º regimento não queria a independencia do Brazil! E nem o Capitão Domiciano Cardoso, nem o ajudante Manoel Lourenço de Mattos, nem o Alferes

¹ *Motins*, vol. I, 46.

² *Ibid*, 46.

José Maria Martins, que tão bem tinham disposto este regimento a favor da revolução, se animaram a "fazer reviver o entusiasmo amortecido." ¹

Tudo isto é typico, e o facto de um major que não era sequer o commandante do batalhão, abafar com algumas palavras sandias o tal entusiasmo, prova bem o que elle valia. Mas ainda não é tudo.

Diante da referida attitude do 3.º regimento, Boaventura da Silva mudou de rumo na direcção do quartel da artilharia. No dia 14 estando os revoltosos preparados para a resistencia em frente ao quartel, appareceram na vanguarda do 1.º regimento o governador das armas e os Coroneis Villaça e Barata. Estando elles ao alcance das peças, um cadete, Bernal do Couto, quiz lançar fogo á peça que enfrentava a rua de Santo Antonio pela qual surgiram.

«A metralha, diz o Sr. Raiol, destroçaria-os infallivelmente; mas o Capitão Boaventura, que era o commandante em chefe dos revoltosos, oppôz-se, declarando não querer que se derramasse uma só gotta de sangue; com os braços crusados esperou a força inimiga. Sem a menor resistencia aproximou-se esta, e ao chegar ao largo de Santo Antonio, aproveitando-se do estado de adormecimento d'aquelles, o Coronel Barata *deu vivas a El-rei D. João VI, os quaes correspondidos*, deram o ultimo golpe na revolução.» ² Ao parecer, correspondiam a todos os vivas.

¹ *Ibid.*, 46.

² *Ibid.*, 47.

Taes eram ou pelo menos taes ressaltam do livro do Sr. Raiol os *patriotas* paraenses de 1823; e foram os seus nomes, ligados a tão tristes exemplos de imbecilidade e covardia, que a nossa geração achou para escrever nos cunhaes de toda uma série de ruas d'esta capital e fazer d'elles lemas de inscripções patrioticas! Façamos votos, todos os que não temos o senso moral pervertido, para que os nossos filhos nada queiram aprender d'elles.

A mallograda rebellião de 14 de Abril, não achou ainda écco — seis mezes depois do Brazil independente — na opinião publica, ou antes no povo. Os seus, em tudo infelizes promotores foram presos, e diz o Sr. Raiol que só escaparam á morte graças a uma indicação do futuro arcebispo da Bahia, o padre Romualdo Antonio de Seixas, presidente da junta provisoria paraense e dedicado á causa portugueza. Um dia d'estes leremos o seu nome entre os dos patriarchas da nossa independencia, como já lemos o de Baena.

N'essa indicação, ou melhor, memorial, o padre Seixas, depois de affirmar os seus *conhecidos sentimentos constitucionaes*, qualifica successivamente a mal sortida, mal e indignamente dirigida, mas em summa generosissima e nobre tentativa de independencia, de *intento criminoso, aggressão enorme, crime horroroso e reprovado, vertigem de dissidencia coberta com o especioso véo de pretendidos direitos, scisma politico*, movido por *seita contagiosa* (já alludiria á maçonaria?) *hydra monstruosa, execrando attentado*, acabando por chamar seus autores de *freneticos e miseraveis*. Oh! como estas, sim, miseraveis palavras d'este padre, teriam posto em sobreexcellente relevo aquelle movimento e seus fautores

si estes se tivessem mostrado na altura de apóstolos de tão nobre causa! Mas não; elles foram de uma tão rematada sandice e de uma covardia tão repulsiva, que apenas nos deixam lugar para a compaixão, sinão para o desprezo.

II

N'este entremente chegou ao Pará a nova da dissolução das Côrtes portuguezas e conseguinte restabelecimento do antigo regimen.

Conforme bem nota o Sr. Raiol, tres principios iam disputar-se a primasia: o restaurado absolutismo condemnado pelo espirito publico; o systema representativo portuguez, que suplantado ficava, podemos dizer, fóra de questão, ao menos para a colonia e a independencia do Brazil, que prolongava aqui o constitucionalismo da metropole. «Não existia, portanto, motivo algum — diz ingenuamente o Sr. Raiol — que pudesse justificar qualquer disposição hostil á independencia.»¹ Esta declaração do historiador obriga-me a perguntar: E si assim não fosse? Si houvesse esse motivo, isto é (si não percebo mal), no caso de continuar o constitucionalismo portuguez, haveria razão para hostilizar a independencia?

¹ *Ibid.*, 61.

Nenhum movimento significativo — a não ser a deliberação pacata de esperar ordens de El-rei — realisou-se, até que no dia 10 de Agosto chegou o Capitão-tenente John Pascoe Greenfell, no brigue de guerra *Maranhão*, com um official de lord Cockrane e outro da junta d'aquella provincia, exigindo todos que o Pará adherisse á independencia, affirmando Greenfell que atraz de si vinha uma esquadra, com o que houveram muito medo na cidade.

A junta paraense tomando de tudo conhecimento decidiu por grande maioria aceitar a independencia imposta, exarando na acta da respectiva reunião que era de suppor que os interesses de D. João VI se concilhassem com os de D. Pedro I.¹ Este final si não fosse a expressão inconsciente de uma simpleza quasi boçal, seria um dos mais soberbos epigrammas da historia. «Era de esperar, disseram os consules, que os interesses de D. João VI se concilhassem com os de D. Pedro I.» Não commento.

Resolvido isto, foi no dia 15 jurada a independencia e dois dias depois eleito o governo civil de accordo com os decretos do primeiro Imperador.

Vera e succintamente exposta é esta a historia do famoso 15 de Agosto, segundo a narração do Sr. Raiol. Confesso não enxergar n'ella vislumbre siquer das condições que o bom senso exige das épocas que havemos de glorificar. Adherindo á independencia, a provincia apenas dava um passo naturalissimo, nem

¹ *Ibid.*, 64.

ao menos benemerito de louvor, pois que o contrario seria uma traição, uma deserção vergonhosa. Entretanto, podia fazel-o a despeito da resistencia do elemento portuguez, combatendo-o e vencendo-o, e então seria gloriosissimo o seu acto. Infelizmente assim não foi; ella não fez a sua independencia nem siquer de motu e por esforço proprio adherio a do Brazil. Fizeram-lh'a e obrigaram-n'a a acompanhar as suas irmãs ameaçando-a com forças chimericas, e ella no seu amor pelo reino consolou-se na idéa verdadeiramente filial que os interesses de D. João se conciliariam com os de D. Pedro e vice-versa.

Ella soffrera todos os vexames dos dominadores, ella protestara por mais de uma vez pela boca de seus filhos mais illustres a sua devotação a Portugal, ella vira impassivel os seus deploraveis martyres da já referida jornada de 14 de Abril a sua passagem para a cadeia *escarnecidos e apupados pelos partidarios da metropole, alguns dos quaes chegaram até a expôr ao publico palmatorias e chicotes dependurados das janellas de suas casas*¹ ouvira um de seus filhos, padre, futuro bispo, taxar de attentado execrando o facto unico pelo qual, victoriosa ou derrotada, comtanto que soubesse como o rei francez salvar a honra, ella poderia entrar gloriosamente na historia — passára por isto tudo antes de aceitar a imposição de um Capitão-tenente da marinha ingleza ao soldo do Brazil.

Qual a moralidade que ha de tirar de tudo isto o histo-

¹ *Motins*, vol I, 59.

riador que acima de todas as considerações, de qualquer ordem que sejam, põe o que julga ser a verdade?

Que a independencia do Pará, com a do Brazil, foi um logro seguido de uma transacção, e debalde procurará n'essa época um elemento emmocial com que fazer vibrar as cordas do patriotismo. Apenas encontrará frases ôcas de uma rhetorica relaxada pelo uso que quando muito poderão accender um entusiasmo ficticio, ephemero como os rastros dos foguetes com que o manifestam.

Não ha duvidar, a dominação portugueza tirára tudo de nós, o nosso ouro, as nossas riquezas, o nosso brio, e quando por ultimo pareciamos querer affirmar o nosso direito a uma existencia livre e forte, ella ainda zombou de nós, enforcando os gloriosos rebellados de Pernambuco em 1817 e dando-nos para rei um principe seu em 1822.

Em 15 de Agosto de 1823, o Pará fez apenas o papel de méro figurante—e ainda assim, sinão a contragosto, um pouco obrigado—na comedia politica que se representava no paiz—comedia pela qual não tenho a minima admiração, como tambem não a tenho quer pelos protogonistas, quer pelos comparsas. ¹



¹ Este estudo está, como vê-se, incompleto. É de crer, entretanto, que o seja e venha a conclusão a fazer parte de novos estudos brasileiros.

Nota final

Os escriptos que formam o presente volume saíram, nas épocas indicadas, no «Liberal do Pará», «Diario do Gram-Pará», «Revista Brasileira» e «Revista Amazonica».

Cremos que não ha outras correcções a fazer no texto impresso, sinão: HOUVESSE, em lugar de HOUVER, na pag. VII e CRIEM em vez de CRÊEM á pag. 125.

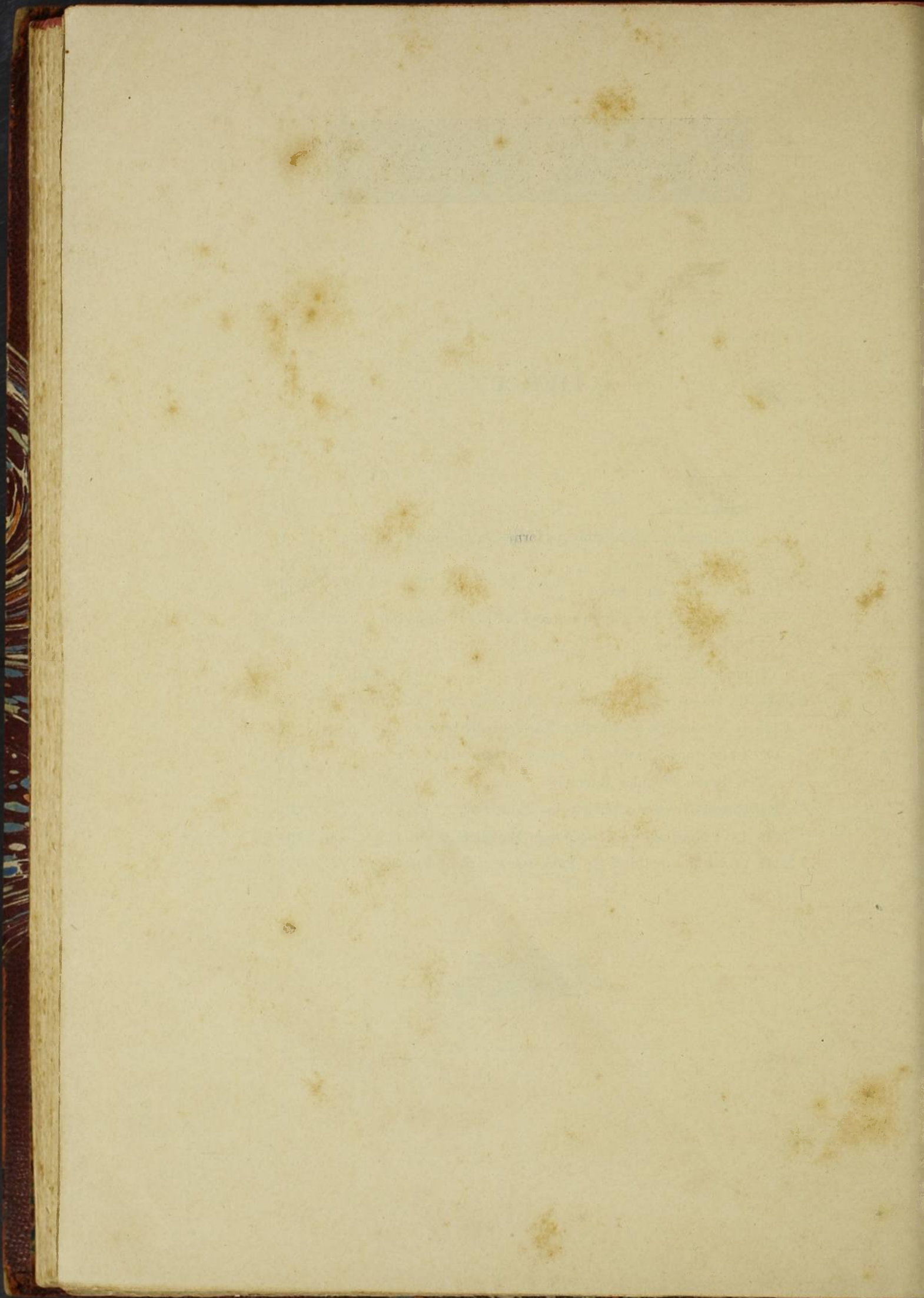
Si outras faltas escaparam, o leitor será assáz intelligente para corrigil-as e assáz benevolo para desculpá-las.

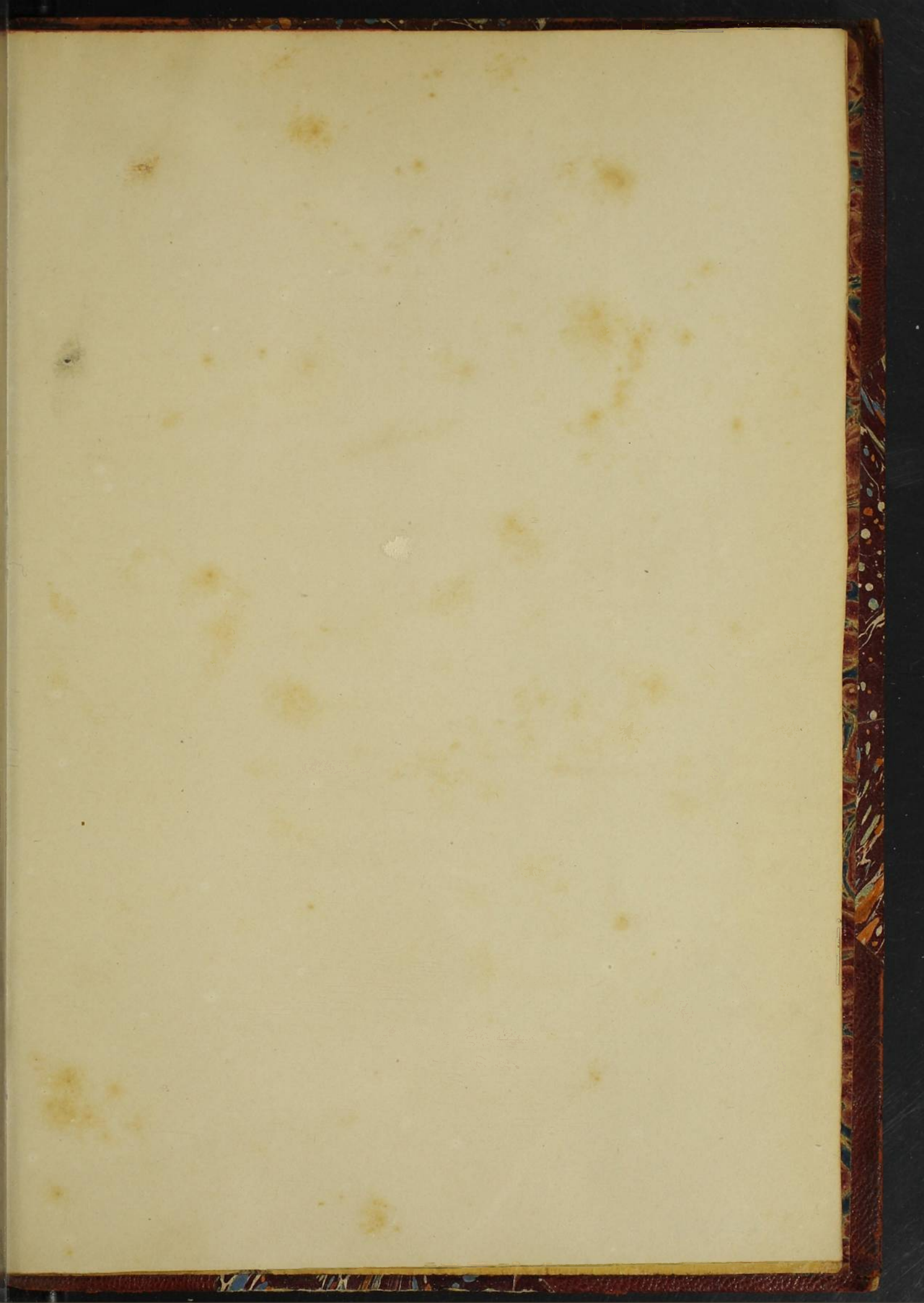


Indice

PREFACIO	V
I A Litteratura Brasileira sua formação e destino	1
II O Conto Popular.....	15
III O Lyrismo Brasileiro	25
IV A Religião dos Tupy-Guaranys.....	33
V Nas Malocas	61
VI Gonçalves Crespo	73
VII Os Idolos Amazonicos	95
VIII O Movimento Intellectual Brasileiro de 1873-83.....	111
IX Litteratura e homens de letras no Brazil.....	129
X A Poesia Popular Brasileira.....	139
XI Castro Alves e o poema dos <i>Escravos</i>	183
XII Do « Nacionalismo » na poesia Brasileira.....	191
XIII Os Motins politicos do Pará, seu espirito e character.....	201







19660

